

JOSÉ FRANCISCO TOMÁS

**PREVENÇÃO DO BULLYING EM COMUNIDADE ESCOLAR:
UM ESTUDO NUMA ESCOLA ANGOLANA**

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

**Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto**

Porto

2015

JOSÉ FRANCISCO TOMÁS

**PREVENÇÃO DO BULLYING EM COMUNIDADE ESCOLAR:
UM ESTUDO NUMA ESCOLA ANGOLANA**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, conferido pela Universidade Lusófona do Porto.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins

Arguente: Prof.^o Doutor Fernando Rodrigues Silva

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Data da defesa pública 11/12/2015

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

Porto

2015

EPÍGRAFE

“ Um dos maiores desafios da humanidade, postergado no século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. Infelizmente, estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais.”

Fante (2005, p. 20)

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares

AGRADECIMENTOS

A Deus, que muito nos amou e ama, e nos deu o melhor de si, a vida em Jesus seu filho, que também foi vítima de violência até à morte e nos ensinou a viver os valores da vida humana em sociedade, como a justiça, a tolerância, a compaixão, o bem, a paz e o Amor.

À Coordenadora do Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Lusófona do Porto, Professora Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins, pela amizade, compreensão, pela sua capacidade profissional e agradecendo a oportunidade que me deu.

À minha orientadora e amiga, Professora Doutora Nazaré Coimbra, muito mais do que orientadora. As suas virtudes humanas fazem de si uma extraordinária pessoa e profissional, que Deus a proteja e a recompense.

Aos professores, que tudo fizeram para o aprofundamento dos meus conhecimentos, em Ciências de Educação, e por terem partilhado comigo os saberes científicos e humanos, pois muito vos devo.

Aos colegas do Mestrado, pelos momentos difíceis e agradáveis de trabalho, colaboração, partilha e de convívio, lembranças.

Às pessoas amigas, que, direta ou indiretamente, me ajudaram e me encorajaram, sobretudo a Deolinda, Edite, Vilma, Sr. Dr. Inácio e sua esposa Elisabete e muitos outros.

Aos senhores Bispos em Benguela, D. Óscar Braga e D. Eugénio Dal Corso e, em Portugal, D. Albino Cleto, de feliz memória, e D. Virgílio Antunes, Bispo da diocese de Coimbra. Ainda aos senhores padres António Loureiro, Higinio Tchikola, José Dias Tumoma, António Carreira Alves e outros, que me incentivaram e ampararam.

Aos colegas e amigos de Curso de São Jerónimo, em Angola, em Itália, e nos Estados Unidos da América, pela história, companheirismo, cumplicidade e lembranças.

Ao colégio de Santa Doroteia no Lobito, em Angola, em especial aos alunos do décimo primeiro ano e seus pais/Encarregados de Educação, bem como à Diretora, a irmã Filomena, e ao senhor Ismael, Diretor pedagógico, pela grande ajuda e apoio.

A todas as crianças, adolescentes e jovens estudantes, que têm sido vítimas de bullying, para que, pouco a pouco, desapareça esse mundo de violência escolar.

Por fim, e de forma muito carinhosa, aos meus familiares, pais e irmãos, os dois de feliz memória: meu pai e meu irmão, pela história passada, presente e futura, por tudo.

Para encerrar esta galeria de agradecimentos, às minhas “pequenitas” Elisandra e sua mãe Ana, Desinha e sua mãe Helena, Vanessa e sua mãe Ivone, por aquilo que sois na minha vida e na minha história hoje... a todas um grande obrigado.

RESUMO

O estudo que se apresenta tem como objetivo analisar as percepções de estudantes, pais e encarregados de educação de uma escola angolana, do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de forma a prevenir o bullying, através do diálogo e da responsabilização, individual e coletiva, em comunidade educativa. A seleção da problemática do bullying deve-se ao facto de constituir um fenómeno preocupante, que tem vindo a aumentar os índices de violência na escola, contribuindo para o mal-estar de muitos alunos, face ao confronto entre vítimas e agressores, nos espaços interiores e exteriores da escola, em especial no recreio.

Neste sentido, concretizou-se uma pesquisa de natureza quantitativa, tendo sido elaborados e aplicados dois inquéritos por questionário, a estudantes e respetivos pais e encarregados de educação. O cruzamento dos dados obtidos permitiu confirmar que os respondentes, em relação a este problema, têm consciência da importância do diálogo, da empatia, da responsabilização e da informação/ formação dos membros da comunidade educativa. Globalmente, o professor é considerado essencial, na ajuda às vítimas e na prevenção de casos de bullying. Contudo, nem sempre há o necessário diálogo na família e muitos pais desconhecem o envolvimento dos filhos em situações de violência. Conclui-se, então, que a prevenção do bullying implica um trabalho conjunto entre a escola e a família, tendo por base o diálogo e o trabalho colaborativo, em comunidade.

Palavras-chave: Bullying; prevenção; comunidade escolar; estudantes angolanos do 2º Ciclo do Ensino Secundário; pais e encarregados de educação.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the perceptions of students and parents of a 2nd Cycle of a Secondary Education Angolan School, with the objective of preventing bullying, through individual and collective dialogue and accountability in the educational community. The selection of bullying for this study is due to the fact that it is a worrying phenomenon, which has been increasing the levels of violence in the school. This has contributed to the dissatisfaction of many students, given the confrontation between victims and perpetrators, in the indoor and outdoor school spaces, especially in the playground.

With the above presented objective, a quantitative research has been carried out, developing and applying two questionnaire surveys to students and their respective parents/caregivers. The analysis of the obtained data confirms that, in relation to the bullying issue, the respondents are aware of the importance of dialogue, empathy, accountability and information/ training of members of the educational community. Globally, the teacher is considered essential in helping victims and preventing cases of bullying. However, there is not always the necessary family dialogue, and many parents are unaware of the involvement of children in situations of violence. Then, it can be concluded that the prevention of bullying involves a joint effort between the school and the family, based on dialogue and collaborative work in the community.

Key-words: Bullying; prevention; school community; Angolan students of the 2nd Cycle of secondary education; parents and caregivers.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CES	Ciclo do Ensino Secundário
DEB	Departamento do Ensino Básico
DGEBS	Direção Geral do Ensino Básico e Secundário
DGIDC	Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
DL	Decreto-Lei
DR	Decreto Regulamentar
ME	Ministério da Educação
MEC	Ministério da Educação e Ciência
PAA	Plano Anual de Atividades
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
p.	página
PISA	Programme for International Student Assessment
pp.	páginas
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

ÍNDICE GERAL

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	15
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
CAPÍTULO I – COMPORTAMENTO DE BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR	19
1. O CONCEITO DE BULLYING	19
2. EVOLUÇÃO DO BULLYING DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA	20
3. OS INTERVENIENTES NO BULLYING	21
3.1. Os agressores	22
3.2. As vítimas	23
3.3. As testemunhas/ Os observadores	24
4. O BULLYING COMO FENÓMENO DE GRUPO	25
5. CONSEQUÊNCIAS DA DISSEMINAÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA	27
CAPÍTULO II – A PREVENÇÃO DO BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR	29
1. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DO BULLYING	29
1.1. O Diálogo como estratégia de prevenção	30
1.2. A Empatia como estratégia de prevenção	31
2. PREVENÇÃO DO BULLYING EM COMUNIDADE ESCOLAR	34
2.1. A intervenção dos professores	36
2.2. Trabalho conjunto entre a Escola e a Família	36
2.3. A concretização de Projetos de Prevenção	38
PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA	43
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DO ESTUDO	44
1. PROBLEMÁTICA	44
2. PERGUNTA DE PARTIDA	45

3. HIPÓTESES	46
4. OBJETIVOS	46
5. OPÇÕES E ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	47
6. FONTES E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	48
7. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	49
8. POPULAÇÃO E AMOSTRA	50
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES.....	51
1.1. Caracterização dos estudantes	51
1.2. Percepções de estudantes vítimas de bullying	52
1.3. Ajuda a estudantes vítimas de bullying	58
1.4. Atuação dos estudantes em episódios de bullying	61
1.5. Informação e formação no âmbito da prevenção do bullying.....	63
2. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	68
2.1. Caracterização dos pais e encarregados de educação	68
2.2. Percepções sobre o bullying e os filhos enquanto vítimas	69
2.3. Ajuda a estudantes vítimas de bullying	73
2.4. Percepções sobre o bullying e os filhos enquanto agressores	76
2.5. Informação e formação no âmbito da prevenção do bullying.....	78
3. SUGESTÕES PARA A PREVENÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA	83
3.1. Sugestões dos estudantes	84
3.2. Sugestões dos pais e encarregados de educação	85
CONCLUSÕES.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	91
APÊNDICES	I

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Medidas do programa de intervenção de Olweus	39
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos estudantes	51
Gráfico 2 – Sexo dos estudantes	52
Gráfico 3 – Vítima de bullying este ano letivo	52
Gráfico 4 – Vítima de bullying ao longo da escolaridade	53
Gráfico 5 – Relação da vítima de bullying com o agressor	54
Gráfico 6 – Local da escola onde foi vítima de bullying	55
Gráfico 7 – Contar que foi vítima de bullying	56
Gráfico 8 – Os pais contataram a Escola após bullying	57
Gráfico 9 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying	58
Gráfico 10 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying	59
Gráfico 11 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying	60
Gráfico 12 – Sentimentos quando vê um colega ser vítima de bullying	61
Gráfico 13 – Incomodou, insultou ou agrediu um colega	62
Gráfico 14 – Informação na escola sobre prevenção do bullying	63
Gráfico 15 – Quem informa os estudantes sobre o bullying	64
Gráfico 16 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying	65
Gráfico 17 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying	66
Gráfico 18 – Medidas para prevenir o bullying na escola	67
Gráfico 19 – Sexo dos pais/encarregados de educação	68
Gráfico 20 – Idade dos pais/encarregados de educação	68
Gráfico 21 – Profissão dos pais/ encarregados de educação	69
Gráfico 22 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying no presente ano	70
Gráfico 23 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying durante a escolaridade ...	71
Gráfico 24 – Como sabe quando o seu filho foi vítima de bullying	72
Gráfico 25 – Contato com a escola quando o seu filho foi vítima de bullying	73
Gráfico 26 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying	74
Gráfico 27 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying	75
Gráfico 28 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying	76
Gráfico 29 – Conhecimento de que o filho maltrata colegas na escola	77
Gráfico 30 – Informação sobre como prevenir o bullying	78
Gráfico 31 – Quem informa os pais/encarregados de educação sobre o bullying	79
Gráfico 32 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying	80
Gráfico 33 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying	81
Gráfico 34 – Medidas para prevenir o bullying na escola	82

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Vítima de bullying este ano letivo	52
Tabela 2 – Vítima de bullying ao longo da escolaridade	53
Tabela 3 – Relação da vítima de bullying com o agressor	54
Tabela 4 – Local da escola onde foi vítima de bullying.....	55
Tabela 5 – Contar que foi vítima de bullying	56
Tabela 6 – Os pais contataram a Escola após bullying.....	57
Tabela 7 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying	58
Tabela 8 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying	59
Tabela 9 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying	60
Tabela 10 – Sentimentos quando vê um colega ser vítima de bullying	61
Tabela 11 – Incomodou, insultou ou agrediu um colega	62
Tabela 12 – Informação na escola sobre prevenção do bullying	63
Tabela 13 – Quem informa os estudantes sobre o bullying	64
Tabela 14 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying	65
Tabela 15 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying	66
Tabela 16 – Medidas para prevenir o bullying na escola	67
Tabela 17 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying no presente ano	70
Tabela 18 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying durante a escolaridade	71
Tabela 19 – Como sabe quando o seu filho foi vítima de bullying	72
Tabela 20 – Contato com a escola quando o seu filho foi vítima de bullying	73
Tabela 21 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying	74
Tabela 22 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying	75
Tabela 23 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying	76
Tabela 24 – Conhecimento de que o filho maltrata colegas na escola	77
Tabela 25 – Informação sobre como prevenir o bullying	78
Tabela 26 – Quem informa os pais/encarregados de educação sobre o bullying	79
Tabela 27 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying	80
Tabela 28 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying	81
Tabela 29 – Medidas para prevenir o bullying na escola	82

INTRODUÇÃO

O interesse pela problemática do bullying e respetivas consequências tem surgido, com frequência, nos últimos anos, nos meios de comunicação social e nos discursos de diversos intervenientes e interlocutores das escolas, nomeadamente diretores, professores, psicólogos, pais, encarregados de educação e funcionários.

Desta forma, são atuais as razões, que justificam um olhar mais atento sobre esta problemática, que tem vindo a adquirir uma crescente relevância, no contexto das instituições educativas angolanas. Qualquer manifestação de violência influencia, evidentemente, o bem-estar, a saúde física e mental, bem como a capacidade de aprendizagem de crianças e jovens, instalando-se um ambiente de insegurança e medo.

O fenómeno do bullying está presente em praticamente todos os países, pelo que têm sido aplicados programas, para prevenção e redução deste fenómeno. As situações de bullying parecem ser comuns à maioria das escolas portuguesas, assim como às angolanas, ocorrendo tanto em meios socioeconómicos baixos, como em meios sociais mais elevados (Pereira, 2008; Veiga, 2007a). Não se trata apenas de um fenómeno que atinge minorias, mas crianças e jovens de todas as classes sociais, tanto no ensino público, como no privado. Como tal, têm surgido estudos sobre esta problemática, que abarcam, sobretudo, as escolas portuguesas, e menos as escolas angolanas (Fernandes & Seixas, 2012).

Assim, entre vários fatores, considerados importantes no desenvolvimento deste tipo de comportamentos, um dos mais referenciados é a falta de empatia, que o agressor ou agressores estabelecem com a vítima ou vítimas. Por isso, a empatia, promovida entre estudantes, pode contribuir para a prevenção de comportamentos violentos, ao reforçar positivamente as relações entre pares, tanto em ambiente de sala de aula, como fora da mesma, dado que é associada a comportamentos altruístas, de partilha e colaboração entre pares. Como as consequências do bullying afetam não só as vítimas, mas igualmente os agressores e ainda os observadores/as testemunhas, é essencial refletir sobre esta problemática, de forma a prevenir e criar condições de integração harmoniosa e de uma efetiva socialização das crianças e dos jovens (Salmivalli, 2010). A nível coletivo, o bullying fragiliza a segurança da escola, o que acaba por afetar o trabalho em sala de aula e a qualidade das aprendizagens, passando a escola a ser vista como um local de insegurança.

Não dar atenção a este fenómeno pode contribuir para o seu crescimento, com consequências graves, a nível pessoal e social. Pelo contrário, uma ação e intervenção antecipadas poderá ter efeitos imediatos, na prevenção e resolução desse fenómeno, evitando as consequências negativas, a curto e a longo prazo, que este tipo de violência

provoca no desenvolvimento de todos os envolvidos, desde a vítima ao agressor e, ainda, às testemunhas/observadores, para além das famílias.

Por isso, o interesse, que atualmente se tem vindo a notar em Angola, relativamente aos comportamentos de bullying, pode indicar uma maior visibilidade, que este fenómeno tem vindo a adquirir, nas sociedades de todo o mundo, bem como o aumento do número de estudantes, envolvidos em episódios de violência verbal e física, nas escolas.

Dado o crescente número de ocorrências de bullying, registado nas escolas angolanas, o que comprova, claramente, a existência de agressores e vítimas, que convivem diariamente, no mesmo espaço, é essencial refletir sobre a realidade da violência, física e psicológica, no ambiente escolar. Assim, atendendo à premência deste problema, que acontece nos espaços interiores e exteriores dos estabelecimentos de ensino, considere importante realizar um estudo, para analisar o fenómeno do bullying, numa perspetiva de prevenção. O importante é tentar compreender, em particular, a perceção de pais e estudantes angolanos, envolvidos (direta e indiretamente), em episódios de agressividade e violência, na respetiva comunidade escolar, de forma a atuar na prevenção de episódios recorrentes de bullying. Essa prevenção passa pelo trabalho conjunto entre Escola e Família.

De acordo com o estudo a realizar, especificam-se, de seguida, a Pergunta de Partida e o objetivo geral.

A **Pergunta de Partida**, que orientará a investigação, é a seguinte:

- De que forma é possível a prevenção do bullying, numa escola angolana, com 2º Ciclo do Ensino Secundário, através do envolvimento de estudantes, pais e encarregados de educação, em comunidade educativa?

Em concordância, define-se, como **objetivo geral** da pesquisa:

- Analisar as perceções de estudantes, pais e encarregados de educação, no 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, de forma a prevenir o bullying, através do diálogo e da responsabilização, individual e coletiva, em comunidade educativa.

No estudo a concretizar, na área das Ciências da Educação, será privilegiada uma abordagem predominantemente quantitativa. A pesquisa será efetuada no 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola particular da província de Benguela, em Angola, configurando um estudo de caso (Sousa, 2009).

Quanto à organização do trabalho, que a seguir se apresenta, contempla duas partes. A primeira parte corresponde à fundamentação teórica e a segunda à fundamentação empírica, cada uma com dois capítulos.

No **Capítulo I**, realiza-se uma breve abordagem do comportamento de bullying em contexto escolar, considerando o conceito e a respetiva evolução. Em acréscimo, são

caracterizados os intervenientes em episódios de bullying, nomeadamente os agressores, as vítimas e os observadores. No enquadramento do bullying, enquanto fenómeno de grupo, no meio escolar, analisam-se as consequências da disseminação do bullying, na escola.

O **Capítulo II** centra-se na prevenção do bullying. Neste capítulo, são analisadas algumas estratégias de prevenção do bullying, com enfoque no diálogo e na empatia, nas relações interpessoais entre estudantes e demais agentes educativos. Para uma efetiva prevenção, é analisada a importância da intervenção dos professores, o trabalho conjunto entre Escola e Família e a concretização de Projetos de Intervenção, que conjuguem os esforços dos membros de cada comunidade educativa escolar.

O **Capítulo III** inicia a segunda parte do trabalho, a fundamentação empírica, apresentando-se a problemática, a pergunta de partida, as hipóteses, os objetivos, as opções e estratégia metodológica, as fontes e os instrumentos de recolha de dados, bem como a contextualização do estudo de caso, a população e a amostra.

O **Capítulo IV** inclui a apresentação e análise dos resultados dos dois inquéritos por questionário, aplicados aos estudantes e respetivos pais/ encarregados de educação, de uma escola angolana. Os inquéritos por questionário incidem sobre as perceções e vivências dos sujeitos inquiridos, relativamente a episódios de bullying, e contemplam questões fechadas e uma questão aberta final, para registar as sugestões dos participantes.

Finalmente, nas **Conclusões**, são sintetizados os resultados obtidos, no estudo empírico realizado, sempre considerando as especificidades do contexto em análise, dado tratar-se de um estudo de caso.

Com esta pesquisa, esperamos dar uma pequena contribuição, para uma reflexão sobre as características e, sobretudo, formas de prevenção do bullying, em contexto escolar, no enquadramento do ensino angolano.

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I – COMPORTAMENTO DE BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR

1. O CONCEITO DE BULLYING

O termo “bullying” não é uma palavra portuguesa, mas um vocábulo anglo-saxónico, que, atualmente, designa um fenómeno mundial e afeta estudantes de todas as idades e classes sociais (Freire et al., 2006). Presentemente, assume elevadas proporções, nas escolas, criando muitas vezes um ambiente de desconforto social (Grossi & Santos, 2009).

O bullying ou vitimização acontece, em contexto escolar, quando um estudante é sujeito a comportamentos agressivos, de forma repetida e prolongada, no tempo.

O investigador Dan Olweus, um professor norueguês, pioneiro nesta área, que estudou o bullying e criou programas de prevenção, em relação a este fenómeno, definiu o bullying da seguinte maneira: “uma pessoa está a ser objeto de bullying, quando ele ou ela se encontra exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas” (Olweus, 1991, p.413).

Esta definição de bullying é adotada, internacionalmente, nos estudos científicos da área, como é afirmado pelos autores Freire e Aires (2012, p. 56):

“Nos últimos tempos, uma nova forma de violência escolar vem ganhando espaço nos noticiários de jornais e revistas e causando preocupações aos pais, educadores e à sociedade em geral. Esse tipo de violência, conhecido como fenómeno bullying, não é um acontecimento novo dentro das escolas, ele apenas tomou forma e ganhou nome específico, a partir dos anos 80, quando o estudioso norueguês Olweus (1993) definiu como bullying os atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorrem entre estudantes no contexto escolar”.

Os comportamentos de bullying podem ser traduzidos em agressões físicas (bater, pontapear), fazer caretas ou gozar, utilizando gestos de provocação ou, de forma intencional, excluindo alguém de um grupo. Assim, o bullying é usado para indicar um comportamento agressivo, de forma contínua e prolongada no tempo, englobando diversos níveis, desde o físico, ao psicológico e ao social. Na Escola, o comportamento agressivo repete-se intencionalmente, dirigido a um ou mais estudantes, sendo invariavelmente caracterizado pelo domínio do agressor sobre a vítima (Rivers et al., 2007).

Em trabalhos científicos, são ainda utilizadas outras expressões, referentes a este conceito, como “provocação/vitimização”, “intimidação”, “agressividade/violência”, “maus tratos entre iguais” e “violência entre pares”, entre outras (Matos, 2008)

Por sua vez, os investigadores Smith e Sharp (1998, cit. por Matos, 2008), apresentam uma classificação de diferentes formas de *bullying*:

- direta e físicas (bater, fazer tropeçar, tirar os pertences);
- verbais (chamar nomes e insultos raciais);
- indireta (revelar algum acontecimento comprometedor, ou ter alguma atitude de exclusão social).

Similarmente, Olweus (1994) considera duas classificações de bullying. Na forma direta de bullying é visível o ataque à vítima e, na forma indireta, não é visível a agressão. Contudo, o segundo caso não é de menor importância, já que o que está em causa é levar a vítima ao isolamento social. O mesmo autor (Idem) conclui que os rapazes são mais expostos ao bullying direto e as raparigas ao bullying indireto, implicando o isolamento social e/ou a tentativa de exclusão de um grupo.

Sublinhamos também o que Beane (2011) explicita, tanto para os rapazes como para as raparigas: a forma mais comum de bullying é a provocação, seguida de abusos físicos para os rapazes e de exclusão **social**, para as raparigas. Craig (1998) também concluiu, num dos seus estudos, que os rapazes sofriam mais agressões físicas do que as raparigas, e que os rapazes, vítimas com menor idade, sofriam mais agressões físicas e verbais, do que os rapazes mais velhos. Assim, pode-se afirmar que os rapazes usam mais os métodos diretos e as raparigas os métodos indiretos. A ocorrência desse fenómeno pode ocorrer em diversos espaços escolares: salas de aulas, corredores, cantina ou mesmo em locais do exterior da escola. Por outro lado, segundo Pereira (2008), nos estudos que realizou em Portugal, o recreio é o espaço onde, mais frequentemente, ocorrem episódios de agressão, humilhação e vitimização, verbais e não-verbais.

Em síntese, o conceito de “bullying” designa comportamentos e atitudes que afetam negativamente a parte física, psicológica e as relações sociais de um indivíduo, ocorrendo de forma intencional e continuada, com desequilíbrio de forças entre agressor e vítima.

2. EVOLUÇÃO DO BULLYING: DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA

No âmbito do estudo de comportamentos de bullying, confirmou-se a tendência de que esses comportamentos evoluem e modificam-se, paralelamente com o desenvolvimento da criança (Freire & Aires, 2012; Grossi & Santos, 2009).

Assim, na passagem da segunda para a terceira infância, desenvolvem-se as competências verbais, cognitivas e sociais da criança. Nesse período, as crianças tornam-se mais capazes de articular as suas necessidades e desejos, sem necessidade de recorrer, tão frequentemente, a estratégias agressivas. Whitney e Smith (1993), numa pesquisa com estudantes do 3.º ao 12.º ano, confirmaram esta tendência evolutiva dos comportamentos de bullying, ou seja, que os estudantes mais novos se envolvem, mais vezes, em incidentes

de bullying. Assim, a natureza e o tipo de comportamentos de bullying, em contexto escolar, variam consoante a idade e o desenvolvimento das crianças. Em consequência, estudos realizados com crianças do Ensino Básico apresentam resultados diferentes, dos obtidos em pesquisas com adolescentes do Ensino Secundário

Os comportamentos físicos de bullying declinam com a idade, ao mesmo tempo que aumenta a incidência dos comportamentos agressivos verbais. Na pré-adolescência, são mais relacionais e indiretos (Rivers & Smith, 1994). Quanto ao bullying sexual, este tende a evidenciar-se mais tarde, relacionando-se com o desenvolvimento da puberdade e com o aumento de interesse e das relações com o sexo oposto (Pellegrini, 2002).

Tendo em conta o facto de o bullying ser considerado socialmente reprovável, compreende-se que ocorra em locais de pouca ou inexistente supervisão de adultos. Em geral, sucede longe do olhar dos adultos, assumindo-se como secreto. Quando visível, é muitas vezes tolerado ou minimizado, o que dificulta o conhecimento das suas consequências, para as crianças e os jovens envolvidos (Lumsden, 2002).

Na realidade, existem poucas queixas ou relatos da ocorrência de situações de violência em contexto escolar. No que se refere aos agressores, tal sucede porque sentem a sua ação como reprovável. No que concerne às vítimas, o silêncio deve-se a vergonha ou medo de represálias, quanto aos observadores, porque toleram ou ignoram. Quanto aos pais ou encarregados de educação e professores, porque muitas vezes desconhecem o que sucede. Desta maneira, torna-se difícil o conhecimento das ocorrências de bullying e da respetiva evolução, no tempo e no espaço (Martins, 2007).

Em síntese, de acordo com as investigações mencionadas anteriormente, realizadas com estudantes de vários anos de escolaridade, os níveis de incidência dos comportamentos de bullying aumentam desde o início da escolaridade formal, até atingirem o seu máximo pelo 8º ano. A partir desse ano, e progressivamente, tendem a diminuir, até ao final da escolaridade obrigatória.

3. OS INTERVENIENTES NO BULLYING

Em qualquer comportamento de bullying existe sempre alguém que desencadeia um episódio (agressor ou agressores) e alguém que é alvo desse comportamento (vítima ou vítimas). Acrescem ainda outros elementos que, direta ou indiretamente, podem ou não intervir, que são as testemunhas ou observadores. Estes estão presentes ou têm conhecimento da existência do fenómeno, tomando ou não partido, em relação ao mesmo.

3.1. Os agressores

Os agressores “fortes” são aqueles que, frequentemente, implicam com os outros (Carvalhosa et al., 2009; 2001; Martins, 2005) batendo, arreliando ou fazendo atos desagradáveis sem razão, assumindo uma posição de líderes.

Os agressores, quanto aos seus perfis de bullying, denotam alguma diversidade, contudo, em geral, apresentam uma atitude de adesão à violência e recorrem ao seu uso com mais frequência do que os seus colegas.

Um dos aspetos distintivos dos agressores é não manifestarem empatia com as suas vítimas (Olweus, 1994). Neste papel, é mais frequente encontrar estudantes do sexo masculino. O agressor típico é aquele que inicia o bullying, assumindo um papel de liderança, tendo a tendência de ser mais forte fisicamente do que os seus colegas e as vítimas. Neste sentido, combinam o modelo de comportamento agressivo com a força física.

Em acréscimo, têm dificuldade em fazer amigos (Boulton, 1999) e sentem-se infelizes na escola. Normalmente, são rejeitados pela maioria dos companheiros de turma, sentindo-se colocados de parte, sendo crianças isoladas socialmente, como, muitas vezes, acontece com as suas vítimas (Carvalhosa et al., 2001).

Analisando os motivos que os conduziram a este perfil de agressores, para além de gostarem de dominar os outros, isto é, do poder, têm dificuldade em cumprir normas e em relacionar-se com os adultos. Consequentemente, o impulso do bullying dá-lhes satisfação, ao humilhar e fazer sofrer os outros, através de um comportamento agressivo (Boulton & Smith, 1994). Geralmente, os agressores possuem uma boa autoestima. A sua ideia de competência social é construída com base no domínio agressivo sobre os outros e no protagonismo, considerando-se superiores aos seus colegas mais fracos, o que lhes dá uma elevada autoestima. O seu poder é mantido, denegrindo e manipulando os seus pares, através de ameaças, retaliações e da sua superioridade física.

Um outro perfil de agressor corresponde, sobretudo, a rapazes assertivos, dinâmicos, bons comunicadores e populares (Rivers et al., 2007). Devido às suas competências sociais, as pessoas com quem convivem, no meio familiar e social, ficam muito surpresas quando descobrem que praticam atos agressivos de bullying.

Em maior número, os agressores não têm autoestima, nem relações de amizade positivas, ou bons desempenhos académicos e, desta forma, praticam atos de agressão.

Neste contexto, há a considerar alguma diferença entre rapazes e raparigas agressores, embora, em ambos os casos, utilizem uma linguagem mais diretiva. Todavia, diferenciam-se, pois os rapazes costumam chamar nomes insultuosos, em frente ao seu grupo de pares, confirmando o seu poder sobre as vítimas. Por outro lado, os rapazes mais facilmente perdem o interesse nas suas vítimas, se não estão ao seu alcance. Em oposição,

as raparigas agredem de várias maneiras e por diferentes razões. As raparigas cometem atos de bullying entre o seu grupo de amigos e conhecidos e, nos rapazes, verifica-se o contrário (Besag, 2006).

Em geral, os estudantes, envolvidos em agressões de bullying, segundo Smith e Sharp (1998), são agressores extrovertidos e socialmente confiantes. Os mesmos revelam pouca ansiedade ou culpa, são autossuficientes e prepotentes, e mostram uma atitude dominante e poderosa, no seu grupo de pares. Para estes estudantes, a agressividade serve como um modo de expressar a sua posição, no ambiente social e familiar.

3.2. As Vítimas

A vítima é toda e qualquer criança ou adolescente exposto à violência, de uma forma repetida e prolongada, no tempo e no espaço, sendo alvo da agressão de forma sistemática (Olweus, 2003; 1993). Nesta situação, todo o seu bem-estar e equilíbrio, na escola, será afetado. A vítima sente-se indefesa perante a agressão, vivendo num ambiente de mal-estar e de medo (McGrath, 2007). Em resultado, revela pouca confiança na interação entre pares, pouca habilidade de se autoafirmar e muitas dificuldades em gerir as reações agressivas. Neste sentido, a continuidade da agressão vai contribuir, ainda mais, para o agravamento do mal-estar da vítima.

Segundo Orpinas e Horne (2006), podemos distinguir três tipos de vítimas, que se descrevem seguidamente, com base em diversos autores (Amado & Freire, 2002; Carvalhosa et al., 2009; Didaskalou, Andreou & Vlachou, 2009;):

- 1) O primeiro tipo é a **vítima passiva**. Trata-se de crianças e jovens que apresentam algumas características que as tornam alvos fáceis de agressão, por terem poucos amigos ou nenhuns, amizades que não duram, não responderem a insultos e serem tímidas e ansiosas. Como sinais identificadores, podem apresentar sotaque, vestirem-se de maneira diferente, em relação à maioria, e pertencerem a grupos minoritários. Por vezes, são estudantes com necessidades educativas especiais. As características, previamente mencionadas, aumentam a probabilidade de estes estudantes serem alvos de bullying. As vítimas passivas, ou vítimas genuínas, caracterizam-se pela baixa auto estima, alguns problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, ansiedade, insegurança, medo dos agressores, vulnerabilidade). Muitas vezes, revelam-se incapazes de se defender, e, com frequência, pertencem a famílias que os superprotegem.

- 2) O segundo tipo é a **vítima provocativa**. Estas vítimas têm comportamentos inadequados, que são interpretados como comportamentos provocantes e irritantes. Muitas vezes, mantêm o seu comportamento irritante, com o objetivo de alguém os atacar, para poderem queixar-se como vítimas. Este papel caracteriza alunos que são, simultaneamente, vítimas e agressores. Globalmente, mostram-se irritantes e impulsivos, reagem com agressão a qualquer provocação, são impopulares e os mais rejeitados. Alguns têm diagnósticos de hiperatividade, distúrbios de conduta, ou outros de foro psiquiátrico (segundo a classificação do DSM-IV) e foram, anteriormente, vítimas de maus tratos na família (Whitney & Smith, 1993).

- 3) O terceiro tipo é a **vítima de bullying relacional**. Na maioria das vezes, as raparigas tornam-se vítimas deste tipo de bullying, ao serem excluídas de grupos e sujeitas a brincadeiras humilhantes. As vítimas podem reagir às agressões de duas formas. Ou sofrem em silêncio, perdendo a autoestima e a confiança, ou tornam-se agressoras, em atitude de revolta pelo seu sofrimento.

Um dos problemas que se verifica, em muitos casos de bullying, é o silêncio, pois a vítima e as testemunhas dos maus-tratos não os denunciam. Beane (2011) enumera algumas razões que levam as vítimas a não apresentarem queixa dos maus tratos. Assim, as vítimas não querem expor-se e não querem ser consideradas “queixinhas”, por alguns adultos, professores e funcionários, que mostram pouco interesse. Em acréscimo, receiam que a intervenção dos adultos piore a situação e voltem a ser agredidas ou insultadas.

3.3. As testemunhas/Os observadores

A testemunha, o observador ou o espetador é o terceiro elemento no bullying, podendo desempenhar várias funções. Pode participar na agressão, incentivando o agressor, pode somente observar e depois afastar-se, ou pode ainda atuar em defesa da vítima, intervindo ou chamando um adulto. Genericamente, os observadores são todos aqueles que se dão conta do que se passa ou ficam a saber, mas não se querem envolver.

Em relação às testemunhas de uma agressão, por exemplo, Thompson et al. (2003, cit. por Salmivalli, 2005) identifica quatro papéis participativos, que podem ser desempenhados pelos estudantes, enquanto espetadores ou testemunhas:

- 1) Os que se envolvem ativamente na agressão, ou seja, apoiam o agressor;
- 2) Os instigadores, que funcionam como espetadores e reforçam o comportamento agressivo, num episódio de bullying
- 3) O que defende ou defensor, que mostra apoio e solidariedade, direta ou indireta, à vítima, e intervém para pôr fim à agressão;
- 4) O que se afasta do cenário da agressão, por indiferença ou medo.

Por seu lado, Orpinas e Horne (2006) identificaram dois grupos de observadores, os que são parte do problema e os que são parte da solução.

Para os dois autores (Idem), os primeiros (parte do problema) incentivam os agressores a continuar a agredir, a humilhar e a instigar, reforçando as ações de agressão, por parte do agressor. São os que apoiam e seguem passivamente os agressores líderes, os que se riem e agitam, criando uma audiência ao agressor. Por isso, têm características similares às dos agressores, mas menos atenuadas. Alguns, quando afastados do grupo de agressores, deixam de participar, ou fazem-no com menos frequência, em situações de bullying (Martins, 2007; Salmivalli & Voeten, 2004).

Os observadores, que fazem parte da solução, tentam defender as vítimas e dissuadir os agressores. Neste papel de apaziguamento, destacam-se estudantes do sexo feminino, bem como estudantes com grande popularidade e relações de amizade. Esses estudantes são capazes de convidar um colega, que é vítima, aceitando-o no seu grupo de amigos (Orpinas & Horne, 2006). Existe também, muitas vezes, algum sentimento de culpabilidade, em alguns observadores, por não serem capazes de parar os episódios de agressão. Muitas vezes, temem ser eles as próximas vítimas, dos elementos mais agressivos, pelo que preferem não interferir. Este papel fundamental, do grupo de colegas, deve ser considerado na implementação de medidas de prevenção e combate ao bullying.

Assim, o envolvimento ou não de um observador, numa ação de bullying, tem a ver com a influência dos elementos do grupo com quem convive. Um estudante pode sentir empatia pela vítima, e até estar contra o bullying, mas, mesmo assim, juntar-se à agressão, pelo desejo de continuar a manter o seu lugar e a segurança no seu grupo de colegas. Por isso, é muito importante analisar a influência do grupo, o que será realizado seguidamente, dado que condiciona o papel dos membros, em situações de bullying (Salmivalli, 2010).

4. O BULLYING COMO FENÓMENO DE GRUPO

Em geral, o foco de atenção das investigações sobre os comportamentos de bullying, como fenómeno de grupo, recai, particularmente, sobre dois grupos de estudantes, que têm

um envolvimento mais direto e ativo, os agressores e as vítimas, cujas características apresentamos anteriormente.

Como em qualquer outro comportamento humano, o bullying manifesta-se sempre num contexto específico, que é preciso ter em conta, tendo como centro os dois intervenientes, a vítima e o agressor. Por isso, para além da influência individual, é preciso ter em conta a capacidade de influência do grupo, num contexto social mais alargado, no âmbito do envolvimento entre os alunos (O'Connell, Pepler & Craig, 1999; Pellegrini, 2002). Assim, dada as oportunidades que os espaços das escolas (recreio, refeitório, corredores) proporcionam para o convívio e/ou confrontos entre colegas, é fundamental ter em consideração os papéis que os pares desempenham, na presença de incidentes de bullying.

Um melhor conhecimento dos comportamentos e ações dos estudantes, enquanto grupo, pode possibilitar a implementação de estratégias de prevenção e intervenção eficazes. Por isso, é importante olhar para este problema, enquanto fenómeno social abrangente, num jogo de forças entre o agressor e a vítima, que se desenrola num grupo (Fontaine & Réveillère, 2004).

A análise dos papéis que os pares desempenham, não individualmente, mas no meio do grupo a que pertencem, é essencial, pois a atuação do grupo pode incentivar ou desencorajar o incidente e a sua repetição, frequentemente entre o(s) mesmo(s) agressor(és) e a(s) mesma(s) vítimas (s). Por exemplo, é importante que, no recreio, o professor observe, com atenção, os grupos de pares que se formam, dado que 85% dos casos de comportamento de bullying acontecem no recreio (Craig & Pepler, 1995). Quando os professores os observam, apenas intervêm 11% das vezes, o que reforça o poder e a impunidade dos estudantes agressores (Idem), que se sentem à-vontade para continuar com comportamentos agressivos.

É importante referir que todos os alunos podem estar, de alguma forma, envolvidos no bullying, mesmo que não agridam ou sejam diretamente vitimizados, mas, simplesmente, porque se encontram presentes no mesmo espaço. Por isso, alguns estudos têm focado esse aspeto, considerando o bullying como um fenómeno inserido numa dinâmica grupal (Chen & Yve, 2002; Craig & Pepler, 1995).

Importa também destacar que, olhando para os diferentes comportamentos e reações, mesmo a atitude de ignorar o incidente pode ser interpretada pelo agressor como uma aprovação do seu comportamento. As reações vão desde medo e indiferença a uma espécie de consentimento tácito, que motiva os agressores para a continuação da agressão. Neste contexto, é de realçar “a importância de programas de prevenção e intervenção, que se focalizem no papel dos pares” (Olweus, 2003, p.15).

Quanto aos papéis, que podem ser desempenhados pelos colegas, tal como analisado anteriormente, podemos identificar estudantes que se associam ao agressor e o

auxiliam, em envolvimento direto; estudantes que reforçam os ataques dos agressores, sem envolvimento direto, assistindo, apoiando e rindo; estudantes que defendem a vítima; estudantes que assistem passivamente, como meros espetadores, com receio de também serem vitimizados (Jeffrey, 2004).

Em resumo, é consensual a perspectiva de que o bullying é um fenómeno de grupo, no qual o comportamento dos pares influencia (em alta ou em baixa) o aumento ou a diminuição desses mesmos comportamentos. O grupo deve ser assumido como uma unidade de análise, incluindo todos os subgrupos e não apenas os agressores, e tendo ainda em conta o contexto escolar.

5. CONSEQUÊNCIAS DA DISSEMINAÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA

A disseminação do bullying tem consequências desastrosas, para os principais envolvidos no cenário (agressor, vítima), a curto ou a longo prazo, podendo tornar-se uma bola de neve (Pereira & Pinto, 1999).

São muitas as consequências negativas da disseminação do bullying e da vitimização, entre as quais se enumeram o isolamento e exclusão social, entre pares, da vítima, bem como baixa auto estima, ansiedade, depressão, e até casos de suicídio (Freire et al., 2006). Torna-se cada vez mais visível o isolamento e a exclusão de muitos jovens, nas escolas (Matos, 2008). Nas suas investigações, Card (2003, cit. por Salmivalli, 2005) comprovou que a vitimização estava relacionada com problemas de internalização, externalização, evitamento e fobia escolar, baixos rendimentos escolares e uma elevada insatisfação escolar. Acrescentam-se altos níveis de sintomas psicossomáticos, entre jovens estudantes vítimas de agressão, sendo estes bastante acentuados. A disseminação do bullying está igualmente relacionada com problemas de rejeição, que influenciam e reduzem a qualidade das relações interpessoais (Freire et al., 2006).

Um aspeto recorrente da disseminação do bullying diz respeito às crianças e aos jovens vitimizados, que consideram, muitas vezes, que a causa dessa situação é devida a alguma característica negativa ou depreciativa de si próprias, tomando uma de duas opções. Ou contam a alguém o que aconteceu, ou nada revelam. Neste último caso, os estudantes que nada contam costumam sofrer muito mais, do que aqueles que exteriorizam os seus problemas. Por isso, o diálogo com professores e familiares poderá proteger os estudantes de influências negativas e de ocorrências de bullying (McGrath, 2007).

Em contexto escolar, Bukowski e Sippola (2001, cit. por Salmivalli, 2005) sugeriram que fenómenos de bullying e vitimização não têm apenas influências negativas para o

próprio indivíduo, mas igualmente no grupo ou turma. A título de exemplo, quando, de uma forma sucessiva, ocorrem fenômenos de agressão, e os membros ou observadores se insurgem contra o bullying, reprovando esses comportamentos, esses jovens estarão a desempenhar um papel decisivo, na diminuição ou erradicação desse fenômeno de agressão, no contexto da sua escola e turma.

É preciso não esquecer que, a esse respeito, Picado (2009) afirma que o bullying tem consequências negativas, por vezes irreversíveis, nas vítimas, nos autores e nas testemunhas, contaminando o ambiente onde se desenvolve.

Em primeiro lugar, as crianças ou adolescentes que sofrem de bullying, segundo as suas características e os meios de ajuda que têm, correm o risco de ficarem totalmente ou parcialmente traumatizados. Assim, poderão crescer com sentimentos negativos, particularmente com baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento interpessoal. No futuro, poderão assumir, também, comportamentos agressivos (Ferreira et al., 2010; Picado, 2009). Além disso, ficarão afetados no seu rendimento e sucesso escolar, pois a maioria das vítimas evidencia descidas no seu aproveitamento na escola, de acordo com estudos realizados (Costa & Pereira, 2010).

Em segundo lugar, as consequências do bullying podem ser desastrosas para os autores, devido a toda uma aprendizagem de violência, que pode resultar em delinquência. Muitos autores de bullying transportam, para a vida adulta, comportamentos antissociais, assumindo atitudes agressivas, no seio familiar e em comunidade.

Por último, as testemunhas ou observadores sentem-se, muitas vezes, afetados pelo ambiente de tensão e ansiedade, mostrando-se inseguros e amedrontados, face ao que pode acontecer, sobretudo por temerem vir a ser as próximas vítimas, como referimos anteriormente. Por isso, estas pessoas têm maior probabilidade de sofrerem sintomas de depressão e baixa autoestima, na idade adulta (Idem).

Assim sendo, é essencial prevenir e diminuir comportamentos de bullying em contexto escolar, o que será analisado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II - PREVENÇÃO DO BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR

1. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DO BULLYING

Nos dias de hoje, é evidente que o bullying é um problema escolar e extraescolar, a nível mundial, que afeta muitas crianças e adolescentes. Neste contexto, o estudo deste problema, das suas causas e consequências, poderá ajudar a encontrar estratégias para a sua redução e sobretudo prevenção.

Por isso, torna-se necessário aplicar estratégias conjuntas e organizadas, envolvendo os elementos da comunidade educativa e incluindo o poder local, a Autarquia. Apenas a partir de um trabalho conjunto, devidamente planificado, de acordo com as características de cada comunidade educativa, será possível a prevenção e o combate ao bullying (Serrate, 2014, p. 12):

“Trata-se essencialmente do desenvolvimento de atitudes que vão simultaneamente favorecer um bom crescimento da personalidade e um bom rendimento escolar. Por outro lado, a escola não deve mostrar qualquer tipo de tolerância em relação a provocação ou intimidação escolar. Estamos a falar de um problema atual e cada vez mais frequente nas escolas, e cujas consequências são extremamente gravíssimas, por isso, é um fenómeno que não deve ser menosprezado. Neste sentido, a escola deve adotar uma atitude muito clara, firme e exemplar para o resto dos alunos.”

Como afirmam os investigadores Cunha e Weber (2010, p. 72), em concordância com a opinião dos autores citados anteriormente, “apesar da assunção comum de que esta forma de violência no espaço escolar seja normativa e inofensiva, durante a infância e adolescência, esse é um (...) fator de risco importante, diante das consequências e custos para os envolvidos e para a sociedade.”

Consequentemente, em relação às estratégias de prevenção e/ou redução, o primeiro passo é o reconhecimento, por todos, de que o bullying existe, em contexto escolar, e de que não deve ser tolerado, mas sim erradicado e prevenido. De nada vale fazer de conta que não acontece, apenas porque, frequentemente, não é visível, dado que tende a ocorrer em recantos mais escondidos da escola, quando nenhum adulto se encontra presente. Como mencionado anteriormente (cf. Cap.I), uma vez que o bullying é reprovado socialmente, tende a ocorrer em locais sem supervisão de adultos (Lumsden, 2002).

Outra estratégia importante é a divulgação do conjunto complexo de fatores, que alimentam e que inibem o bullying, junto do grupo de pares e da comunidade. Exemplificando, esclarecem os mesmos autores (Idem), que um adolescente pode responder com violência ao sentir-se frustrado, pelo facto de não alcançar algo que efetivamente deseja, ou em consequência de maus resultados escolares, ou ainda por os pais não o terem deixado sair com os amigos, configurando uma grande diversidade de situações, capazes de despoletarem uma situação de bullying.

Em associação com as estratégias anteriores, concretamente o reconhecimento de que o bullying não deve ser tolerado, e a divulgação dos fatores, que incitam ou que obstam à ocorrência de episódios de bullying, é importante identificar os sinais de que um estudante está a ser vítima de violência, a fim de realizar uma prevenção adequada. Atendendo ao frequente silêncio da vítima e do agressor, é preciso que, no ambiente escolar, os educadores estejam atentos a alguns sinais (Almeida, Silva & Campos, 2008):

- **a nível comportamental** - mudança de comportamento, mostrando medo, insegurança, ansiedade, irritabilidade, má vontade ou recusa em ir para a escola, isolar-se e não contar nada do que se passa na escola, perder frequentemente dinheiro e alguns pertences, aparecer com roupas, mochila, livros e cadernos em mau estado, entre outros;
- **a nível de desempenho escolar** - menos participação e empenho nos trabalhos académicos, surgindo a fobia escolar (medo intenso de estar na Escola), com consequente aumento de faltas de assiduidade e pontualidade e frequente descida nas avaliações escolares.

As estratégias de prevenção mais eficazes centram-se **no diálogo e na empatia**, ou seja, no investimento em **relações interpessoais positivas**, de uma forma conjunta e coordenada, em colaboração com as partes envolvidas, desde a escola, (professores, alunos e funcionários), à família, (pais/ encarregados de educação) e à comunidade. Esta abrangência é reforçada por Caldeira e Veiga (2011), uma vez que o desenvolvimento da criança é afetado, não só pelas características pessoais, mas também por todo ambiente que o rodeia, no contexto familiar escolar e social. Por isso, uma intervenção conjunta, traduzida numa mediação focalizada no diálogo, pode evitar ou reduzir ações de agressão, quer no recinto escolar, quer no caminho casa – escola – casa.

1. 1. O Diálogo como estratégia de prevenção

É indiscutível que o diálogo, entre as partes envolvidas, no que se refere ao bullying, constitui um dos fatores essenciais na prevenção e diminuição do mesmo, como

referimos no item anterior. Nesse diálogo, devem participar todos os que, direta ou indiretamente, estão envolvidos e podem fazer parte da solução.

Como defendem Fernandes e Seixas (2012), através do diálogo é possível promover um maior compromisso de crianças, adolescentes e educadores, para uma convivência baseada no respeito mútuo. Interessa um diálogo construtivo e democrático, como forma de prevenção. Esse diálogo deverá ter, como suporte, os regulamentos de cada instituição de ensino, os quais deverão contemplar possíveis ocorrências de bullying nas escolas. Deste modo, os autores consideram o diálogo e as normas como suporte estratégico e pedagógico, no combate e na prevenção da violência escolar.

Em acréscimo, os alunos, desde muito novos, devem ser ensinados a ter comportamentos pró-sociais e a aperfeiçoar capacidades verbais, para lidar com o bullying. O aperfeiçoamento de competências sociais positivas, interpessoais e de comunicação, é essencial, a fim de os estudantes serem capazes de gerir, com eficácia, a complexidade de situações sociais, com que se deparam no dia-a-dia (Caldeira & Veiga, 2011).

No geral, os estudantes parecem beneficiar, positivamente, de uma aprendizagem sobre como exprimir sentimentos, emoções, e de resolução de problemas, entre os quais a prevenção e combate ao bullying. É, na verdade, um dos meios que contribui para a abertura ao diálogo e o fortalecimento do auto estima. Neste sentido, o diálogo torna possível a construção de relações positivas com pais, encarregados de educação, alunos, professores e funcionários da escola, através do desenvolvimento de competências linguísticas, de compreensão e expressão oral e escrita, sempre no respeito pelo outro. O domínio da comunicação verbal pode ser uma forma de reduzir a ansiedade social e o isolamento, permitindo, aos alunos, explorarem os seus sentimentos e os dos seus colegas. Através do diálogo, os alunos podem, ainda, funcionar como mediadores e intervir em diversas situações de disputa, briga e zanga, de modo a disponibilizarem a sua ajuda, no propósito de encontrar uma solução negociada e pacífica (Idem).

Assim sendo, o diálogo constitui um instrumento de prevenção do bullying, através do reforço da proximidade entre os alunos, permitindo definir, expor e debater o problema, procurando consensos e uma plataforma de entendimento entre os envolvidos. O diálogo será ainda, simultaneamente, uma forma de comunicação, capaz de criar empatia e resolver conflitos de pequena ou grande dimensão.

1.2. A Empatia como estratégia de prevenção

Sabe-se que o bullying é um fenómeno expandido por todo o mundo, sendo considerado uma das formas mais prejudiciais da violência entre pares, devido ao seu

caráter sistemático, intencional e prolongado no tempo. A empatia tem sido uma das propostas, para diminuir a agressividade e o comportamento social.

A relação entre a empatia e o comportamento agressivo tem sido estudada por vários investigadores. Assim, a proposta empática é considerada um contributo para redução do comportamento agressivo. Alguns agressores de bullying são considerados socialmente competentes, com capacidades para compreender os outros, mas faltam-lhes as habilidades empáticas, ou seja, a capacidade de apreciar as consequências emocionais do seu comportamento, em relação aos outros (Raimundo & Pinto, 2007; Engert, 2002). Há outros autores que registam uma inteligência sem sentimentos nos agressores, acrescentando que a visualização da dor, nos outros, ainda os incentiva a agredir mais (Coie, 2004; McGrath, 2007). Neste caso, a falta de empatia assume-se como um risco, pela incapacidade de sentir a dor causada nos outros, ao passo que a empatia resultará num fator de proteção. Assim, os indivíduos com muita empatia são considerados como capazes de, emocionalmente, preverem as consequências negativas do seu comportamento, para com os outros. Consequentemente, estabelecem relações mais saudáveis, com os seus pares (Nickerson et al., 2008).

Na generalidade, a empatia aparece ligada à promoção de comportamentos positivos, como o comportamento de ajuda e prevenção, e à redução dos comportamentos antissociais, incluindo agressão e delinquência. Assim, a capacidade de o indivíduo se colocar no papel do outro contribui para resolução positiva de problemas. Quando é adotada a posição do outro, em situação de conflito, de dor ou de vítima, melhor é compreendida a sua posição, o que previne atos de agressão. Este sentimento de responsabilidade afetiva atua, quando o comportamento agressivo causa dor e angústia na vítima.

A empatia, para redução do comportamento agressivo, pode funcionar através de dois processos de atuação (Fernandes & Seixas, 2012):

- O primeiro processo diz respeito à **componente cognitiva** e age através da capacidade de “se colocar no lugar do outro”, o que contribui para que o aluno compreenda e tolere outras opiniões e atitudes, dando mais espaço ao diálogo e menos à agressividade.
- O segundo processo baseia-se na **componente afetiva** da empatia, através da qual os agressores podem experienciar a dor da vítima e impedir a sua própria agressividade, evitando o estresse emocional, ou diminuir o sofrimento da vítima. Colocar-se no lugar do outro influencia a forma como a provocação é interpretada, o que pode reduzir a raiva (Idem).

Os pais, como primeiros responsáveis pela promoção da empatia na criança, podem aproveitar os momentos em que a criança interage com os outros e as ocasiões em que surgem situações de violência, para despertar, na criança, as consequências desses

atos negativos, na vida de ambos (agressor e vítima). Referindo-se aos pais, Hoffman (2000) destaca que estes, como primeiros agentes, na promoção da empatia na criança, deveriam aproveitar os momentos em que a criança interage com os outros e, nas situações em que ocorrem experiências de dor ou dano, mostrar à criança que está a causar dor e as consequências desse comportamento nos outros.

“O resultado (a partir de redes de socialização, na família e na escola) é uma rede de experiências integradas, que fornecem matéria-prima, a partir da qual as crianças podem construir um sentido cada vez mais complexo de justiça e preocupação com os outros, baseado em empatia. Com a linguagem, elas podem classificar certos atos como moralmente errados, injustos, e eventualmente considerá-los de forma mais geral, mas sempre reportando, empaticamente, aos princípios da justiça” (Idem, p. 17, tradução nossa).

Num estudo realizado com estudantes italianos, dos doze aos catorze anos, Gini et al. (2006) constataram que os baixos níveis de empatia eram atribuídos aos alunos envolvidos em ações de bullying, principalmente aos rapazes. Em contraste, as ações de ajuda a vítimas eram positivamente associadas a altos níveis de empatia.

Os estudantes que tomavam a atitude de defender as vítimas de bullying eram competentes em habilidades sociais e morais, possuindo níveis altos de respostas empáticas. Em oposição, a falta de um sentimento de empatia pode estar associado a problemas de regulação e autocontrole emocional, que podem conduzir a comportamentos agressivos. Por isso, Pavarino et al. (2005) consideraram a importância da empatia, no desenvolvimento e ajustamento psicossocial da criança.

Os comportamentos empáticos não ocorrem com frequência, atendendo normalmente, à competitividade. Daí a necessidade de programas de desenvolvimento sócio-emocional das crianças e jovens. Esses programas têm sido realizados em alguns países (Inglaterra, França, Espanha, EUA), onde os valores da não-violência são difundidos e assumidos, tal como o exercício de habilidades empáticas e comportamentos pró-sociais. É evidente que essas medidas também necessitam do envolvimento dos pais, pela importância do meio familiar, na construção dos valores na criança.

Importa ainda dizer que as crianças, que revelaram comportamentos empáticos, em relação a uma vítima de bullying, também são aqueles que mais facilmente poderiam intervir, para pôr fim a esse tipo de ação negativa. Nickerson et al. (2008) defendem que a promoção da empatia poderá ser importante para a mudança de um papel dos observadores de bullying, que poderão passar a uma atitude de intervenção positiva, numa perspectiva ético-moral (Hoffman, 2000).

De forma similar, os autores Jolliffe e Farrington (2011) realizaram pesquisas que lhes permitiram considerar que o desenvolvimento da empatia contribui para a inibição de

comportamentos violentos e promove o aumento dos comportamentos pró-sociais. Defendem que, na ausência de empatia, o sujeito age mais livremente, sem pensar nas consequências dos seus atos. É neste sentido que se aponta, aos agressores de bullying, falta de empatia, como Olweus (1994) já tinha aludido.

Os autores Jolliffe e Farrington (2011) apontam níveis inferiores de empatia entre os que cometeram atos de bullying, tanto rapazes como raparigas, embora essa diferença não se verifique na dimensão cognitiva da empatia. Mais uma vez, como registado anteriormente, repete-se que é a incapacidade de experienciar as emoções do outro, que caracteriza os agressores, e não a incapacidade de compreender as emoções das vítimas. Os rapazes e as raparigas, envolvidos em bullying, apresentam baixos valores de empatia, em particular na dimensão afetiva.

Em termos gerais, a ausência de empatia aparece ligada à prática de comportamentos agressivos. É uma das características, que tem sido apontada aos agressores de bullying, o que conduziu a que muitas intervenções de inibição e redução de bullying incluam medidas de promoção da empatia, que levem as crianças e os jovens a perceberem os efeitos emocionais dos seus comportamentos, nas vítimas de bullying, promovendo a assertividade, a cooperação e a tolerância entre pares.

2. PREVENÇÃO DO BULLYING EM COMUNIDADE ESCOLAR

Na comunidade escolar, Caldeira e Veiga (2011) referem que a relação estabelecida entre professores e alunos, a organização da escola, bem como o modo como são geridos os casos de indisciplina são fatores que afetam o comportamento dos alunos. Embora os fatores individuais e familiares possam estar na origem do bullying, será a influência do ambiente escolar que determinará a continuidade ou interrupção dos mesmos.

Como afirmam os investigadores Cunha e Weber (2010, p. 72), é preciso contextualizar a violência, que ocorre na comunidade escolar:

“E não é demais lembrar algo que pode parecer óbvio: a violência não está restrita aos muros da escola, e esta está certamente relacionada ao contexto social em que se insere. Isso não quer dizer que a escola e seus membros possam isentar-se de sua responsabilidade de transformação da sociedade. (...) É em meio a este contexto que professores, estudantes, famílias e demais protagonistas da educação trabalham para avançar no desenvolvimento do processo educacional, na esperança de construir um futuro melhor. Diante disso, a violência, seja na comunidade, na família ou na escola, deve ser enfrentada em todas as suas formas. Um primeiro passo é reconhecer sua existência, buscando os contextos e situações em que a violência possa estar “escondida” ou silenciada. A partir desse primeiro passo, que é possivelmente o

mais difícil, a escola pode pensar em estratégias efetivas de intervenção e prevenção.”

De acordo com os autores, a violência escolar não pode ser considerada de forma descontextualizada, mas atendendo ao seu enquadramento numa comunidade educativa, e à inserção desta, por sua vez, no meio local, a que pertence.

As intervenções direcionadas para toda a comunidade educativa, a fim de prevenir o bullying nas escolas, envolvem o trabalho com crianças e jovens, pais e encarregados de educação, funcionários da escola e comunidade em geral, no sentido de melhorar o clima da escola. A base dessa intervenção assenta no desenvolvimento de crenças e atitudes que inibem o bullying, abrangendo todo um conjunto de medidas que valorizem um ambiente de coexistência pacífica na escola. Essas medidas, segundo Fernandes e Seixas (2012) abrangem quatro fases:

- 1- Diagnóstico e conscientização;
- 2- Implementação;
- 3- Monitorização;
- 4- Avaliação.

A nível institucional, o primeiro passo a dar na implementação de qualquer intervenção, refere-se ao **diagnóstico da situação**, para determinar a natureza e extensão deste fenómeno na escola. É também fundamental uma avaliação dos níveis de frequência, seriedade e tipos de comportamento manifestados, locais de ocorrência, prevalência de anos de escolaridade e género sexual. Para tal, os instrumentos de recolha de dados mais adequados são os inquéritos por questionário anónimos, dirigidos a alunos, professores e funcionários, com posterior divulgação e discussão, na escola, dos resultados obtidos.

A **implementação de programas de prevenção**, para além da discussão de resultados relativos a inquéritos por questionário, aplicados aos elementos de uma comunidade educativa, deverá ainda contemplar sessões de debate e esclarecimento, monitorização dos espaços da escola, sobretudo daqueles sinalizados previamente como de risco, e implementação de um gabinete de mediação, com horário de atendimento aos alunos (Formosinho & Simões, 2001).

Esta implementação apenas será conseguida com o envolvimento de toda a comunidade educativa, pelo que a fase de monitorização abarca, igualmente, uma apreciação processual do envolvimento (ou não) de alunos, professores e pais/encarregados de educação, bem como da concretização e evolução processual do próprio programa de prevenção.

Como tal, a **auto e heteroavaliação do programa de prevenção** é essencial, para descortinar os pontos fracos e fortes do mesmo, visando a máxima eficácia no combate ao bullying (Fernandes & Seixas, 2012).

2.1. A intervenção dos professores

Os professores, que trabalham numa determinada escola, constituem parte essencial da resposta à resolução do bullying, através de um esforço conjunto de prevenção e erradicação da violência, na instituição de ensino onde trabalham.

Todavia, podem, também, inadvertidamente, contribuir para a manutenção do bullying, se mantiverem baixos níveis de intervenção, o que pode servir de reforço aos alunos agressores, sobretudo se os seus comportamentos passarem impunes. Desta maneira, torna-se essencial que os professores aprendam a lidar com estes incidentes, em vez de os ignorar, desenvolvendo um plano de ação junto dos alunos, de forma a assegurar que estes saibam o que fazer, numa situação de bullying (Formosinho & Simões, 2001; Serrate, 2014).

Em consequência, relativamente à formação inicial e contínua docente, esta deve abranger uma diversidade de domínios, desde um treino especializado em métodos de gestão de crise, resolução de conflitos e mediação, a adaptação curriculares e planeamento de aulas com temas específicos. Ademais, o professor deve ser capaz de coordenar a implementação de regras e sanções na sala de aula, efetuar a supervisão dos espaços escolares, interiores e exteriores à sala, formar grupos de trabalho heterogéneos, evitando desequilíbrios a nível cognitivo e a exclusão de crianças e jovens. Ainda no contexto de sala de aula, é igualmente muito importante a concretização de atividades que, intencionalmente, promovam o desenvolvimento de relações saudáveis entre pares, potenciando a empatia entre os alunos (Fernandes & Seixas, 2012). Em Angola, começam a ser efetuados programas de intervenção especialmente nas áreas de formação dos professores, nas intervenções curriculares e no programa de mediação entre pares.

Neste contexto, o professor deve ser o adulto responsável, capaz de detetar problemas, na hora de se aproximar dos protagonistas do conflito e de exercer um papel de mediador, de forma a intervir, solucionar e prevenir episódios de bullying. Desta maneira, os professores devem ser considerados parte integrante da solução dos episódios deste tipo, que ocorrem na escola (Olweus, 1994).

2.2. Trabalho conjunto entre a Escola e a Família

O trabalho conjunto entre escola e família é necessário e imprescindível, dado que é nele que reside parte do sucesso da prevenção de episódios de bullying. Para uma

intervenção bem-sucedida nesta área, é crucial, através da proximidade e do diálogo, o incentivo a um empenhamento mais ativo, por parte dos pais e encarregados de educação. Este envolvimento tem sido considerado decisivo, na maior parte dos trabalhos que abordam as estratégias de intervenção, face ao bullying (Fernandes & Seixas, 2012).

O trabalho conjunto entre escola e família deve incluir as atividades desenvolvidas no seio da família, com o intuito de melhorar o conhecimento e a compreensão acerca dos comportamentos de bullying, de forma a prevenir o abuso e os maus-tratos. É de salientar a necessidade de sensibilizar a família para a existência deste fenómeno, começando pelo reconhecimento dos sinais de alarme, que os seus filhos possam manifestar, enquanto potenciais vítimas ou agressores.

Por isso, os pais/encarregados de educação, desde que devidamente informados e sensibilizados, podem também ajudar os filhos/educandos a desenvolver estratégias protetoras e/ou de evitamento, face ao bullying. Outra estratégia, sugerida aos pais/encarregados de educação, passa pela avaliação de oportunidades, para o fortalecimento de talentos nos filhos/educandos, que melhorem a sua autoestima. Isso pode ser feito com a participação em atividades musicais e desportivas, em que a criança e o jovem evidenciem habilidades (Matos, 2008; Pereira & Pinto, 1999).

A escola pode, por exemplo, convidar os pais e encarregados de educação para sessões informativas, com a finalidade de os habilitar em diferentes domínios, designadamente sinais de alerta, assertividade, técnicas educativas parentais e controlo dos impulsos, entre outros. Por outro lado, as reuniões e conferências concretizadas na escola, a fim de divulgar o programa de intervenção e respetivas atividades, motivando os pais e encarregados de educação, a participarem no seu planeamento e realização, constituem um passo importante, no estabelecimento de uma efetiva parceira entre a escola e a família.

Desta forma, a partir de um enfoque ecológico ou sistémico, as ações para prevenir o bullying devem considerar a comunidade, incluindo as famílias. É de realçar que os pais são, conjuntamente com os profissionais da educação, os adultos que maior contacto mantêm com os adolescentes e os jovens. Consequentemente, é indispensável que conheçam os fatores protetores e de risco, relacionados com o bullying.

A cooperação dos pais e encarregados de educação é imprescindível para resolver o problema da violência na escola, permitindo quebrar o ciclo da violência, que muitas vezes se perpetua em alguns estabelecimentos de ensino (Caldeira & Veiga, 2011). Por isso, desde a infância, é fundamental o papel da família, e do diálogo entre pais e filhos, para o desenvolvimento e a construção da personalidade da criança.

Contudo, a resolução de conflitos não se aprende em apenas uma hora por semana, de atendimento na escola, pois trata-se de um trabalho contínuo, no qual devem participar ativamente as famílias. Assim sendo, é relevante criar uma relação mais próxima

entre a escola e a família, incentivando uma cooperação estreita, que permita trabalhar em conjunto, para a prevenção e eliminação do bullying, Uma das formas para se conseguir esta proximidade é através de reuniões de formação e informação, frequentes e diversificadas, tais como (Idem):

- Reuniões individuais entre o professor tutor e o(s) pai(s) da vítima ou agressor;
- Reuniões individuais entre o professor tutor e o(s) pai(s) da vítima e do agressor, envolvidos num episódio de bullying;
- Reuniões gerais em que participam os pais e todos os alunos da escola;
- Reuniões da Associação de Pais.

Entre outras propostas ou medidas são de realçar a formação de professores, já referida anteriormente, e a criação e distribuição de material informativo (folhetos para pais e alunos). As Associações de Pais e de Estudantes, em alguns países, estão encarregues de estabelecer meios para que a informação sobre o fenómeno de bullying escolar seja acessível a todos, através de folhetos com uma linguagem simples e direta, acessível aos estudantes e demais público, a que se destina (Serrate, 2014).

Há assim, um conjunto complexo de fatores, a nível da escola, da família, das turmas e da comunidade, que poderão ocasionar ou inibir episódios de violência na escola. Por isso, é necessário o empenho de todos, na prevenção e no combate ao bullying.

2.3. A concretização de Projetos de Prevenção

A concretização de projetos de prevenção é essencial para a diminuição e a desejada erradicação do bullying, existente nas escolas.

Como referido anteriormente, Olweus foi pioneiro no combate ao bullying em contexto escolar, tendo desenvolvido uma campanha a nível nacional, no seu país, a Noruega. Numa fase inicial do seu diagnóstico, envolveu todas as escolas com estudantes dos 7 aos 14 anos, com o apoio do Ministério da Educação. Numa segunda fase, o seu programa de intervenção foi implementado nas escolas de Bergen, envolvendo 2500 estudantes, dos 12 aos 15 anos (Pereira, 2008).

Ao descrever as medidas do seu programa, Olweus (1994) indicou as condições essenciais para a implementação do programa, incluindo o diagnóstico prévio da situação e a necessidade de envolvimento.

O Quadro 1 apresenta uma descrição das medidas propostas pelo investigador referido (Idem), com as condições fundamentais para a implementação do programa.

Quadro 1- Medidas do programa de intervenção de Olweus

Sistematização das medidas do programa de intervenção de Olweus	
Pré-requisitos	Apoio da direção da instituição de ensino.
	Envolvimento do corpo docente no programa de intervenção.
	Envolvimento das associações existentes na escola (Associação de Estudantes e de Pais).
Medidas a nível de Escola	Diagnóstico da situação feito por questionário aos estudantes (antes e após a intervenção).
	Dia de conferência sobre problemas de agressão e vitimização (para estudantes e professores).
	Melhor supervisão durante os recreios e a hora de almoço.
	Tornar mais atrativos os recreios escolares.
	Criação de contato telefónico de emergência.
	Reuniões entre professores e pais.
	Criação ou reforço da Associação de Pais da Escola.
	Criação ou reforço da Associação de Estudantes da Escola
	Discussão em grupos de pais de agressores e vítimas.
	Mudança de turma ou de escola, em casos mais graves de bullying.
Medidas a nível da sala de aula	Regras de classe contra o bullying e estabelecimento de sanções pelo incumprimento das regras estabelecidas. Atividades de classe “positiva”, com reforço, pelo professor,
	Soluções regulares de classe, para apresentação de problemas e soluções dos mesmos,
	Dramatizações sobre bullying.
	com trabalhos realizados em pequenos grupos, entreajuda entre estudantes e valorização do processo e não apenas dos resultados, pelo professor.
	do comportamento positivo e não dos aspetos negativos do comportamento.
	Reuniões do professor da turma com os pais dos estudantes.
Medidas	Conhecimento da Conversa “séria” com os agressores e as vítimas.

Fonte: Olweus (1994, p. 64) – adaptação.

Este programa, implementado em vários níveis, incluiu sessões educativas e de sensibilização da comunidade escolar:

- Aos professores, foram distribuídas informações, indicando os objetivos do projeto e sugestões de atividades a desenvolver, em sala de aula, visando um ensino ativo, direcionado para a valorização de comportamentos positivos, de respeito pelas diferenças e entreajuda, entre crianças e jovens;
- Aos pais de alunos, vitimizados ou agressores, foram divulgadas informações de ajuda e prevenção, com instruções concretas, que incentivavam ao diálogo com os filhos e educandos e entre a família e a escola;
- Para os alunos, foram criados espaços de diálogo e atendimento, sobre a prevenção de episódios de violência e o fortalecimento de relações interpessoais positivas entre pares.

Numa perspectiva processual, o investigador considera um desenvolvimento sequencial, desde o diagnóstico, passando à indicação dos objetivos propostos e sugestões de atividades a desenvolver. Todo o programa passou pela implementação de um conjunto de medidas, desenvolvidas em vários níveis: escola, sala de aula, individual e família.

Deste modo, o programa de Olweus (1994) privilegiou o envolvimento de todas as partes envolvidas, desde a escola, enquanto organização com um clima e uma cultura, aos pais e estudantes, vítimas, agressores e observadores. A nível de prevenção, foi dada uma maior atenção aos espaços de recreios, tornando-os locais mais atrativos e mais seguros. A supervisão dos recreios foi reforçada, com a presença de mais funcionários, para apoiarem e acompanharem os alunos, e garantirem a sua segurança e bem-estar.

Uns anos depois da intervenção, tendo por base o programa, explicitado anteriormente, foi feita uma avaliação em que se verificou uma redução de metade das ocorrências de bullying, particularmente quanto à “exclusão do grupo de pares”, assim como em “agredir os outros”. Mais tarde, já no segundo ano de intervenção, foi possível verificar mais mudanças positivas, no comportamento dos alunos, relativamente à ocorrência de bullying. Em geral, registaram-se melhorias no comportamento em sala de aula e nas relações sociais. Em acréscimo, verificou-se uma diminuição do número de crianças que foram vítimas ou agressoras, assim como no surgimento de potenciais vítimas.

Outro projeto, que vale a pena salientar, surgiu no Reino Unido, coordenado por Smith, que criou, similarmente, um programa de intervenção para a prevenção e redução do bullying, também em finais do século XX (Smith & Sharp, 1998). À semelhança da proposta de Olweus (1994) influenciou, decisivamente, a forma de encarar, prevenir e atuar, face a situações de violência nas escolas. Tratou-se de um projeto que envolveu cerca de 6.000 alunos, dos 11 aos 16 anos de idade (Pereira, 2008). A condição essencial do programa era o envolvimento de toda a escola no projeto “Whole School Policy antibullying”, extensível a um conjunto alargado de escolas.

Cada escola, com base na sua própria situação, definia a especialidade do seu projeto específico, incluindo as medidas a aplicar. Entre as mesmas, destacam-se (Idem):

- Discussão e diálogo sobre temas ligados ao bullying, integrados no currículo;
- Técnicas de “role play”, para promoção do envolvimento dos estudantes;
- Trabalho específico com as vítimas (treino de assertividade);
- Trabalho específico com os agressores (método preocupação-partilha);
- Tribunal de escola;
- Aconselhamento e mediação entre pares;
- Melhoria do espaço e equipamentos do recreio, nas suas componentes físicas, e na vigilância nos momentos de intervalo das aulas;
- Melhoria do acompanhamento e apoio aos alunos, em todos os espaços escolares, interiores e exteriores.

Desta forma, a partir do envolvimento da comunidade educativa, no combate ao bullying, cada escola definiria as suas estratégias de atuação, segundo a especificidade do meio escolar. Consequentemente, não haveria um único modelo, mas um conjunto de medidas opcionais, a selecionar e aplicar, segundo o contexto.

No que concerne o nível curricular, são de mencionar algumas mudanças, na dinâmica da sala de aula, através da utilização de vídeos, análises de histórias e técnicas de “role play”. Assim sendo, o objetivo de envolver os próprios alunos conduziu a que fossem os próprios a detetar os problemas e a contribuir para a sua solução.

Quanto às vítimas, foi instituído um plano de treino sobre relações interpessoais, a fim de melhorar e desenvolver competências sociais, que de algum modo as vítimas pareciam precisar. O reforço da assertividade revelou-se importante para a constituição de melhores relações no grupo de pares e uma interação positiva (Gini et al., 2006).

Por outro lado, no trabalho específico com os agressores é referenciado o método de “preocupações partilhadas” (Pereira, 2008, p. 88), baseado na qualidade de interação entre o observador e o aluno suspeito de estar a agredir os colegas. Neste projeto inglês, interessava que o aluno agressor procurasse o seu caminho, no sentido de uma escolha consciente de ações construtivas. Deste modo, este método, que se baseia na relação entre educador e agressores, procurava convencer o estudante agressor a assumir a sua culpabilização, no ato de agressão, e a contribuir, positivamente, para a resolução do problema. É também de salientar a importância dada ao recreio, com a melhoria das suas condições, tornando-o mais atrativo, interessante e seguro, para as crianças e jovens que o frequentam, no intervalo das aulas (Smith & Sharp, 1998).

Este programa foi avaliado no início (diagnóstico) e depois de dois anos de intervenção (ponto de chegada), através da aplicação e análise de questionários. Segundo

os dados obtidos, verificou-se uma maior redução da vitimização nas escolas primárias (1º ciclo), do que nas escolas secundárias.

Tanto na Noruega como no Reino Unido, os programas saldaram-se em resultados muito positivos, visto que se reduziu o número de vítimas e de agressores de bullying, prevenindo-se, igualmente, a existência de novos casos. Um ponto muito importante foi a avaliação do processo e dos resultados, o que evidenciou a possibilidade de utilização em novas situações, concretamente em outras instituições educativas (Pereira, 2008).

Em síntese, para o sucesso dos programas anteriormente descritos, foi decisivo o envolvimento dos elementos das comunidades educativas envolvidas, bem como o conhecimento prévio da situação e o fato de cada escola desenvolver a sua política de intervenção, adaptada à sua realidade. Assim sendo, é fundamental a consciência dos problemas e o envolvimento de todos na sua solução, para que se verifiquem mudanças positivas, quanto à diminuição e prevenção do bullying.

A seguir, inicia-se a segunda parte deste trabalho, na qual será apresentada a metodologia do estudo e concretizada a análise dos resultados.

PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DO ESTUDO

Na primeira parte do estudo, procedeu-se à apresentação da revisão da literatura, de acordo com o tema selecionado para a investigação, de forma a definir conceitos e analisar estudos e teorias, confrontando as opiniões de diversos autores e os resultados de estudos, anteriormente realizados, sobre o bullying.

Na segunda parte, que se inicia, respeitante ao estudo empírico, apresenta-se, neste capítulo, o desenho da pesquisa, englobando a problemática, a pergunta de partida, as hipóteses, os objetivos, as opções e estratégia metodológica, as fontes e os instrumentos de recolha de dados, a contextualização do estudo e, por último, a população e a amostra.

1. PROBLEMÁTICA

A problemática do bullying, em contexto escolar, e das suas consequências, para todos os envolvidos, desde alunos, a funcionários, professores e encarregados de educação, tem-se afirmado como um dos problemas prioritários da educação, a resolver em todos os países, incluindo em Angola. Apesar da urgência em prevenir e erradicar as manifestações de bullying das escolas, públicas e privadas, tal não tem sido fácil, pelas características de que se reveste este fenómeno, na sociedade atual (Pereira, 2008).

Em primeiro lugar, o bullying traduz-se em episódios de violência, normalmente silenciosos, pois as vítimas e os agressores evitam a exposição, os primeiros pela vergonha e medo de mais violência, em retaliação, os segundos pela escolha de lugares escondidos e coação sobre a vítima, para que esta permaneça calada. Em segundo lugar, a maioria dos professores e encarregados de educação vive no desconhecimento de situações de bullying que, todos os dias, afetam muitos dos seus alunos e educandos (Veiga, 2007a). A razão é faltar o necessário diálogo entre alunos, pais e educadores, que permita uma abordagem deste problema, o que propicia a sua continuação, em ambiente escolar.

Por isso, o primeiro passo é o reconhecimento, pela sociedade, pelos pais e encarregados de educação, e pelas escolas em geral, de que o bullying existe, é prejudicial e não pode ser permitido. Às escolas cabe a responsabilidade maior de envolver todos os membros da comunidade na não-aceitação do bullying, privilegiando a informação e a prevenção, de forma a erradicar, de vez, a sua ocorrência.

Por isso, os pais e encarregados de educação, bem como os alunos, devem participar, em conjunto com professores, psicólogos e demais educadores, em ações de prevenção de bullying. Entre as medidas, consideradas mais eficazes, encontram-se a supervisão dos espaços escolares, em especial do recreio, e o trabalho com os alunos e as turmas, para o desenvolvimento de competências sociais, de gestão de conflitos, de empatia e colaboração entre pares, de modo a proteger os alunos mais vulneráveis (Olweus, 1994).

Desta forma, são pertinentes as razões que justificam um olhar mais atento sobre esta problemática, a qual tem vindo a adquirir uma crescente relevância, no contexto das instituições educativas angolanas, públicas e privadas.

Qualquer manifestação de violência influencia diretamente o bem-estar, a saúde física e mental, bem como as capacidades de aprendizagem, de crianças e jovens, pois instala-se um ambiente de insegurança e medo. É essencial refletir e discutir este problema, uma vez que as consequências do bullying afetam todos os envolvidos, incluindo as vítimas, os agressores e os observadores/as testemunhas, a fim de promover a socialização e empatia entre todos (Salmivalli, 2010). De facto, a nível coletivo, o bullying fragiliza os alunos, em especial as vítimas, e compromete a sua aprendizagem, afetando a qualidade do ensino e o clima escolar (Costa & Pereira, 2010).

A prevenção do bullying passa, então, pelo trabalho conjunto entre Escola e Família, através da concretização de Projetos de Prevenção, os quais não são ainda muito comuns em Angola. Embora já se verifiquem algumas ações de prevenção, estas limitam-se a atividades esporádicas, propostas em função de um aumento de casos de bullying, numa determinada escola, faltando uma ação sistemática, a desenvolver em comunidade.

Esta constitui a problemática do presente estudo, o qual focaliza um dos mais graves problemas, nos dias de hoje, das escolas angolanas, e para o qual desejamos contribuir, com a nossa modesta reflexão e discussão.

2. PERGUNTA DE PARTIDA

Na pesquisa científica, é essencial questionar a realidade, através de uma questão globalizante, que orientará toda a investigação a efetuar (Tuckman, 2005).

Assim sendo, através da pesquisa, pretende-se obter resposta para a Pergunta de Partida, destacada anteriormente, na Introdução, e que se relembra:

- De que forma é possível a prevenção do bullying, numa escola angolana, com 2º Ciclo do Ensino Secundário, através do envolvimento de estudantes, pais e encarregados de educação, em comunidade educativa?

3. HIPÓTESES

No que se refere à formulação das hipóteses, considerou-se a opinião dos investigadores Quivy e Campenhoudt (2008) e Tuckman (2005), de que a organização de uma pesquisa científica, em torno de hipóteses de trabalho, constitui uma das melhores formas de a conduzir, com ordem e rigor. Desta forma, com a definição de hipóteses, enunciam-se respostas possíveis ao problema (Sousa, 2009).

Assim, as quatro hipóteses, a confirmar ou a infirmar, são as seguintes:

- **Hipótese 1** – A maioria dos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, esteve envolvida, no último ano letivo, 2015/16, em episódios de bullying, como vítima, agressor ou testemunha.
- **Hipótese 2** – A maioria dos pais e encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, revela desconhecimento sobre episódios de bullying, ocorridos em contexto escolar.
- **Hipótese 3** – O diálogo e a responsabilização de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, possibilita a prevenção do bullying.
- **Hipótese 4** – O diálogo e a responsabilização dos pais e encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, favorece a prevenção do bullying.

4. OBJETIVOS

Em concordância com a Pergunta de Partida e as Hipóteses, recorda-se o **objetivo geral** da pesquisa, tal como explicitado na Introdução:

- Analisar as perceções de estudantes, pais e encarregados de educação, no 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, de forma a prevenir o bullying, através do diálogo e da responsabilização, individual e coletiva, em comunidade educativa.

Quanto aos objetivos específicos, foram considerados os seguintes:

- Perspetivar o bullying, como fenómeno de violência física e psicológica, no contexto das comunidades escolares angolanas;
- Identificar as principais características dos estudantes vítimas de bullying, dos estudantes agressores e das testemunhas de episódios de violência, em contexto escolar;
- Relacionar a falta de diálogo entre alunos, pais e encarregados de educação, com a ocorrência do bullying na escola;
- Confrontar as perceções de alunos, pais e encarregados de educação, sobre a influência do diálogo e da responsabilização, na prevenção do bullying, numa escola angola, no 2º Ciclo do Ensino Secundário;
- Analisar a importância de mais informação e formação sobre o bullying, num trabalho colaborativo entre a escola e a família, na perceção de alunos, pais e encarregados de educação, de uma escola angolana, do 2º Ciclo do Ensino Secundário.

5. OPÇÕES E ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A seleção da metodologia de investigação implica que o investigador faça uma seleção e planificação do que pretende pesquisar, considerando o “conhecimento como construção em processo, sobre um real também ele em processo” (Bessa, 2005, p. 82).

Na metodologia deste estudo predomina **uma abordagem quantitativa**, tendo por finalidade atingir os objetivos definidos e verificar as hipóteses enunciadas previamente.

A metodologia quantitativa apresenta, como característica determinante, o facto de os métodos e os processos serem específicos e pré-determinados. Assim, inclui amostras amplas e estratificadas, a maioria apresentando seleção aleatória e grupo de controlo; recolha e tratamento de dados objetivos; quantificação e generalização de resultados, através de inquérito por questionário, como instrumento de recolha de dados preferencial; confirmação ou infirmação de hipóteses, previamente construídas e distanciamento do investigador, não participante (Sousa, 2009; Tuckman, 2005).

Além disso, trata-se de um **Estudo de Caso**, pela análise pormenorizada de uma situação particular. Na definição de Stake (2009, p. 11) o Estudo de Caso “é o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua atividade, no âmbito de circunstâncias importantes.” Neste entendimento, realizamos um Estudo de Caso, pontual e circunscrito no tempo. Não obstante o presente caso não

apresentar nem ponto de partida, nem ponto de chegada, os inquiridos por questionário incluíram questões referentes à ocorrência de episódios de bullying, em anos anteriores (para os alunos) e ao seu conhecimento (para os pais/encarregados de educação), o que permitiu uma contextualização mais alargada no tempo, com comparação entre as percepções dos estudantes e as dos pais/encarregados de educação.

De forma a enriquecer a análise, houve uma breve análise qualitativa, aplicada à última questão aberta do questionário, pelo que se reafirma tratar-se de uma abordagem predominantemente quantitativa, mas incluindo, também, um pouco de qualitativa, através da análise descritiva de algumas opiniões e sugestões, dos dois grupos de respondentes.

6. FONTES E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

As fontes de evidência do estudo, tal como explicitado no item anterior, foram recolhidas através da análise dos dados obtidos, nas respostas a dois inquiridos por questionário, aplicados aos estudantes e aos pais/ encarregados de educação, de uma Escola particular, em Angola (ver Apêndices). Esta seleção justifica-se, pois o inquirido por questionário constitui um instrumento de recolha de dados eficaz, que possibilita a aplicação, em simultâneo, a um elevado número de respondentes (Tuckman, 2005).

Os dois inquiridos por questionário incidem sobre as percepções e vivências dos sujeitos inquiridos, relativamente a episódios de bullying (ver Apêndices), e foram construídos tendo por suporte alguns estudos referenciados e discutidos, na fundamentação teórica (cf. Cap. I e II). A estruturação dos questionários teve, como apoio, as pesquisas e a teorização do especialista Olweus (2003; 1994), entre outros autores (Veiga, 2007b).

Salvaguardando a possibilidade de comparar/triangular os resultados dos dois questionários, estes foram elaborados respeitando uma estrutura similar e questões iguais ou semelhantes. Assim, começam igualmente pelos dados pessoais, seguindo depois para questões específicas, relativas ao bullying, sobre ocorrência de situações de violência no passado e no presente, tendo em conta a tríade vítima, agressor e testemunha, locais de ocorrência de violência na Escola e a ajuda à vítima, no contexto escolar.

Além disso, há algumas questões que focalizam o diálogo entre os estudantes e a sua família (pais e/ou encarregados de educação), e a família e a Escola, atendendo ao problema de uma violência que, muitas vezes, prevalece oculta, e que é necessário tornar visível, a fim de a prevenção, fundada no diálogo, ser mais eficaz, na erradicação deste problema (Idem).

Por último, a questão final, em ambos os questionários, incide na opinião dos inquiridos, sobre o que poderia ser feito para prevenir o bullying, na Escola em análise. Após

a penúltima questão, fechada e com um conjunto de proposições a escolher, esta última questão aberta deixa espaço à opinião e às sugestões dos respondentes, a propósito da prevenção do bullying, em ambiente escolar (ver Apêndices).

Assim, a análise será centrada numa Escola de Angola, no município do Lobito, tendo como base a aplicação de dois inquéritos por questionário, um a estudantes e outro a pais/ encarregados de educação desses estudantes. A contextualização será realizada a seguir.

7. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo, que teve como tema o bullying, concretizou-se no contexto educativo angolano, numa escola particular, um colégio das Irmãs Religiosas de Santa Doroteia, da província de Benguela, no município do Lobito. O colégio foi inaugurado a 6 de agosto de 1971, no período colonial, isto é, antes da independência de Angola. Durante a guerra civil, foi confiscado pelo Estado, pelo regime comunista, tendo sido reaberto, no ano de 2003. Atualmente, esta instituição tem o ensino primário, da pré à 6ª classe/6º ano, o ensino secundário, primeiro ciclo, do 7º ao 9º ano, o segundo ciclo, do 10º ao 13º ano, e ainda o Ensino Superior, com estudantes do Magistério Primário, destinado à formação inicial de futuros professores. Embora seja uma Escola particular, encontra-se sujeita a todas as diretrizes legislativas, em vigor no ensino público.

Atualmente, o edifício possui 2 andares, 24 salas, 1 secretária, 1 gabinete pedagógico, 1 sala de professores, 6 casas de banho, 1 espaço para lazer e desporto, e ainda uma sala de informática com 20 computadores para os alunos. No geral, as instalações são boas e há um ambiente de motivação e estudo.

No ano letivo de 2014-2015, frequentavam a instituição um total de 1338 alunos, com uma faixa etária desde os 5 aos 30 anos. O total de professores era de 72. A população que frequenta o colégio é heterogénea, isto é, abarca crianças, jovens e ainda adultos.

O espaço onde se situa o colégio é uma zona urbana, S. José da Caponte, ocupada por uma população económica e socialmente favorecida. Todavia, nem todos os alunos, que frequentam a instituição, vivem nessa zona.

Os pais/encarregados de educação podem ser classificados em duas categorias, de acordo com os registos consultados no colégio: da classe média alta, composta por funcionários públicos e empresários privados bem-sucedidos; da classe baixa, isto é, alguns funcionários, quer públicos, quer privados, de baixo rendimento, e ainda camponeses e pequenos comerciantes, do mercado informal. Esta diferença é notória nos pagamentos de

propinas, porquanto há pais/encarregados de educação, que facilmente conseguem pagar as propinas dos seus filhos, outros que apenas o conseguem com muitas dificuldades, e ainda os que não o conseguem. Por isso, muitos estudantes são forçados a desistir, apesar de o colégio atribuir algumas bolsas aos filhos (as) de famílias desfavorecidas.

O ensino funciona por trimestres, com o ano letivo a começar em fevereiro e a terminar em dezembro. Por recomendação do Governo de Angola, todos os alunos, incluindo os adultos, estudam num único período, o diurno.

8. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população do colégio, localizado em Benguela, no município do Lobito e na zona urbana de São José da Caponte, é composta por um universo de 1338 alunos, somando todos os estudantes que frequentam o ensino primário, o 1º ciclo e o 2º ciclo. As turmas do ensino primário têm entre 30 a 35 alunos e as turmas, correspondentes ao 1º e 2º Ciclos, do ensino secundário, têm 40 alunos, em cada uma.

A escolha da amostra, feita de forma aleatória, incidiu em 81 estudantes angolanos do 2º Ciclo do Ensino Secundário e em 61 pais/encarregados de educação destes estudantes, que responderam aos dois inquéritos por questionário. A escolha de estudantes do 2º Ciclo do Ensino Secundário tem, por finalidade, registar uma visão geral do bullying, ao longo do percurso escolar dos discentes.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES

Apresenta-se, a seguir, a análise dos resultados, após tratamento estatístico dos dados. O primeiro inquérito por questionário (cf. Apêndice I) foi preenchido por 81 estudantes angolanos, do 2º Ciclo do Ensino Secundário. Quanto ao segundo inquérito por questionário (cf. Apêndice II), foi respondido pelos pais/encarregados de educação dos estudantes, que participaram no primeiro inquérito, num total de 61 inquiridos. Em ambos os inquéritos por questionário predominam questões de resposta fechada, com uma única questão aberta, utilizando uma escala de Likert adaptada.

1.1. Caracterização dos estudantes

A análise dos dados pessoais, registados no inquérito, permitiu observar que todos os estudantes, que responderam, frequentam o 11º ano do ensino secundário – 2º Ciclo.

Quanto à variável idade, a média mais frequente, nos estudantes inquiridos, é de 18 anos. O valor máximo é de 27 anos e o mínimo de 15.

Gráfico 1 – Idade dos estudantes

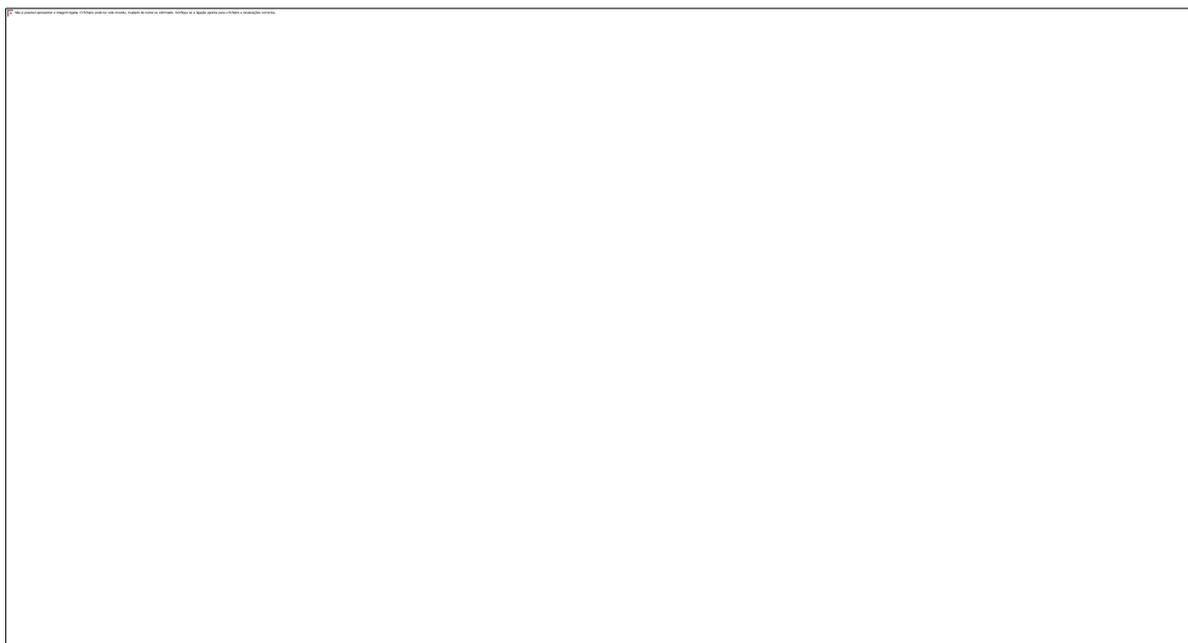
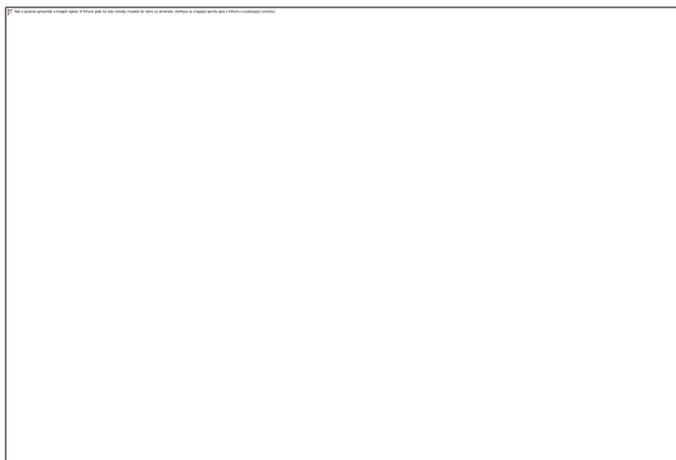


Gráfico 2 – Sexo dos estudantes



Quanto à variável sexo, 65% da amostra é do sexo feminino e 35% do masculino.

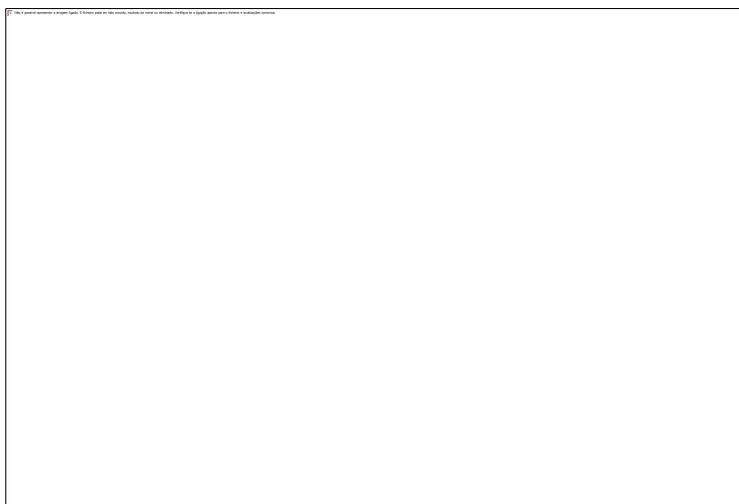
1.2. Percepções de estudantes vítimas de bullying

Em relação à questão, “Foste vítima de bullying na escola, neste ano letivo?”, os resultados constam da tabela e do gráfico que se seguem.

Tabela 1 – Vítima de bullying este ano letivo

Foste vítima de <i>bullying</i> este ano letivo?	N	%
Não	46	56,8%
Uma ou duas vezes	27	33,3%
Duas ou três vezes	7	8,6%
Todas as semanas	1	1,2%
Todos os dias	0	0,0%
	81	100%

Gráfico 3 – Vítima de bullying este ano letivo



Em conclusão, apesar de muitos não terem sido vítimas de bullying, neste ano letivo, uma percentagem significativa já o foi, uma ou duas vezes, e alguns foram-no todas as semanas, pelo que o bullying faz parte do quotidiano dos estudantes, desta escola.

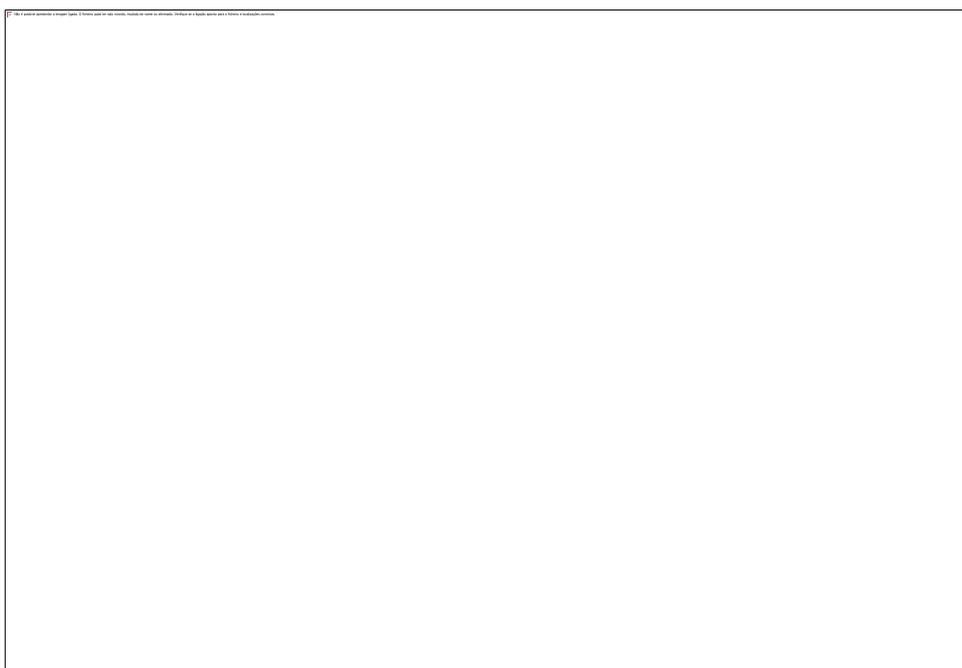
No que concerne à questão a seguir, **“Ao longo da escolaridade, quando foste vítima de bullying?”**, a tabela e o gráfico apresentam-nos um conjunto de respostas, que se explicita: 51,9% dos alunos sofreu ou foi vítima de bullying algumas vezes; 33,3% nunca foi vítima de bullying; 12,3% foi vítima muitas vezes; 2,5% não respondeu à questão e, por último, 0% não foi vítima de bullying, relativamente a todas as semanas.

Em concordância com as respostas à questão anterior (Foste vítima de bullying na escola neste ano letivo?), conclui-se que o bullying é uma realidade, a merecer a atenção de todos, no contexto em análise.

Tabela 2 – Vítima de bullying ao longo da escolaridade

Universe de respostas	N	%
Algumas vezes	42	51,9%
Nunca	27	33,3%
Muitas vezes	10	12,3%
Não responderam	2	2,5%
Todas as semanas	0	0,0%
Não	0	0,0%
	81	100%

Gráfico 4 – Vítima de bullying ao longo da escolaridade



A questão seguinte era: **Qual a tua relação com as pessoas que te incomodaram, insultaram ou agrediram?**

De acordo com a tabela e o gráfico, constatou-se que o maior número de estudantes, que foi incomodado, insultado ou agredido (50,6%), reconhece uma relação de proximidade, na sala de aula, com colegas de turma agressores. Para cerca de 29,6% dos estudantes, os agressores são colegas mais velhos, da mesma escola. Assim, somando colegas de turma e colegas mais velhos, da mesma escola, verifica-se um total de 80%.

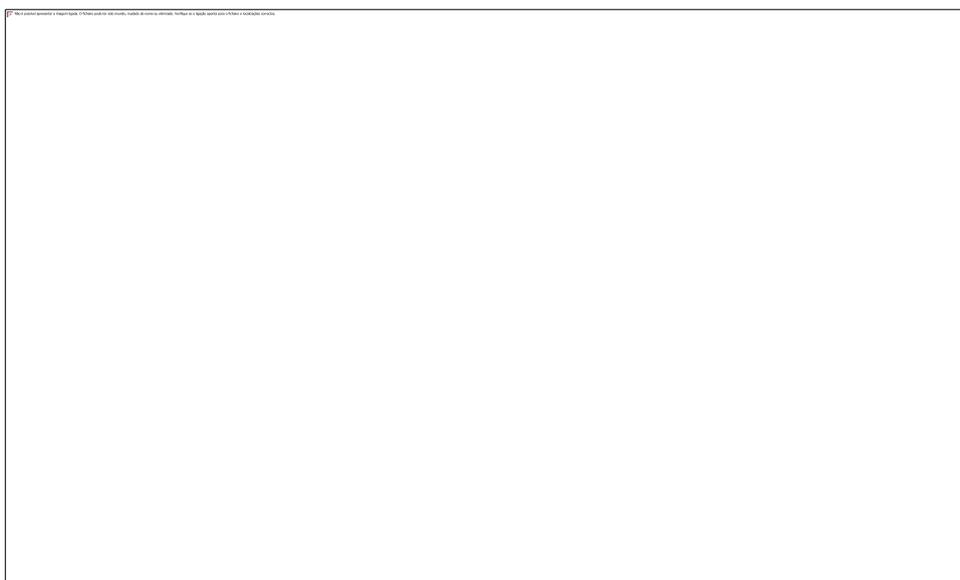
Há ainda a registar que 13,6% tem uma relação de vizinhança, 9,9% são desconhecidos, 3,7% são estudantes de outra escola e 2,5% não responderam à questão.

Conclui-se que a sala de aula e a escola, em geral, são os dois lugares com maior número de ocorrências de bullying e que o mesmo ocorre numa relação de proximidade, entre vítima e agressor. Consequentemente, estes resultados reforçam a necessidade de mais trabalho de prevenção, como indicado na revisão da literatura (cf. Cap. I e II).

Tabela 3 – Relação da vítima de bullying com o agressor

A minha relação	N	% (universo: 81 inquiridos)
Colegas da turma	41	=41/81 = 50,6%
Nunca fui vítima de bullying	25	30,9%
Colegas mais velhos da mesma escola	24	29,6%
Vizinhos	11	13,6%
Desconhecidos	8	9,9%
Estudantes de outra escola	3	3,7%
Não responderam	2	2,5%

Gráfico 5 – Relação da vítima de bullying com o agressor



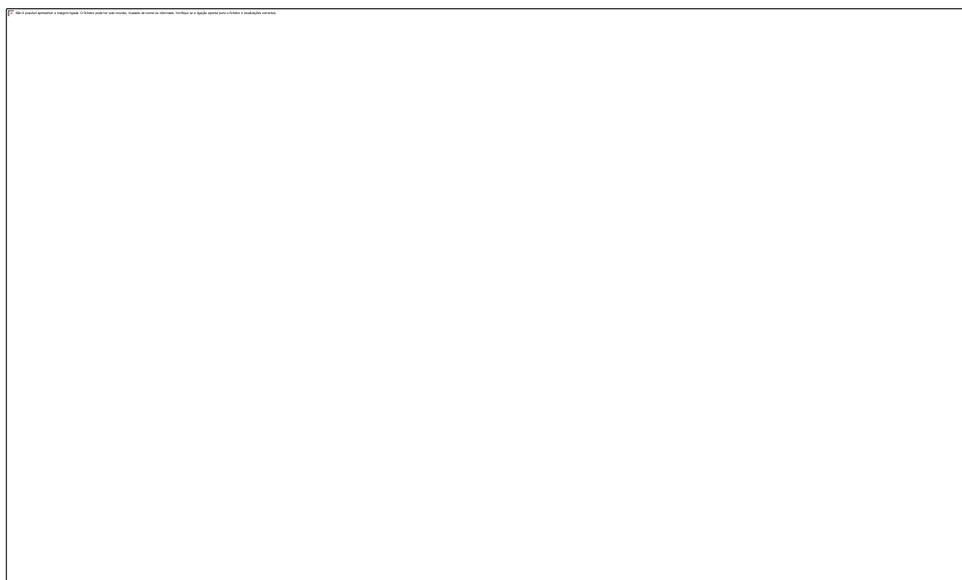
Na questão, **Em que local da escola foste vítima de bullying?**, os resultados foram, por ordem decrescente: em primeiro lugar, no recreio e/ou pátio 42,0%; a seguir, no caminho a pé de e para a escola, 40,7%; nos corredores, com 24,7%; na sala quando o professor não estava, 16%. É curioso (e grave) haver bullying, quando o professor estava, com 4,9%. Em outros lugares, referem-se casas de banho, 3,7%, camioneta de e para a escola, 1,2%, refeitório 1,2% e outro local 0%. Finalmente, muitos não responderam (28,4%).

Conclui-se que são três os lugares a ter em conta, para uma efetiva prevenção do bullying: recreio ou pátio, caminho a pé de e para a escola e nos corredores. Os resultados, quanto ao recreio, são concordantes com outros estudos, que afirmam ser esse o espaço escolar, onde se verificam mais ocorrências de bullying (Craig & Pepler, 1995; Pereira, 2008), tal como analisado, previamente, na revisão da literatura (cf. Cap. I e II).

Tabela 4 – Local da escola onde foi vítima de bullying

Local onde foste vítima de bullying	N	% (universo: 81 inquiridos)
No recreio e/ou pátio	34	=34/81 = 42,0%
Caminho a pé de e para a escola	33	40,7%
Nos corredores	20	24,7%
Na sala quando o professor não estava	13	16,0%
Na sala quando o professor estava	4	4,9%
Nas casas de banho	3	3,7%
Na camioneta de e para a escola	1	1,2%
No refeitório	1	1,2%
Não responderam	23	28,4%
Outro	0	0,0%

Gráfico 6 – Local da escola onde foi vítima de bullying



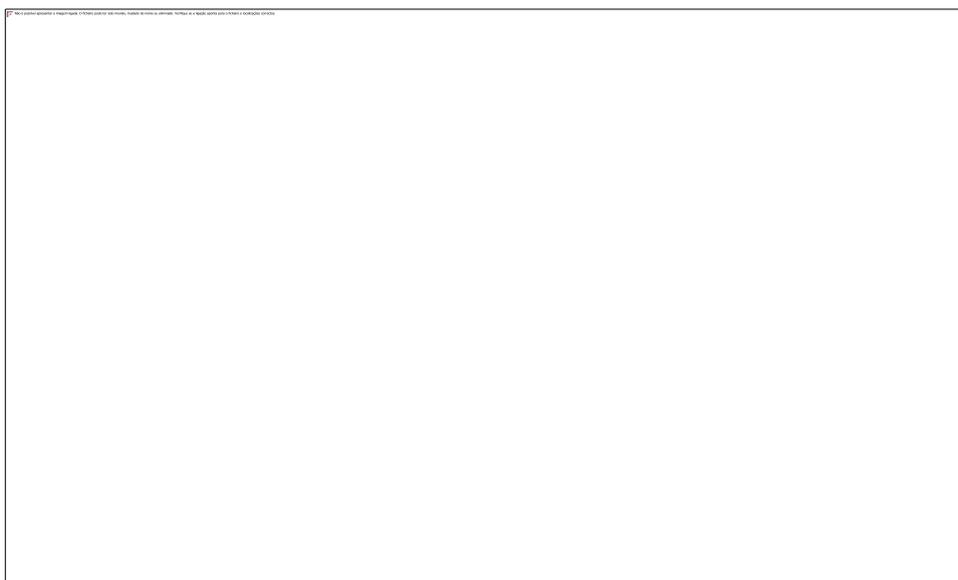
Quanto à questão, **A quem contaste que foste vítima de bullying?**, os resultados constam da tabela e do gráfico seguintes. A maioria dos alunos nunca foi vítima, 34,6%, e 21% foram vítimas, mas não contaram a ninguém. No que diz respeito aos alunos que contaram e a quem contaram: à mãe, 19,8%, ao pai, 14,8%, a um amigo, 14,8%, a um irmão, 9,9%, ao professor, 2,5% e a outra pessoa, 0%. Sublinha-se que um número razoável foi vítima, porém esses jovens mantiveram-se silenciosos, o que é para refletir, a nível dos contornos e das consequências deste fenómeno.

Além disso, recorda-se que, como analisado na revisão da literatura (cf. Cap. I e II), o silêncio é um dos problemas associados ao bullying, dado que as vítimas, frequentemente, não apresentam queixa dos maus tratos que sofrem, com receio de se exporem ou tornarem a ser agredidas ou insultadas, em retaliação (Fernandes & Seixas, 2012).

Tabela 5 – Contar que foi vítima de bullying

A quem contaste?	N	% (universo: 81 inqueridos)
Nunca fui vítima	28	=28/81 = 34,6%
Fui vítima mas não contei a ninguém	17	21,0%
Contei à mãe	16	19,8%
Contei ao pai	12	14,8%
Contei a um amigo	12	14,8%
Contei a um irmão	8	9,9%
Contei ao professor	2	2,5%
Outra pessoa (Quem?)	0	0,0%

Gráfico 7 – Contar que foi vítima de bullying

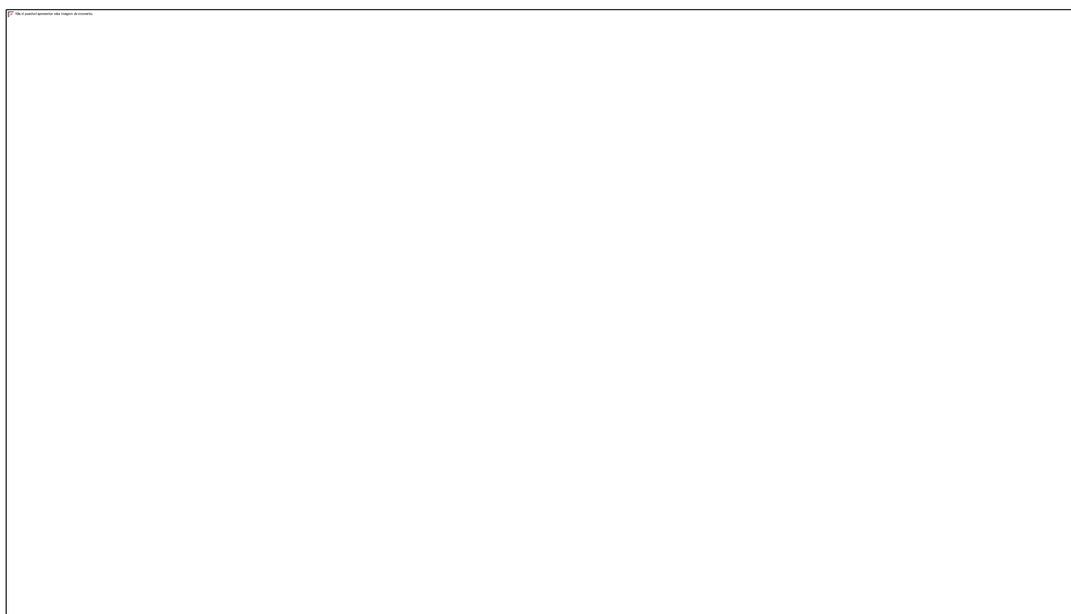


Na questão, **Os teus pais contataram a escola, quando foste vítima de bullying?**, 29,6% nunca foram vítimas de bullying, por isso os pais nunca contataram a escola; a seguir, 18,5%, frequentemente; 17,3% nunca contataram; 12,3% foram vítimas, mas os pais nunca informaram a escola; sempre, 11,1%; por vezes, 7,4% e não responderam, 3,7%.

Tabela 6 – Os pais contataram a Escola após bullying

Os teus pais contataram a escola?	N	%
Nunca fui vítima, por isso nunca contei	24	29,6%
Frequentemente	15	18,5%
Nunca	14	17,3%
Fui vítima, mas nunca contei	10	12,3%
Sempre	9	11,1%
Por vezes	6	7,4%
Não responderam	3	3,7%
	81	100%

Gráfico 8 – Os pais contataram a Escola após bullying



Conclui-se que um número significativo de pais silenciaram o que aconteceu aos seus filhos e não contataram a Escola sobre episódios de bullying, nos quais os seus filhos e educandos estiveram envolvidos, ou nem sequer souberam o que aconteceu.

Tal significa que é preciso aprofundar a relação entre a Escola e Família, pois a prevenção do bullying exige um trabalho conjunto de informação, de forma a prevenir mais episódios, em ambiente escolar.

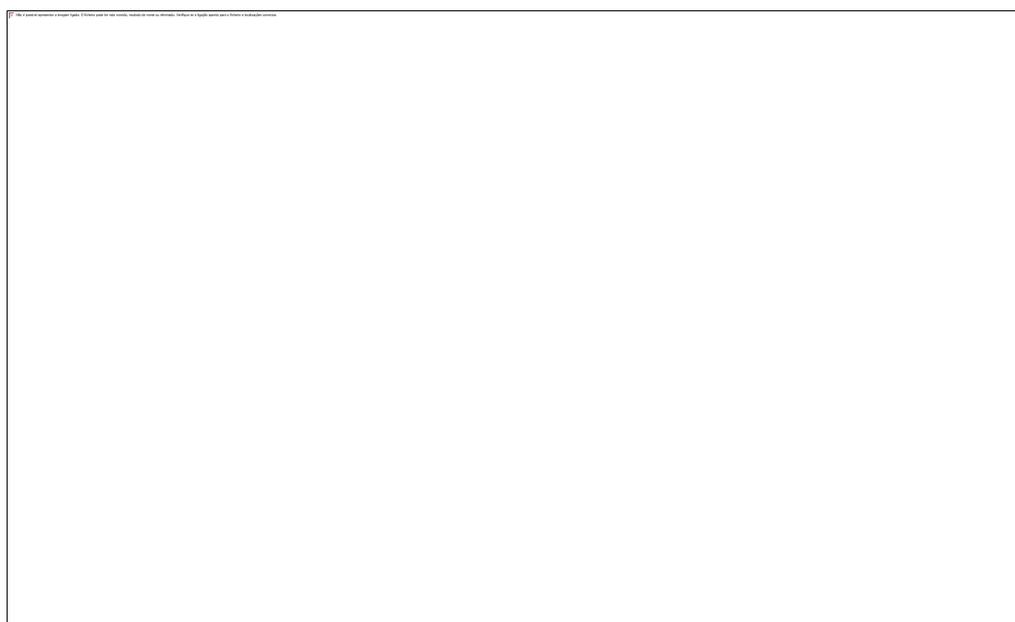
1.3. Ajuda a estudantes vítimas de bullying

Segue-se a questão: **Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying?**. Os resultados constam da tabela e do gráfico.

Tabela 7 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying

Os estudantes ajudam as vítimas?	N	%
Por vezes	30	37,0%
Sempre	22	27,2%
Frequentemente	12	14,8%
Quase nunca	8	9,9%
Nunca	6	7,4%
Não responderam	3	3,7%
	81	100%

Gráfico 9 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying



Como é visível nos dados anteriores, em geral, os estudantes ajudam outros colegas, vítimas de bullying: 37,0% por vezes ajuda e 27,2% afirma que ajuda sempre. Frequentemente atinge 14,8% e os que quase nunca ajudam, 9,9%. Em outras respostas, os que nunca o fazem alcança 7,4% e os que não responderam, 3,7%.

Estes resultados permitem concluir e responder afirmativamente à questão, pois existem sentimentos de ajuda e gestos de solidariedade entre os estudantes.

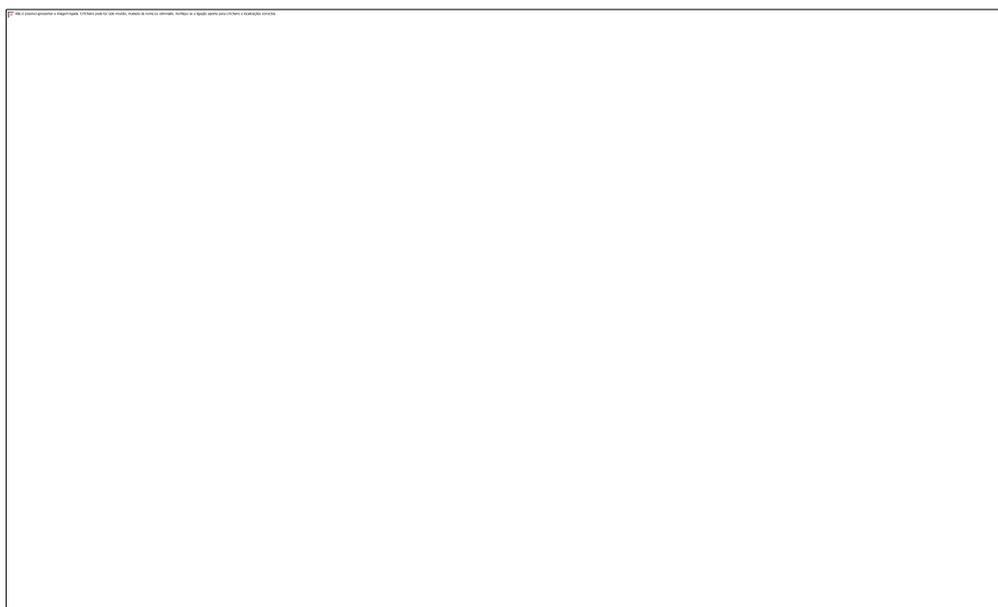
Na questão, **Os professores da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?**, os inquiridos manifestam a sua opinião, sobre a ajuda dos docentes, em relação aos alunos vítimas de bullying. Cerca de 33,3% ajuda frequentemente; 24,7%, por vezes; 22,2%, sempre; 11,1%, nunca; quase nunca, 7,4% e não respondem, 1,2%.

Os alunos participantes no estudo reconhecem o interesse e a solidariedade dos professores, para com os estudantes vítimas de bullying, apesar de os resultados alcançados estarem ainda longe dos desejáveis, no contexto específico em que se centra o estudo realizado, tal como descrito na Metodologia (cf. Cap. III).

Tabela 8 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying

Os professores da escola ajudam estudantes vítimas de bullying?	N	%
Frequentemente	27	33,3%
Por vezes	20	24,7%
Sempre	18	22,2%
Nunca	9	11,1%
Quase nunca	6	7,4%
Não respondem	1	1,2%
	81	100%

Gráfico 10 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying



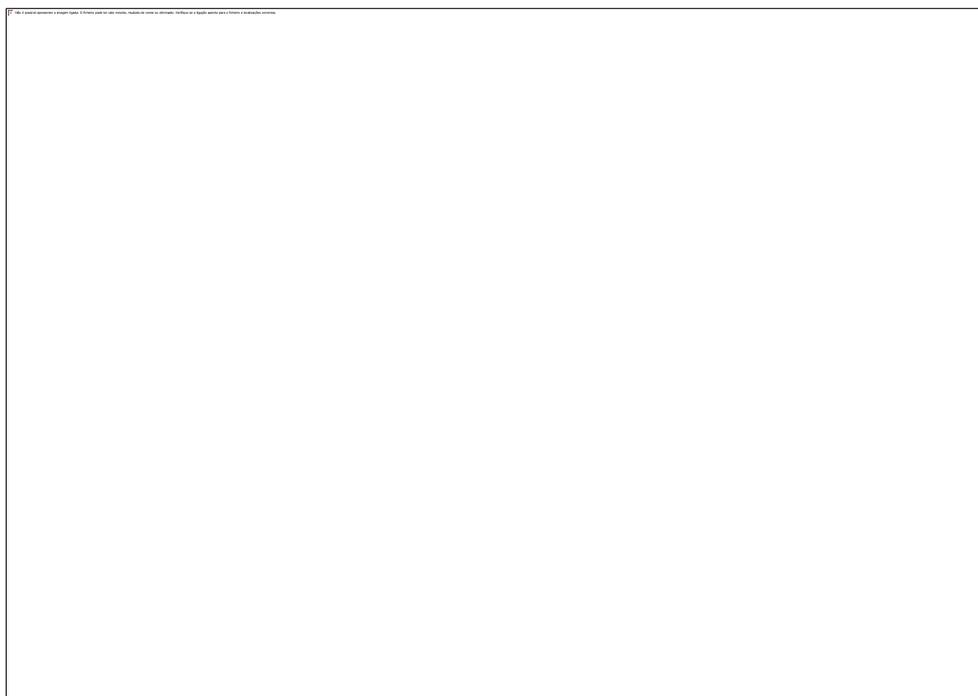
Na questão, **Os funcionários da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?**, obtiveram-se os seguintes resultados: os que ajudam por vezes são 45,7%; os que nunca, 21%; frequentemente, 12,3%; quase nunca, 9,9%; os que ajudam sempre, 8,6% e não respondem, 2,5%.

Conclui-se que, apesar do número de funcionários que ajuda, por vezes, ser significativo (45,7%), o que é positivo, o número dos que nunca ajudou (21%) chama-nos a atenção. É preocupante o conjunto de funcionários que, nas perceções dos alunos inquiridos, não os apoiam em situações de violência, dado que os funcionários são parte da escola, com responsabilidades na vida da instituição.

Tabela 9 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying

Os funcionários ajudam os estudantes?	N	%
Por vezes	37	45,7%
Nunca	17	21,0%
Frequentemente	10	12,3%
Quase nunca	8	9,9%
Sempre	7	8,6%
Não responde(m)	2	2,5%
	81	100%

Gráfico 11 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying



1.4. Atuação dos estudantes em episódios de bullying

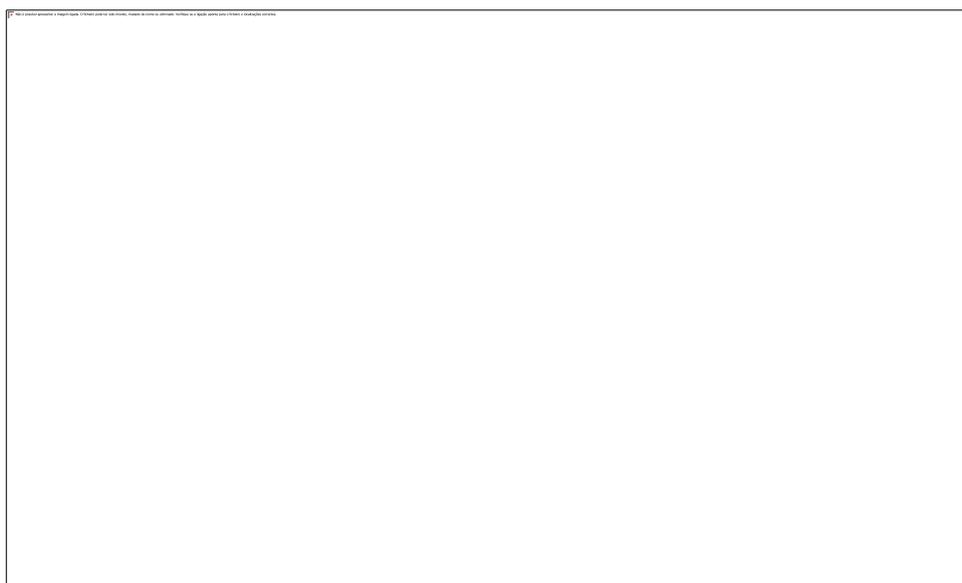
Na questão, **O que sentes quando vês um colega a ser vítima de bullying?**, de acordo com os resultados obtidos, é de sublinhar o sentimento de ajuda e solidariedade da maioria, representado dos casos observados a 79%. Registam-se ainda outros resultados: sinto muita pena e afasto-me, 9,9%; sinto um pouco de pena, 7,4%; sinto que essa pessoa talvez tenha feito algo de errado, 2,5% e 1,2% não respondeu. Face aos dados recolhidos poder-se-á concluir que quase todos os alunos já assistiram a episódios de violência.

Podemos concluir que, no que toca aos sentimentos manifestados pelos estudantes, é visível o desejo e o gesto de solidariedade, num total bastante expressivo. É certo que alguns ainda se afastam, talvez com receio de represálias, como explicitado na revisão da literatura, em relação às testemunhas (cf. Cap. I), porém é um número pouco significativo.

Tabela 10 – Sentimentos quando vê um colega ser vítima de bullying

O que sentes quando vês um colega a ser vítima de <i>bullying</i> ?	N	%
Sinto pena e tento ajudar	64	79,0%
Sinto pena e afasto-me	8	9,9%
Sinto um pouco de pena	6	7,4%
Sinto que essa pessoa talvez tenha feito algum erro	2	2,5%
Não responderam	1	1,2%
	□ 81	100%

Gráfico 12 – Sentimentos quando vê um colega ser vítima de bullying



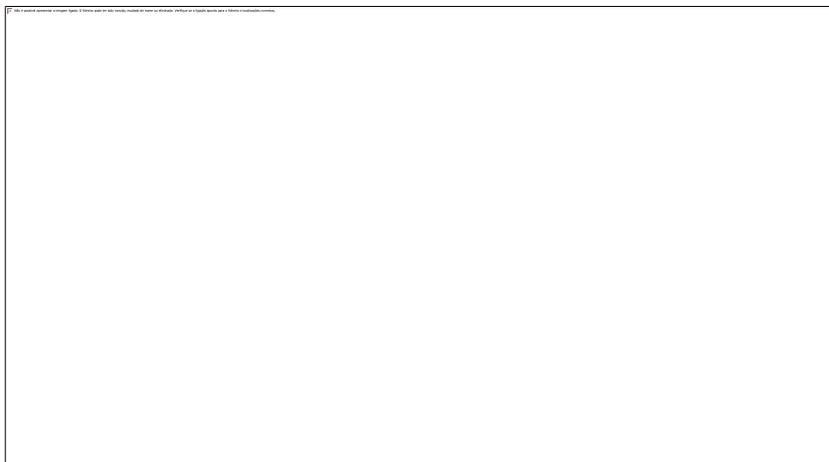
Em resposta à questão, **Alguma vez incomodaste, insultaste ou agrediste um colega na escola?**, obtivemos os seguintes resultados: o maior número, 58%, nunca incomodou, insultou ou agrediu qualquer colega; 34,6% fê-lo uma vez ou duas; duas ou três vezes por semana, 6,2% e não responderam, 1,2%.

Concluir-se-á que o maior número nunca agrediu. Todavia, o número dos que uma ou mais de uma vez incomodou, insultou ou agrediu colegas de escola, não deixa de ser alarmante. É de destacar, pela negativa, os jovens que recorrem à violência repetidamente (duas ou três vezes por semana), visto que, como indicado na revisão da literatura (cf. Cap. I, 3.1) se trata de agressores “fortes” (Carvalhosa et al., 2009; 2001; Martins, 2005) que, com frequência, assumem uma posição de líderes.

Tabela 11 – Incomodou, insultou ou agrediu um colega

Alguma vez incomodaste, insultaste ou agrediste um colega?		
Nunca	47	58,0%
Uma ou duas vezes	28	34,6%
Duas ou três vezes por semana	5	6,2%
Não responderam	1	1,2%
	81	100%

Gráfico 13 – Incomodou, insultou ou agrediu um colega



Atendendo aos dados, anteriormente analisados, de 21,0% de alunos vítimas de bullying, no último ano, de 34,6% de agressores, uma vez ou duas por semana, e 6,2% de agressores duas ou três vezes por semana, e ainda ao facto de o maior número de alunos já terem sido testemunhas de episódios de bullying, **confirma-se a Hipótese 1, atras formulada:**

- A maioria dos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, esteve envolvida, no último ano letivo, em episódios de bullying, como vítima, agressor ou testemunha.

1.5. Informação e formação no âmbito da prevenção do bullying

No que concerne à informação, no âmbito da prevenção do bullying, formulou-se a questão: **Na tua escola, foste informado sobre como prevenir o bullying?**

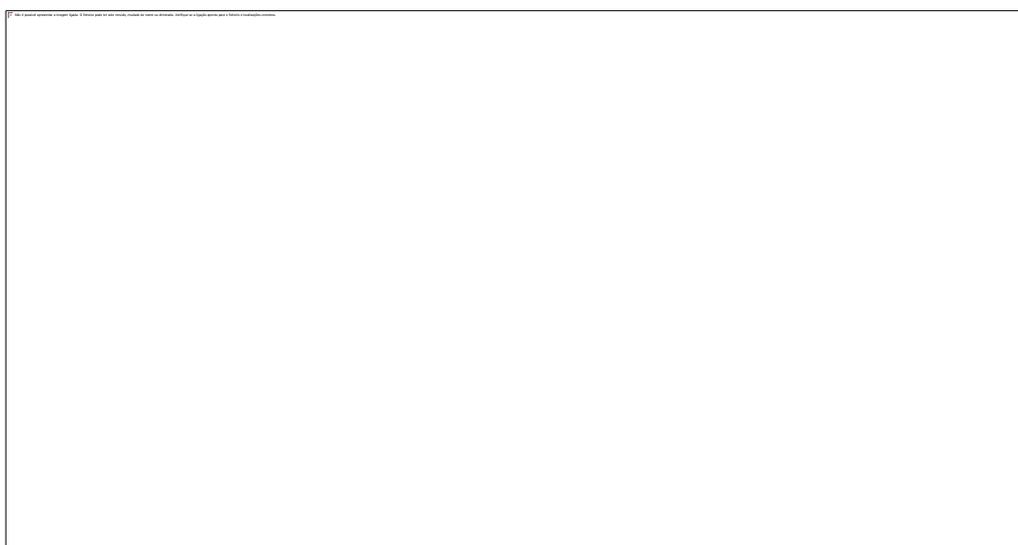
Obtiveram-se os seguintes resultados: nunca 59,3%; a seguir, por vezes, com 33,3%; frequentemente, com 6,2% e não responderam 1,2%.

Apesar de se tratar de uma questão importante, pois informar os estudantes, para saberem lidar com o fenómeno do bullying concorre para uma efetiva prevenção (Martins, 2007; 2005), assim 33,3% dos alunos referiram-se que por vezes e 6,2% frequentemente, destes resultados destaca-se que a informação não chegou a mais de metade dos inquiridos (59,3%).

Tabela 12 – Informação na escola sobre prevenção do bullying

Na tua escola foste informado sobre como prevenir o bullying?	N	%
Nunca	48	59,3%
Por vezes	27	33,3%
Frequentemente	5	6,2%
Não responderam	1	1,2%
	81	100%

Gráfico 14 – Informação na escola sobre prevenção do bullying



Quanto à explicitação de quem informou os estudantes que responderam “Sim”, na questão anterior, obtiveram-se os seguintes resultados: 54,3% não responderam; cerca de 39,6% dos estudantes foram que informados por professores e, por outro modo (colegas, livros, televisão), 4,9%.

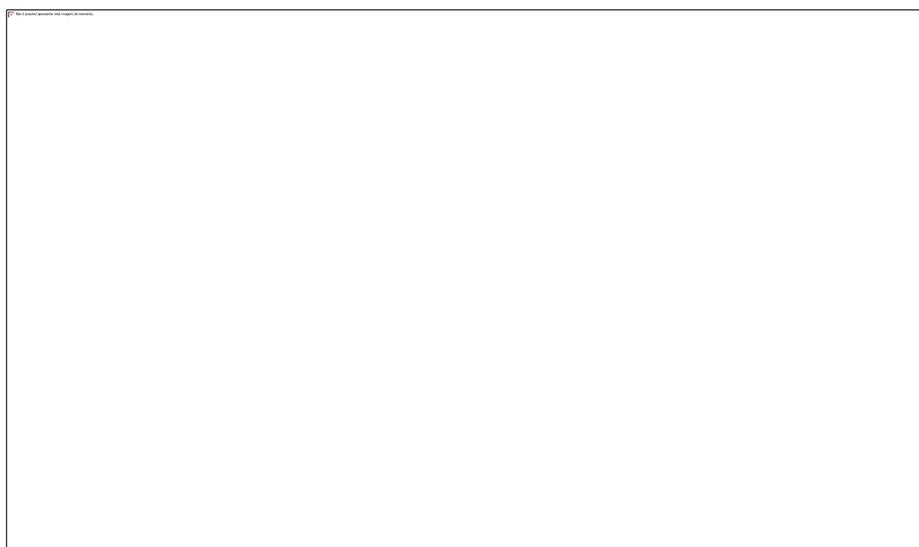
No que se refere à maioria de estudantes que não responderam (54,3%), isso pode significar que não tiveram qualquer informação sobre o assunto.

Mais uma vez, fazendo a triangulação com as respostas anteriores, é colocada em destaque a falta de informação dos estudantes, a fim de saberem o que é, como ocorre e como prevenir o bullying. Há ainda a mencionar a responsabilidade dos professores, atendendo ao resultado significativo de 39,6% de estudantes, que foram informados por professores, o que é estatisticamente positivo, mas poderá ser melhorado.

Tabela 13 – Quem informa os estudantes sobre o bullying

Por quem?	N	%
Não responderam	44	54,3%
Professores	27	39,6%
Outro (Colega-2; livro; televisão)	4	4,9%
Funcionários	1	1,2%
	81	100%

Gráfico 15 – Quem informa os estudantes sobre o bullying



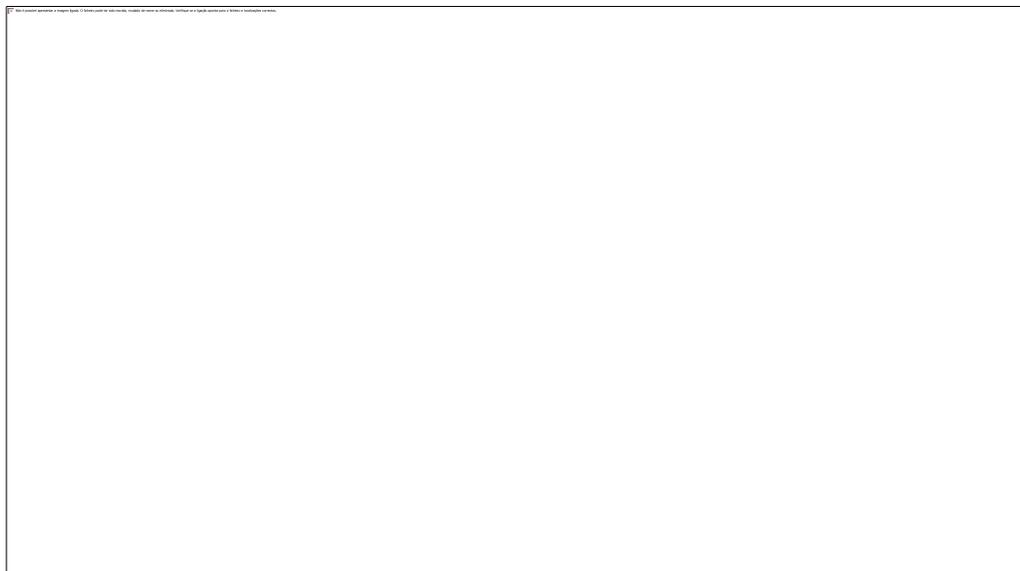
No que concerne à questão, **Na tua escola, já participaste em ações de prevenção sobre o bullying?**, apresenta-se a seguir os resultados, em tabela e gráfico, para melhor visualização. Os estudantes que nunca participaram são em maior número, 71,6%; por vezes, 23,5%; frequentemente, 2,5% e não responderam, 2,5%.

É bastante significativo o número dos respondentes, que nunca participou em ações de prevenção sobre o bullying (71,6%). Assim, este será um dos desafios, que a escola deverá enfrentar e cumprir. É preciso promover sessões de informação e formação, destinadas a estudantes, alargadas a toda a comunidade escolar (estudantes, educadores e funcionários), numa perspetiva de trabalho colaborativo, a fim de descortinar possíveis soluções, em comunidade, tal como referido na revisão da literatura (cf. Cap. II, 2.).

Tabela 14 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying

Na tua escola já participaste em ações de prevenção - bullying?	N	%
Nunca	58	71,6%
Por vezes	19	23,5%
Frequentemente	2	2,5%
Não responderam	2	2,5%
	81	100%

Gráfico 16 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying



Procurando Interligar a informação recebida na escola, com a informação recebida em ambiente familiar, foi formulada a questão: **Em casa, os teus pais falam contigo sobre como prevenir o bullying?** Em relação a se os pais, em casa, falam ou não com os filhos,

sobre como prevenir o bullying, verificam-se os seguintes resultados: nunca, 48,1%; por vezes, 44,4%; frequentemente, 7,4%.

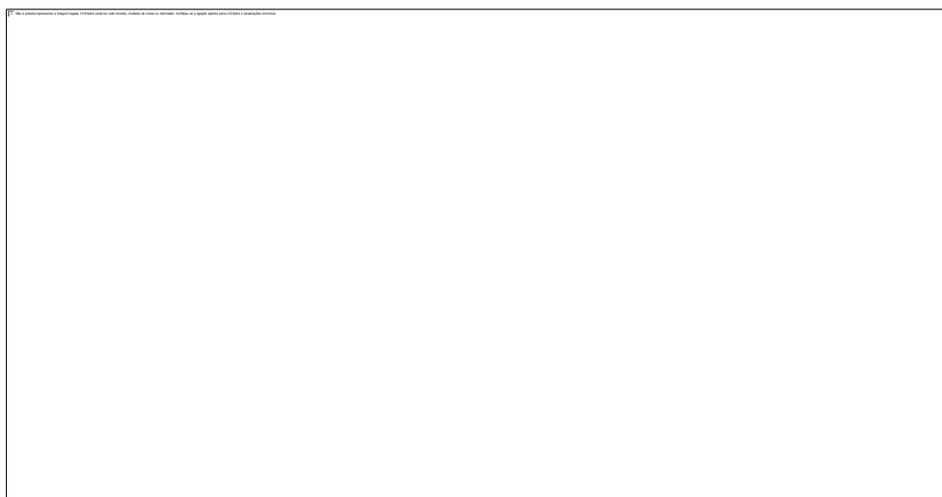
Constata-se que predomina a falta de diálogo, em família, sobre esta realidade (48,1%), o que acentua a urgência da responsabilidade dos pais, em relação ao diálogo que deve ser estabelecido com os filhos. Todavia, o facto de ser igualmente significativa percentagem relativa a “por vezes”, (44,4%), constitui um sinal de provável mudança, num futuro próximo a verificar-se.

Conclui-se que a informação e reflexão, que advêm do diálogo entre pais/encarregados de educação e filhos/educandos, embora não sejam ainda uma realidade, para muitos dos inquiridos, são essenciais a fim de proceder-se a uma efetiva prevenção do bullying. Aliás, todos os estudos, Planos e Projetos de prevenção do bullying (cf. Cap. II) destacam a pertinência do diálogo, como estratégia preponderante para o combate ao bullying no meio familiar.

Tabela 15 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying

Em tua casa, os teus pais falam contigo sobre como prevenir o bullying?	N	%
Nunca	39	48,1%
Por vezes	36	44,4%
Frequentemente	6	7,4%
<input type="checkbox"/>	81	100%

Gráfico 17 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying



A penúltima questão do questionário formulava: **Na tua opinião, o que poderia ser feito para prevenir o bullying na tua escola?** Foram selecionadas as 5 medidas mais indicadas: mais atenção dos professores, 77,8%; mais informação aos estudantes, 75,3%; mais diálogo com os estudantes e pais, 71,6%; mais apoio às vítimas, pelos professores,

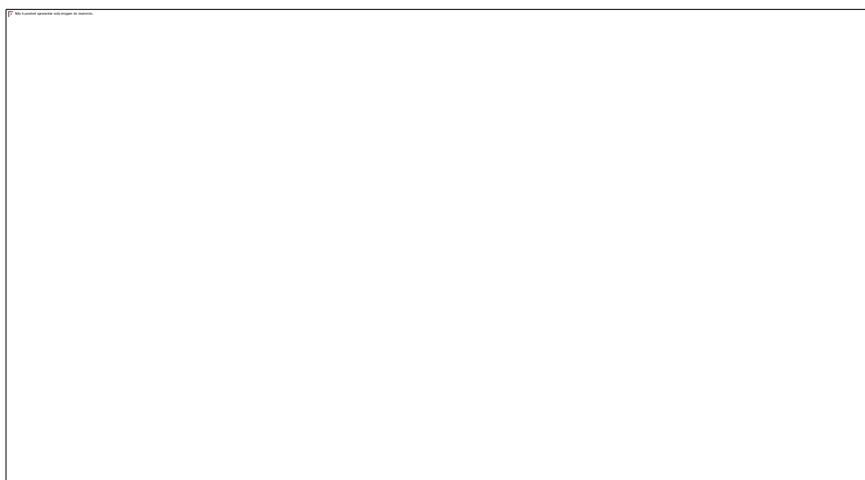
63%, e mais responsabilidade dos estudantes, 46,9%. A análise da última questão, a única aberta, será feita em conjunto com a dos pais/encarregados de educação (cf. Cap. IV, 3.)

Conclui-se que os estudantes evidenciam consciencialização, em relação aos papéis que podem ser assumidos, pelos diferentes membros da comunidade educativa, na prevenção do bullying. Assim, os jovens, numa perspetiva informativa e formativa, sublinham o papel e a responsabilidade dos professores, a necessidade de informar e responsabilizar todos os discentes, que podem ser vítimas, agressores, ou ambos, e reforçam ainda o papel dos pais/encarregados de educação, em relação ao diálogo com os filhos.

Tabela 16 – Medidas para prevenir o bullying na escola

Cinco medidas mais importantes para prevenir o bullying na escola	N	%
Mais atenção dos professores	63	77,8%
Mais informação aos estudantes	61	75,3%
Mais diálogo com os estudantes e pais	58	71,6%
Mais apoio às vítimas pelos professores	51	63,0%
Mais responsabilidade dos estudantes	38	46,9%

Gráfico 18 – Medidas para prevenir o bullying na escola



Atendendo aos dados apresentados e analisados anteriormente, que evidenciam a consciencialização dos estudantes, em reforçar a informação, o diálogo e a sua responsabilização, **confirma-se a Hipótese 3** inicialmente formulada:

- O diálogo e a responsabilização de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, possibilita a prevenção do *bullying*.

No subcapítulo a seguir, será feita a apresentação e discussão dos resultados do segundo inquérito por questionário, direcionado aos pais/encarregados de educação.

2. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

O inquérito aos pais/encarregados de educação foi aplicado em 2015, abrangendo um total de 61 respondentes, familiares dos estudantes, que preencheram o primeiro inquérito, já analisado (cf. Cap. IV, 1.).

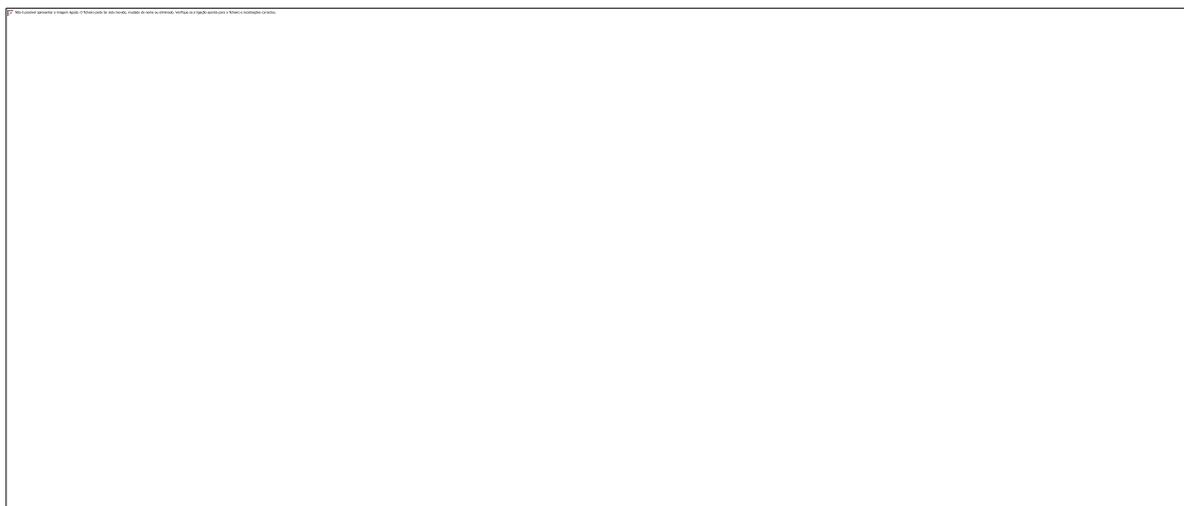
2.1. Caracterização dos pais e encarregados de educação

Na variável idade, predomina, com 50%, a faixa etária dos 35 aos 41 anos. A idade global varia entre os 23 e 62 anos, sendo 51% pertencendo ao sexo masculino e 49% ao feminino.

Gráfico 19 – Sexo dos pais/ encarregados de educação



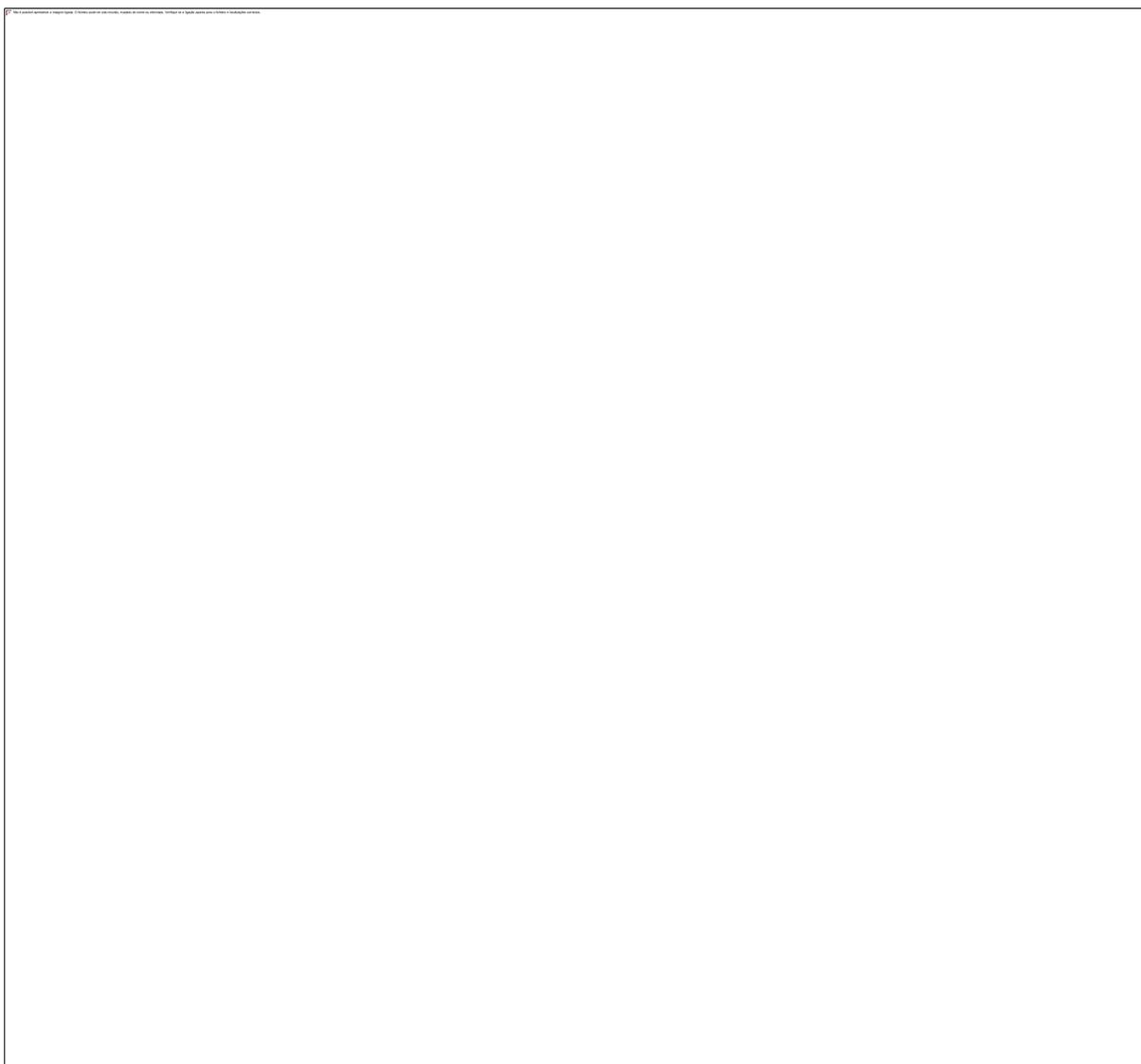
Gráfico 20 – Idade dos pais/ encarregados de educação



No que se refere à variável **profissão**, 51 pais/encarregados de educação, trabalham, e 10 não trabalham. Em termos de género, 31 homens e 20 mulheres trabalham; regista-se que 10 não exerciam qualquer profissão, à data do inquérito por questionário.

As profissões variam, tal como se pode observar no gráfico, prevalecendo no entanto as seguintes: doméstica, professor, comerciante, secretária, motorista, bancário e enfermeiro, entre outras profissões, com menor expressão.

Gráfico 21 – Profissão dos pais/ encarregados de educação



2.2. Perceções sobre o bullying e os filhos enquanto vítimas

Quanto à questão, **O seu filho já foi vítima de bullying na escola, neste ano letivo?**, os resultados obtidos constam da tabela e do gráfico seguintes. A resposta que

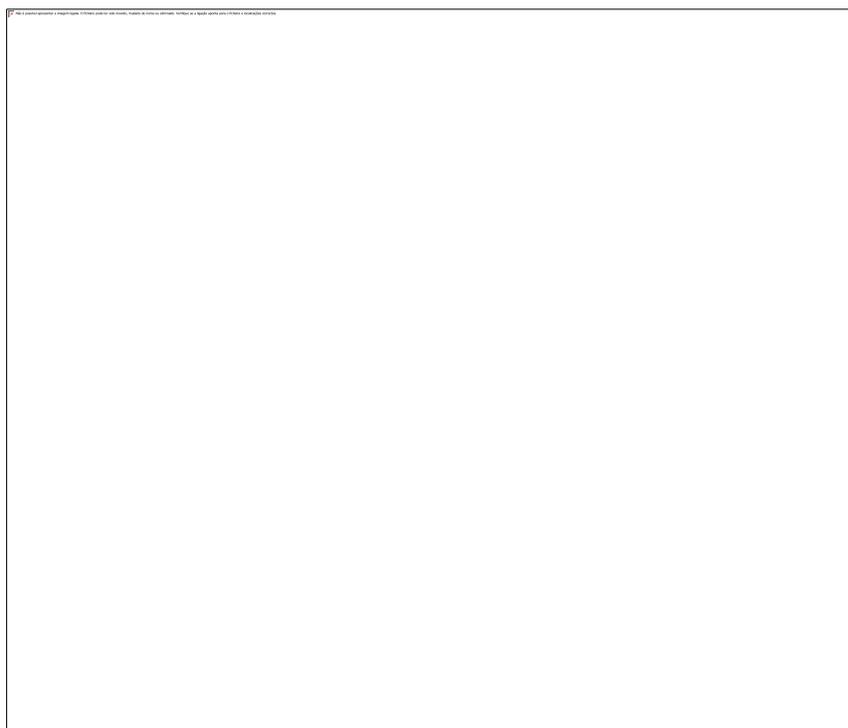
predomina é não sei, 57,4%; a seguir, uma ou duas vezes, 34,4%; depois, duas ou três vezes, 1,6%; todas as semanas, 0%; todos os dias, 0% e não responderam, 6,6%.

É notório o desconhecimento dos pais/Encarregados de Educação, comprovando a falta de diálogo sobre o tema bullying.

Tabela 17 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying no presente ano

O seu filho já foi vítima de bullying neste ano letivo?	N	%
Não sei	35	57,4%
Uma ou duas vezes	21	34,4%
Não responderam	4	6,6%
Duas ou três vezes por mês	1	1,6%
Todas as semanas	0	0,0%
Todos os dias	0	0,0%
	61	100%

Gráfico 22 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying no presente ano



Na questão, **Ao longo da escolaridade, quando é que o seu filho foi vítima de bullying?**, foram obtidos os seguintes resultados: algumas vezes, 50,8%, com uma diferença mínima, em termos percentuais, em relação ao resultado de nunca, com 49,2%; e o resultado muitas vezes registou 0%.

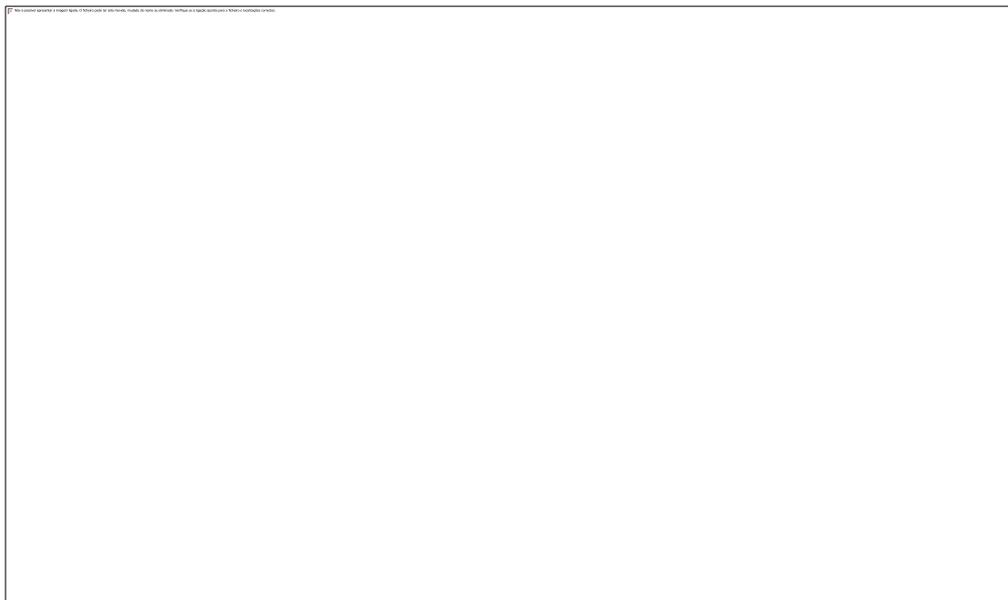
Comparando com os resultados relativos ao presente ano letivo - 2015 (ver tabela e gráfico anterior), e em triangulação com o inquérito por questionário aos alunos, confirma-se o desconhecimento de muitos pais, em relação às vivências dos filhos na escola e, em particular, aos episódios de bullying, dos quais os filhos foram vítimas.

Por isso, é essencial que a escola continue a sensibilizar os pais para a existência deste fenómeno e, sobretudo, para a sua prevenção, incentivando o diálogo no meio familiar.

Tabela 18 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying durante a escolaridade

Ao longo da escolaridade, quando é que o seu filho foi vítima de bullying?	N	%
Algumas vezes	31	50,8%
Nunca	30	49,2%
Muitas vezes	0	0,0%
	61	100%

Gráfico 23 – Conhecimento se o filho foi vítima de bullying durante a escolaridade



Quanto à questão, **Como sabe quando o seu filho é vítima de bullying?**, os resultados obtidos constam da tabela e do gráfico, na página seguinte.

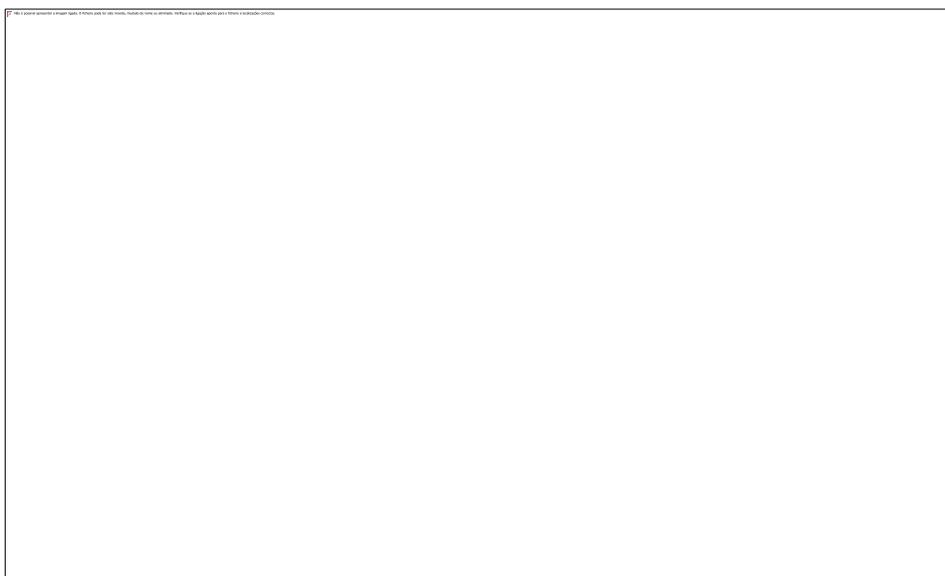
O meu filho nunca foi vítima de *bullying*, com 42,6%; o meu filho contou-me, 32,8%; o meu filho foi vítima, mas não me contou, 19,7%, e, finalmente surgem, três resultados iguais, 1,6%, em relação a: o professor contou-me; outra pessoa contou-me e não responde.

Nesta questão, dois resultados sobressaem: o primeiro, 42,6%, de que o filho nunca foi vítima de bullying e o segundo, 32,8%, de que foi vítima, e contou-me. Há um resultado que nos leva a refletir pois comprova o silêncio das vítimas, 19,7%, com os pais a saberem da ocorrência de outra forma, que não pelos filhos, o que nos leva a concluir que há todo um trabalho por fazer, em relação ao bullying, no que respeita à formação, informação e sensibilização.

Tabela 19 – Como sabe quando o seu filho foi vítima de bullying

Como sabe quando o seu filho é vítima de bullying?	N	%
O meu filho nunca foi vítima de <i>bullying</i>	26	42,6%
O meu filho contou-me	20	32,8%
O meu filho foi vítima mas não me contou	12	19,7%
O professor contou-me	1	1,6%
Outra pessoa contou-me	1	1,6%
Não responde	1	1,6%
	61	100%

Gráfico 24 – Como sabe quando o seu filho foi vítima de bullying



Na questão, **Contatou a escola, quando o seu filho foi vítima de bullying?**, o resultado mais significativo é nunca foi vítima, por isso nunca contatei a escola, com 39,3%, outro resultado que se destaca é frequentemente, com 24,6%. Quanto aos restantes resultados: foi vítima, mas nunca contatou a escola, 9,8%; por vezes, 8,2%; sempre, 6,6%; nunca, 6,6%; quase nunca, 1,6% e não responde, 3,3%.

Dos resultados obtidos, podemos concluir que há pouca comunicação entre pais/encarregados de educação e a escola. O diálogo é uma das estratégias fundamentais, para uma efetiva prevenção do bullying, e um desafio para a escola e os pais/encarregados de educação, tal como referido, recorrentemente, na revisão da literatura (cf. Cap. I e II) e, similarmente, nas respostas dos estudantes ao inquérito por questionário.

Tabela 20 – Contato com a escola quando o seu filho foi vítima de bullying

Contatou a escola quando o seu filho foi vítima de bullying?	N	%
Nunca foi vítima, por isso, nunca contatei a escola	24	39,3%
Frequentemente	15	24,6%
Foi vítima, mas nunca contatou a escola	6	9,8%
Por vezes	5	8,2%
Sempre	4	6,6%
Nunca	4	6,6%
Não responde	2	3,3%
Quase nunca	1	1,6%
	61	100%

Gráfico 25 – Contato com a escola quando o seu filho foi vítima de bullying



2.3. Ajuda a estudantes vítimas de bullying

No que concerne à questão, **Considera que os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying?**, os resultados registados são, por ordem decrescente:

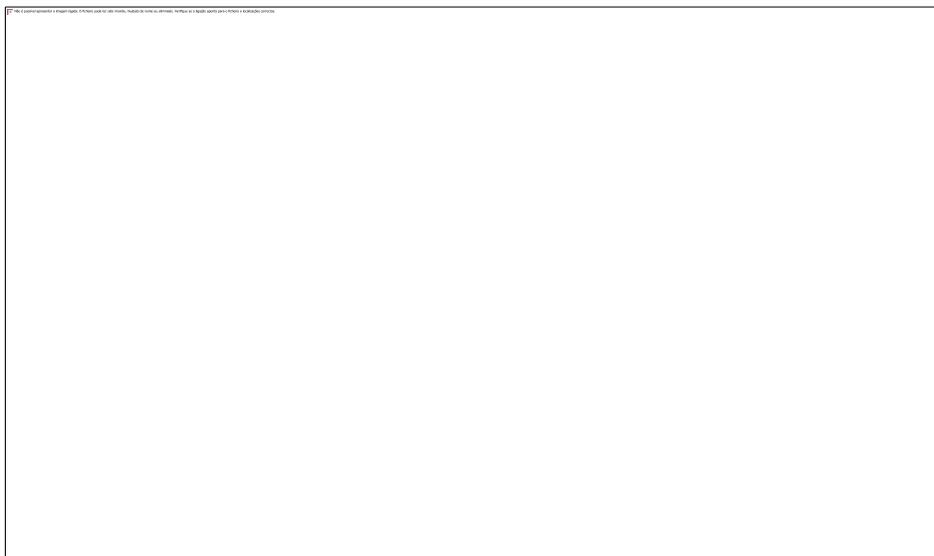
por vezes, 44,3%; sempre, 31,3%; frequentemente, 9,8%; nunca, 8,2%; quase nunca, 4,9% e, finalmente, não respondem, 1,6%.

Em suma, é de salientar a perceção, pelos pais/encarregados de educação, da existência de alguma solidariedade, entre os estudantes. Em triangulação com as perceções dos estudantes, analisadas anteriormente, verifica-se que as suas opiniões sobre a solidariedade são muito semelhantes, evidenciando empatia, o que pode concorrer para uma maior eficácia, na prevenção da ocorrência de episódios de bullying, na escola.

Tabela 21 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying

Considera que os estudantes ajudam outros estudantes vítima de <i>bullying</i>?	N	%
Por vezes	27	44,3%
Sempre	19	31,1%
Frequentemente	6	9,8%
Nunca	5	8,2%
Quase nunca	3	4,9%
Não responde	1	1,6%
	61	100%

Gráfico 26 – Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying



Na questão, **Considera que os professores da escola ajudam os estudantes vítimas de *bullying*?**, as opiniões obtidas são positivas: por vezes, 34,4%; frequentemente, 24,6%; sempre, 21,3%; nunca, 11,5%; quase nunca, 4,9%; e não responde, 3,3%.

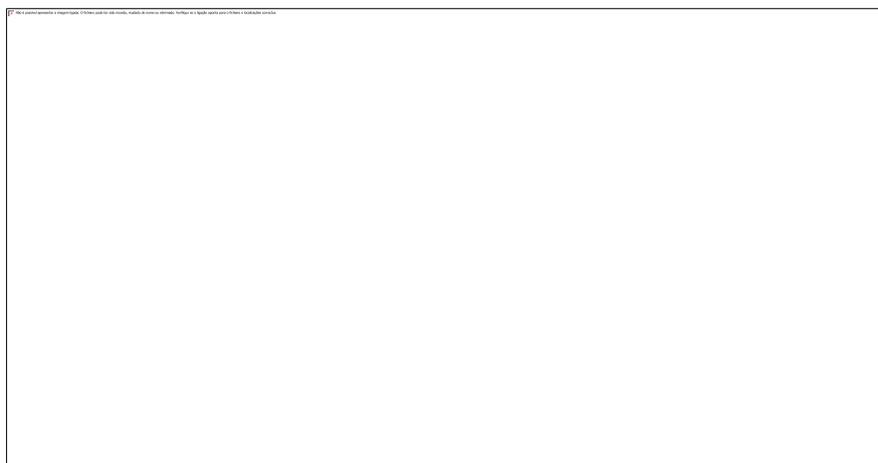
Triangulando os resultados dos dois questionários, em relação à mesma questão, existe uma inversão, porquanto o valor de “por vezes”, relativamente aos pais/encarregados

de educação (34,4%), é semelhante ao valor de “frequentemente” obtidos dos estudantes (33,3%), o mesmo sucedendo com os valores de “frequentemente” dos pais/encarregados de educação (24,6%), obtido em relação a “por vezes” dos estudantes (24,7%). Contudo, o resultado final obtido quase coincidente desses valores permite-nos, em ambos os casos, concluir que os respondentes têm uma opinião muito positiva e coincidente sobre a atuação dos professores, quanto à ajuda aos estudantes, em situações de bullying, na escola.

Tabela 22 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying

Considera que os professores da escola ajudam os estudantes vítima de bullying?	N	%
Por vezes	21	34,4%
Frequentemente	15	24,6%
Sempre	13	21,3%
Nunca	7	11,5%
Quase nunca	3	4,9%
Não responde	2	3,3%
	61	100%

Gráfico 27 – Ajuda dos professores a estudantes vítimas de bullying



Relativamente à questão, **Considera que os funcionários da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?**, os resultados obtidos foram: por vezes, 57,4%; sempre, 13,1%; nunca, 11,5%; quase nunca, 8,2%; frequentemente, 4,9% e não responde, 4,9%. Das respostas, sublinha-se a existência de uma boa relação entre funcionários e estudantes, no que diz respeito à ajuda prestada em casos de bullying, uma vez que predomina a opinião “por vezes”, com resultados mais elevados, seguindo-se opção, “sempre”.

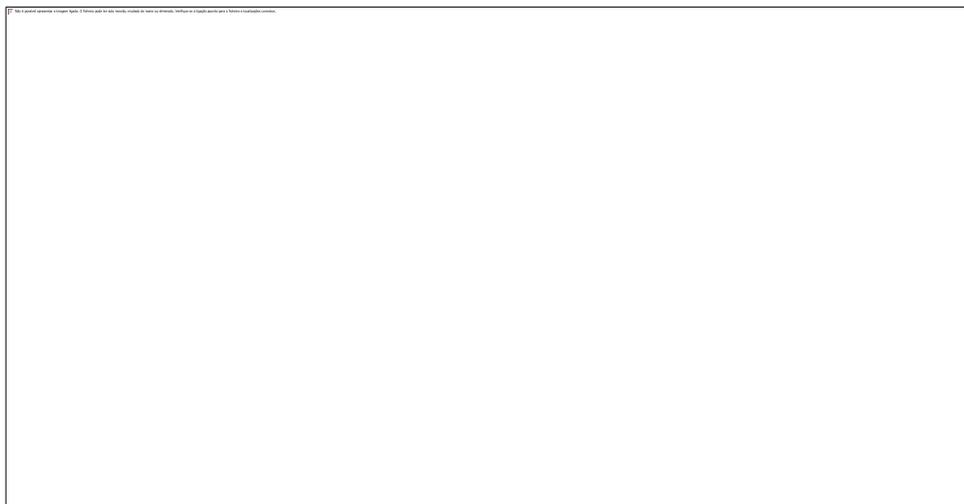
Pode-se concluir, atendendo aos resultados obtidos, que, na perceção dos pais/encarregados de educação, os funcionários ajudam os estudantes. Todavia, os

funcionários poderiam fazer mais e melhor, de forma a não apenas auxiliar os alunos vítimas de qualquer tipo de violência, mas igualmente prevenir novos episódios de bullying, como referido por alguns autores (Fernandes & Seixas, 2012; Olweus, 2003).

Tabela 23 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying

Considera que os funcionários da escola ajudam os estudantes vítima de bullying?	N	%
Por vezes	35	57,4%
Sempre	8	13,1%
Nunca	7	11,5%
Quase nunca	5	8,2%
Frequentemente	3	4,9%
Não responderam	3	4,9%
	61	100%

Gráfico 28 – Ajuda dos funcionários a estudantes vítimas de bullying



2.4. Perceções sobre o bullying e os filhos enquanto agressores

Ainda no que concerne à informação dos pais/encarregados de educação, foi colocada a questão: **O seu filho maltrata outros colegas na escola?**

O resultado mais significativo foi nunca maltratou outros colegas, com 60,7%; o segundo, maltratou algumas vezes, 19,7%; o terceiro, não sei, 14,8%; frequentemente, 0%, e não responde, 4,9%. Estes resultados são surpreendentes, não coincidindo com as respostas registadas pelos estudantes. Recorda-se que, em resposta à questão, **Alguma vez incomodaste, insultaste ou agrediste um colega na escola?**, 34,6% dos estudantes

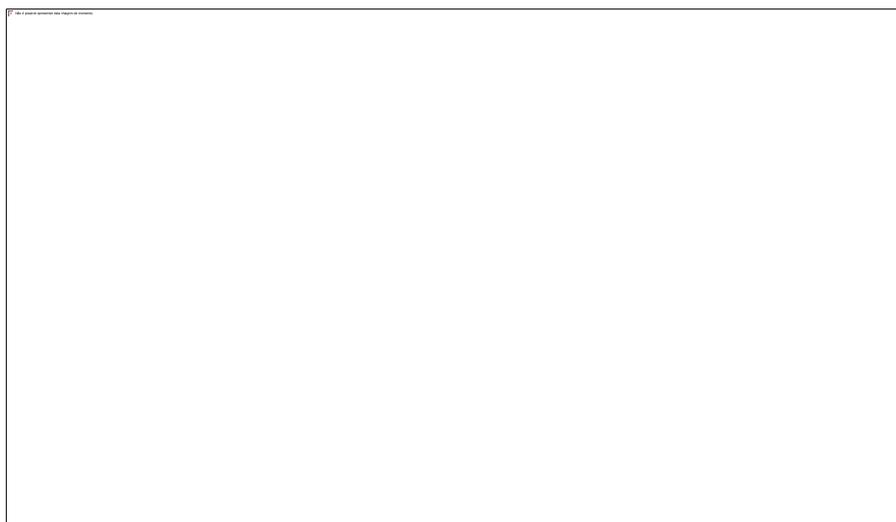
fê-lo uma vez ou duas e 6,2% duas ou três vezes por semana, podendo ser considerados agressores “fortes” (Carvalhosa et al., 2009; 2001; Martins, 2005).

Estes resultados permitem-nos concluir que muitos pais/encarregados de educação desconhecem a violência que existe na escola, precisando de dialogar mais frequentemente com os seus filhos.

Tabela 24 – Conhecimento de que o filho maltrata colegas na escola

O seu filho maltrata outros colegas na escola?	N	%
Nunca maltratou outros colegas na escola	37	60,7%
Maltratou algumas vezes	12	19,7%
Não sei	9	14,8%
Não responde	3	4,9%
Frequentemente	0	0,0%
	61	100%

Gráfico 29 – Conhecimento de que o filho maltrata colegas na escola



Atendendo aos dados, anteriormente analisados, que mostram a diferença entre os casos de bullying, referidos pelos alunos e pelos pais/Encarregados de Educação, confirma-se o desconhecimento da maioria dos pais sobre episódios de bullying, que envolveram os filhos/educandos, enquanto vítimas ou agressores. Considerando, ainda, que alguns pais/Encarregados de Educação afirmam que não sabem se os filhos foram vítimas ou agressores, ou só souberam que foram vítimas ou agressores por outros, ou por terem sido chamados à escola, **confirma-se a Hipótese 2**, formulada inicialmente.

- A maioria dos pais/encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, revela desconhecimento sobre episódios de bullying, ocorridos em contexto escolar.

2.5. Informação e formação no âmbito da prevenção do bullying

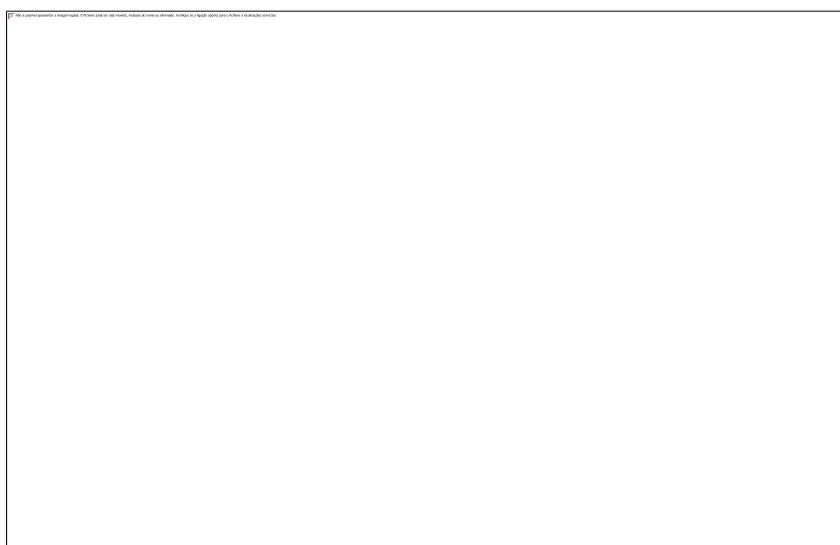
No que concerne à questão, **Na escola, foi informado sobre como prevenir o bullying?**, foram obtidos os resultados: nunca, 63,9%; por vezes, 34,4%; frequentemente, 0% e não responde, 1,6%. Assim sendo, a maioria de respostas negativas obtidas revela que falta mais informação, por parte da escola, direcionada para pais/encarregados de educação, sobre este problema. Ao mesmo tempo, esse resultado comprova, igualmente, a pertinência de mais informação e formação, face a respostas dadas a questões anteriores, quanto ao desconhecimento do envolvimento dos filhos, em episódios de bullying.

Conclui-se que os pais/encarregados de educação não têm acesso a informação específica sobre o bullying e que há falta de diálogo e desconhecimento do que se passa, com os seus filhos/educandos, na escola. Este conjunto de fatores pode concorrer para a prevalência de episódios de violência. De facto, a prevenção só é possível com o compromisso e a colaboração de todos, em comunidade educativa (Teixeira & Osório, 2009; Olweus, 2003), como referenciado ao longo da revisão da literatura (cf. Cap. I e II).

Tabela 25 – Informação sobre como prevenir o bullying

Na escola foi informado sobre como prevenir o bullying?	N	%
Nunca	39	63,9%
Por vezes	21	34,4%
Não responde	1	1,6%
Frequentemente	0	0,0%
	61	100%

Gráfico 30 – Informação sobre como prevenir o bullying



Em relação aos pais/encarregados de educação, que responderam **afirmativamente** à questão anterior, foi-lhes solicitado que indicassem por quem. No que se refere a esta questão, os resultados obtidos foram seguintes: professores, 36,1%; diretor, 13,1%; funcionários, 9,8%; outro, 0% e não responde, 41,0%.

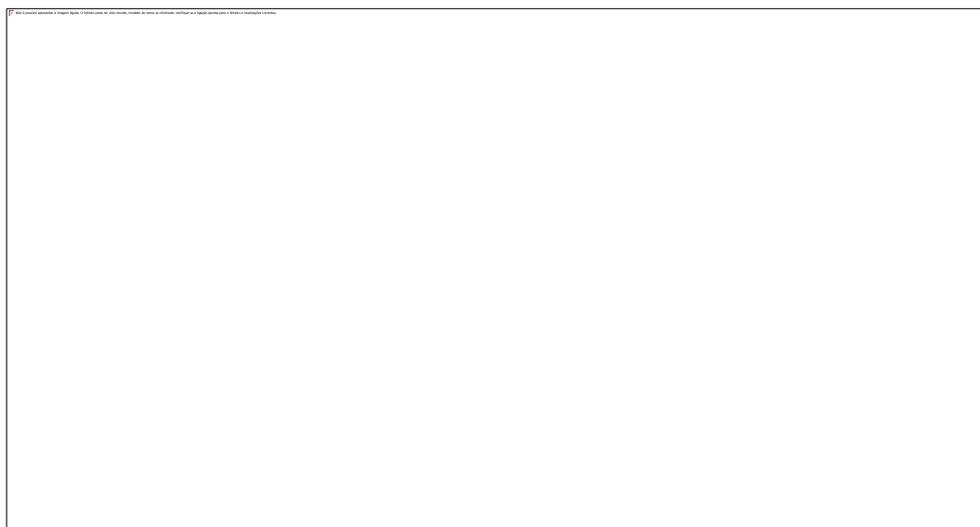
Nos resultados, é de destacar o número elevado de pais/encarregados de educação que não respondeu. Tal pode querer dizer que os pais/encarregado de educação não têm estado atentos à comunicação social angolana, onde, finalmente, este assunto começa a ser observado e discutido, pois não é apenas na escola que os pais podem ser informados. O seu conhecimento sobre o bullying poderá resultar de informações extra-escolares, por exemplo veiculadas pela comunicação social.

Globalmente, é de realçar, mais uma vez, que os professores surgem como os que mais informam sobre o bullying, a juntar a quem mais ajuda os alunos, que são vítimas de bullying. Em contraste, o valor percentual de funcionários é pouco significativo, inferior à observada pelo diretor, a confirmar a necessidade de proporcionar formação aos funcionários, sobre como atuar, a propósito da violência escolar, ligada ao surgimento do bullying.

Tabela 26 – Quem informa os pais/encarregados de educação sobre o bullying

Se “sim” por quem?	N	%
Não responde	25	41,0%
Professores	22	36,1%
Diretor	8	13,1%
Funcionários	6	9,8%
Outro	0	0,0%
<input type="checkbox"/>	61	100%

Gráfico 31 – Quem informa os pais/encarregados de educação sobre o bullying



Na questão, **Na escola, participou em ações de prevenção sobre o bullying?**, sintetizam-se os resultados: nunca, 80,3%; por vezes, 11,5%; frequentemente, 1,6% e não responde, 6,6%. Face aos valores exibidos, é visível a falta de ações de prevenção, na escola em estudo.

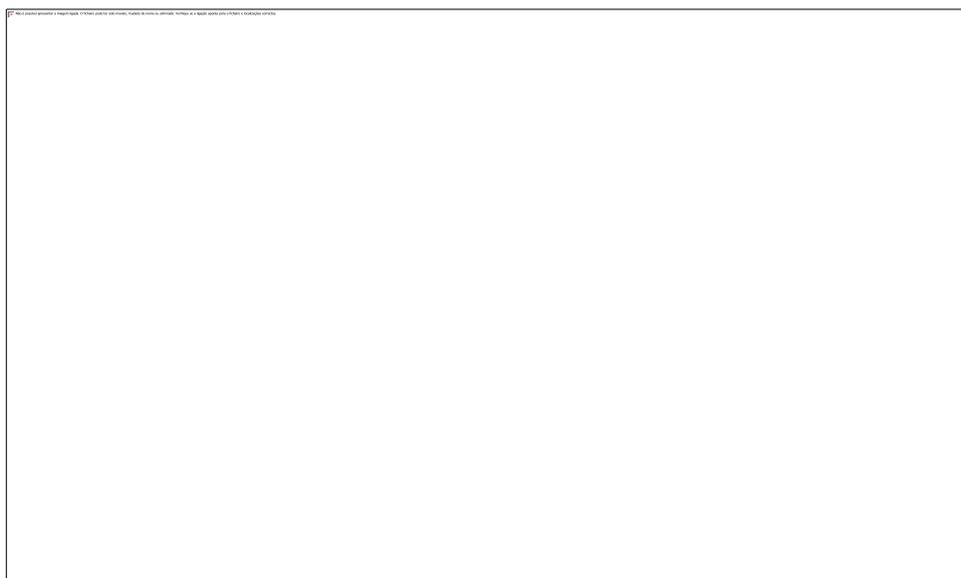
Mais uma vez, é necessário reforçar a relação escola-família, porquanto a grande maioria dos pais/encarregados de educação inquiridos nunca participou em ações de prevenção sobre violência, em contexto escolar.

Recorda-se que a maioria dos Planos e Projetos de intervenção, respeitantes à prevenção do bullying na escola (Olweus, 1994; Pereira, 2008; Smith & Sharp, 1998), privilegiam ações de formação para professores e pais/encarregados de educação, no reconhecimento de que um maior grau de conhecimento e consciencialização, da comunidade escolar, levará a uma diminuição de ocorrências de bullying.

Tabela 27 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying

Na escola, participou em ações de prevenção sobre <i>bullying</i> ?	N	%
Nunca	49	80,3%
Por vezes	7	11,5%
Não responderam	4	6,6%
Frequentemente	1	1,6%
	61	100%

Gráfico 32 – Participação em ações de prevenção sobre o bullying



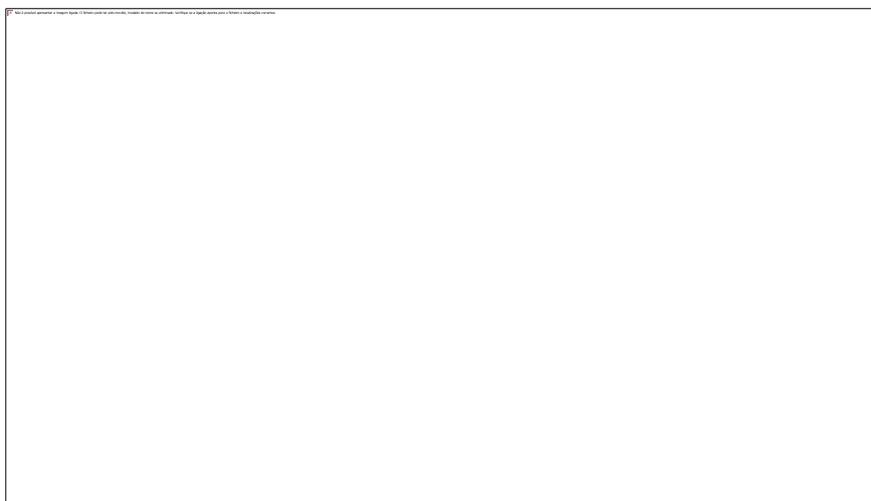
A questão, **Em casa, fala com o seu filho sobre como prevenir o bullying?**, foi respondida pelos pais/encarregados de educação, tendo as suas opiniões sido comparadas com as dos estudantes, participantes no estudo, a quem, no referido inquérito por questionário, foi colocada uma questão similar: **Em tua casa, os teus pais falam contigo sobre como prevenir o bullying?**

Os resultados, obtidos em relação aos pais/encarregados de educação, foram: por vezes, 49,2%; frequentemente, 24,6; nunca, 21,3% e, finalmente, os que não respondem, 4,9%. Para efeitos de comparação, recordam-se os resultados, quanto aos estudantes, pela mesma ordem: por vezes, 44,4,%, frequentemente, 7,4% e nunca, 48,1%. A análise triangular dos dados registados permite realçar uma grande diferença no item “nunca”, pelo que podemos concluir que a maioria dos estudantes percebe que não há diálogo com os pais/encarregado de educação, enquanto apenas alguns pais/encarregados de educação percebem que o diálogo não se verifica. Esta diferença de opiniões pode ser consequência da diferença entre gerações. Poderá diminuir, se entretanto todos participarem em ações comuns, de formação e informação, tal como referido na revisão da literatura (cf. Cap. II).

Tabela 28 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying

Em casa fala com o seu filho sobre como prevenir o bullying?	N	%
Por vezes	30	49,2%
Frequentemente	15	24,6%
Nunca	13	21,3%
Não responderam	3	4,9%
	61	100%

Gráfico 33 – Diálogo entre pais e filhos sobre a prevenção do bullying

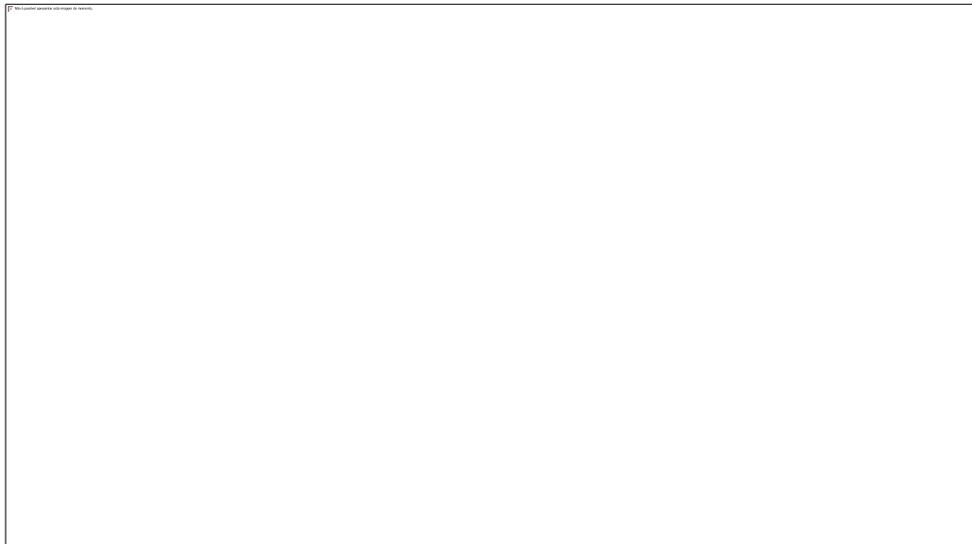


À semelhança do inquérito por questionário aos estudantes, a penúltima questão consistia em: **Na sua opinião, o que poderia ser feito para prevenir o bullying na escola?** Os pais/encarregados de educação poderiam referir mais do que uma medida. Seleccionamos as **5 medidas mais indicadas**, que se revelam semelhantes às referidas pelos estudantes: mais informação aos estudantes, 73,8%; mais atenção dos professores a situações de bullying, 73,8%; mais diálogo com os estudantes e os pais, sobre regras de convivência, 63,9%; mais apoio às vítimas, por parte dos professores, 59% e mais responsabilização dos estudantes, 50,8%.

Tabela 29 – Medidas para prevenir o bullying na escola

Cinco medidas mais importantes	N	%
Mais informações aos estudantes	45	73,8%
Mais atenção dos professores à situação de <i>bullying</i>	45	73,8%
Mais diálogo com os estudantes e os pais sobre regras de convivência	39	63,9%
Mais apoio às vítimas por parte dos professores	36	59,0%
Mais responsabilização dos estudantes	31	50,8%

Gráfico 34 – Medidas para prevenir o bullying na escola



Sublinha-se, nestas medidas, a necessidade de informar os estudantes sobre o bullying, a atenção que os professores devem ter, em relação a este fenómeno e a importância e a necessidade de diálogo, a estabelecer entre estudantes e pais/encarregados de educação deve ser realizado.

Em acréscimo, é referido o cuidado e empatia com as vítimas, o apoio a prestá-lhes e a responsabilização dos estudantes, sobretudo se forem agressores e/ou se

estiverem do lado dos agressores, o que implica, de facto, uma corresponsabilização de todos, e, muito especialmente, dos pais/encarregados de educação, em conjunto com a escola e toda a comunidade educativa.

Atendendo aos dados, anteriormente referidos e analisados, confirma-se que, face ao desconhecimento da maioria dos pais/encarregados de educação, sobre episódios de bullying, nos quais os filhos/educandos estiveram envolvidos, como vítimas ou agressores, é essencial existir mais diálogo entre estudantes e pais/encarregados de educação, sobre regras de convivência, em comunidade educativa, tal como referido pelos inquiridos. Além disso, falta informação específica sobre o bullying aos pais/encarregados de educação, o que também agrava o grau de desconhecimento, manifestado por este, o que dificulta a prevenção da violência na escola.

Assim, **confirma-se a Hipótese 4** formulada anteriormente;

- O diálogo e a responsabilização dos encarregados de educação de alunos de 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, favorece a prevenção do bullying.

É importante realçar a confirmação da **Hipótese 3**, relativa às perceções do diálogo e responsabilização dos próprios estudantes (cf. Cap. IV, 1.5).

A seguir, numa breve análise descritiva, serão apresentadas e analisadas opiniões e sugestões, sobre a prevenção da violência na Escola que foram veiculadas, por escrito, por estudantes e pais/encarregados de educação.

3. SUGESTÕES PARA A PREVENÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA

Alguns estudantes e pais/encarregados de educação, na questão – **Qual a tua/sua opinião sobre o bullying e a forma como poderá ser feita a prevenção deste fenómeno, em contexto escolar?** – Por escrito registaram opiniões e sugestões, para a prevenção do bullying (responderam cerca de 50% dos inquiridos).

É de realçar que a concretização de uma **análise de conteúdo, de tipo descritivo**, das sugestões dos inquiridos, se enquadra numa abordagem qualitativa e enriquece a análise, ao dar voz às perceções, crenças e opiniões dos respondentes, nos inquéritos por questionário. Esse aprofundamento é essencial, atendendo às características de análise, pormenorizada e contextual, específica de um **Estudo de Caso** (Stake, 2009).

Assim, apresentamos e analisamos algumas respostas mais significativas, que ilustram não apenas a preocupação dos estudantes e dos pais/encarregados de educação,

mas igualmente as suas percepções, sobre estratégias e ações a desenvolver, de forma a prevenir e erradicar este grave problema, do ambiente da escola observada.

Os registos textuais, que se incluem, encontram-se identificados com E (estudante) e PAI/EE (encarregado de educação), e estão numerados sequencialmente, cumprindo a regra do anonimato científico (Tuckman, 2005). Além disso, os registos foram objeto de correção linguística, a nível de ortografia e de pontuação.

3.1. Sugestões dos estudantes

As sugestões dos estudantes foram poucas, pois a maioria dos discentes não respondeu à questão aberta. Contudo, referem, sobretudo, a responsabilização:

E 3 – *“Ter atitudes para serem mais responsáveis”.*

E 45 – *“ Dar um prémio aos alunos que se portam bem e castigar os alunos que batem e insultam.”*

E 14 – *“Apoiar mais os alunos na escola e ajudá-los. Saber quem são os violentos e falar e castigar, para esses jovens pararem a violência .”*

Um dos estudantes (E45) chega a referir o prémio/recompensa, para alunos que sejam um exemplo de comportamento, e o castigo para aqueles que se envolvem em situações de bullying, tendo comportamentos violentos.

Além disso, reconhecem à Escola um papel muito importante, de apoio e prevenção, para que os jovens consigam “falar” e “tratar” dos seus problemas, mas sem se agredirem mutuamente (E 18), porém aprendendo a interagir e a dialogar, sem que os mais pequenos tenham receio dos maiores (E 12).

E 18 – *“Aprender a falar e tratar dos problemas sem violência, na escola.”*

E 12 – *“ É bom estar bem na escola, ninguém bater e falar com calma. Os pequenos não podem ter medo na escola.”*

Como atividades, que podem prevenir o bullying, os alunos referem os jogos e outras atividades desportivas, que são os seus passatempos favoritos:

E 12 – *“Com os desportos é mais fácil que a violência desapareça. Quando estamos cansados do desporto, não temos força para ter problemas.”*

E 58 – *“É importante fazer jogos e entrar em corridas, reduz o stress e acalma, isso é importante.”*

E 70 - *Apoiar os alunos sozinhos na escola e falar com alunos, para saberem o que pode acontecer de mal e mudar o que não está bem.*

É ainda referir que E 70 dá conta de que alguns alunos estão sozinhos, sobretudo nos espaços exteriores (incluindo o recreio). Esta situação pode levar, mais facilmente, à escolha desses alunos como vítimas, pelo que o estudante pede mais apoio para os mais solitários, como forma de prevenção, a fim de “mudar o que não está bem.”

3.2. Sugestões dos pais e encarregados de educação

As sugestões dos pais e encarregados de educação foram também poucas, exprimindo a sua preocupação, em relação ao fenómeno do bullying, e sugerindo mais apoio e vigilância dos espaços da escola, de maneira a diminuir a ocorrência de episódios de violência. Como afirmam alguns pais e encarregados de educação:

Pai/EE 1 – *“Prestar atenção aos alunos que são diferentes, pela forma de ser, de estar, e origem étnica.”*

Pai/EE 3 – *“Acompanhar aqueles alunos que se queixam muitas vezes de serem insultados e agredidos, na escola e fora dela”.*

Pai/EE 10 – *“Vigiar (professores e funcionários) os movimentos dos alunos, dentro da escola e a caminho de casa”.*

Pai/EE 50 – *“Ter atenção a atitudes de medo, ferimentos, golpes, roupa rasgada, objetos quebrados ou roubados”.*

Alguns pais preocupam-se muito com a vigilância, pedindo mais atenção dos professores e dos funcionários, aos movimentos dos seus filhos e educandos, dentro da escola e até mesmo fora da escola. Contudo, não é possível uma vigilância constante dentro da escola (e muito menos fora da escola), por falta de recursos humanos suficientes, pelo que a prevenção, através da formação e da consciencialização, deverá ser o caminho a seguir, sem pôr de lado a vigilância possível dos espaços, em especial do recreio.

Pai/EE 29 - *“Gostava de participar mais em reuniões e diálogos, com os professores, para não haver tanta violência.”*

Pai/EE 41 - *“Os professores informarem os nossos filhos o que fazer, nas situações e fazerem reuniões com todos”.*

Pai/EE 45 – *“Criar um clima de diálogo permanente entre as partes: escola, pais e governo, todos juntarem e falarem”.*

Pai/EE 57 – *“Mais atenção a mudanças dos jovens, tristeza, isolamento, notas descem, a faltas, e avisar os pais e acompanhar e falar com os jovens.”*

Pai/EE 59 – *“É preciso que os jovens reconheçam que na escola e em casa têm pessoas que os amam e sentem muito carinho por eles. Que se abram e falem, o diálogo é o mais importante.”*

A fim de prevenir ou dar resposta a situações de bullying na escola, os pais reforçam a importância de um trabalho conjunto de prevenção entre escola e família, em duas vertentes importantes: **a formação**, com mais reuniões (Pais/EE 29, 41, 45), e o **aumento do diálogo** entre todos, filhos/educandos, pais/encarregados de educação, professores e funcionários (Pais/EE 29, 41, 45, 57 e 59).

Além disso, o Pai/EE 57 lembra a atenção a dar a mudanças, muitas vezes sem explicação aparente, de condutas e estados de humor, como tristeza, isolamento pessoal, baixo rendimento escolar (insucesso escolar), ausências repetidas na escola, pois devem merecer um cuidado especial, o que implica acompanhamento. Quanto ao Pai/EE 59, este destaca a afetividade, pelo reforço dos laços de proximidade dos jovens com o contexto familiar e os educadores, professores, funcionários e família, “pessoas que os amam e sentem muito carinho por eles”, de forma a aprofundar sentimentos e comportamentos de confiança e abertura, alicerçados no diálogo, entendido como “o mais importante”.

Tanto os jovens como os seus pais/encarregados de educação concordam na importância do diálogo, o que, triangulando com as respostas aos dois inquéritos por questionário, é também coincidente.

A seguir, serão apresentadas as Conclusões do estudo realizado.

CONCLUSÕES

“Apesar de o bullying ocorrer no contexto das instituições escolares, ele não é só um problema da escola, mas de toda sociedade, visto ser um fenômeno que gera problemas a longo prazo, causando graves danos ao psiquismo e interferindo negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos.”

Freire e Aires (2012, p. 56)

Atualmente, independentemente do maior ou menor grau de incidência e das suas diferentes expressões, os episódios de bullying, entre estudantes, em ambiente educativo, constituem um fenómeno social, conhecido desde há muito, em todas as sociedades. A situação em Angola não é uma exceção, continuando a ocorrer, quotidianamente, situações de violência escolar, nas escolas públicas e privadas.

Contudo, somente desde o último quartel do século XX, o fenómeno do bullying, que antigamente era tolerado e/ou ignorado, a par dos castigos corporais, ministrados pelos próprios docentes, começou a ser investigado, numa lógica de combate e prevenção da violência entre estudantes, a partir da definição do conceito de bullying e dos estudos pioneiros, efetuados pelo investigador norueguês Olweus (1993).

Entretanto, não é fácil fazer comparações simples sobre o bullying, por exemplo entre as sociedades europeias e angolana, pois os dados obtidos sobre a sua incidência não são homogêneos, mesmo a nível europeu. A análise torna-se mais difícil a nível intercontinental ou mundial, devido a contextos sócio culturais muito diversos, bem como a metodologias e amostragens diversificadas, com pesquisas efetuadas em vários níveis de ensino. Apesar dessas diferenças, no estudo desenvolvido, numa instituição escolar particular, pesquisamos convergências e divergências, em relação ao fenómeno do bullying.

Assim, procuramos dar resposta à **Pergunta de Partida**, definida na Introdução:

- De que forma é possível a prevenção do bullying, numa escola angolana, com 2º Ciclo do Ensino Secundário, através do envolvimento de estudantes, pais e encarregados de educação, em comunidade educativa?

A fim de alcançar respostas, foi preciso analisar as opiniões de estudantes, pais e encarregados de educação, no 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, num estudo em que predominou uma abordagem quantitativa, sem excluir uma breve análise descritiva das opiniões e sugestões dos inquiridos, que se enquadra numa

abordagem de tipo qualitativo, para aprofundar e pormenorizar a análise do **Estudo de Caso**.

Segue-se a fundamentação da confirmação das hipóteses, na continuação da análise dos resultados, tal como apresentado e discutido previamente (cf. Cap. IV).

Em relação à **Hipótese 1** – A maioria dos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, esteve envolvida, no último ano letivo, em episódios de bullying, como vítima, agressor ou testemunha – observa-se um efetivo envolvimento da maioria dos alunos inquiridos. O número dos que já foram vítimas ou agressores, mais do que uma vez, é alarmante, destacando-se ainda, negativamente, alguns agressores com perfil de líderes, que recorrem à violência repetidamente, em contexto escolar.

Quanto à **Hipótese 2** – A maioria dos pais e encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, de uma escola angolana, revela desconhecimento sobre episódios de bullying, ocorridos em contexto escolar – a pesquisa comprovou que, efetivamente, a maioria desconhece, em todo ou em parte, a ocorrência e o envolvimento dos seus filhos e educandos, em situações de violência, no quotidiano escolar.

Nos resultados, destaca-se a diferença entre os casos de bullying, em que os alunos referem que participaram, como vítimas, agressores ou testemunhas, e os mencionados pelos pais/encarregados de educação, em que os filhos estiveram envolvidos, enquanto vítimas ou agressores. Muitos pais/encarregados de educação confessam desconhecer se os filhos foram vítimas ou agressores, ou então apenas tomaram conhecimento por outros, ou quando foram chamados à escola, para serem informados. Estes resultados levam ainda a uma outra conclusão, referente à falta de diálogo em contexto familiar, o que interliga esta hipótese com as hipóteses seguintes.

No que concerne à **Hipótese 3** – O diálogo e a responsabilização de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, possibilita a prevenção do bullying – os inquiridos, tanto os estudantes, como os pais/encarregados de educação, concordaram, maioritariamente, com a importância do diálogo e da responsabilização dos estudantes. A triangulação dos resultados dos dois inquéritos por questionário, focalizada na opinião sobre o que poderia ser feito para prevenir o bullying na escola, bem como a análise descritiva das opiniões e sugestões dos respondentes, são coincidentes. Os sujeitos inquiridos, inclusive os próprios alunos, referem, em maioria, a necessidade de mais informação e de mais diálogo, na escola e em contexto familiar, com reforço da consciencialização dos jovens.

Por último, na **Hipótese 4** – O diálogo e a responsabilização dos pais e encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário, numa escola angolana, favorece a prevenção do bullying – e à semelhança da hipótese anterior, verificou-se, de novo, a concordância dos inquiridos. A triangulação de resultados, em ambos os inquéritos, e a análise dos textos escritos, sobre sugestões de prevenção do

bullying, em contexto escolar, evidenciam a valorização do diálogo e da responsabilização dos pais e encarregados de educação, a par de mais responsabilidade dos alunos.

Globalmente, como referido anteriormente, é salientado o diálogo entre todos os membros da comunidade educativa, sobre regras de convivência e gestão de conflitos. Contudo, esse diálogo deve ser sustentado por mais formação, pois o estudo comprovou, como mencionado na apresentação e análise dos dados (cf. Cap. IV), que falta informação e formação sobre o bullying, destinada aos pais e encarregados de educação.

Neste sentido, e como **conclusão geral**, à Escola cumpre uma responsabilidade formativa, como instituição educativa, em relação a todos os membros da comunidade. De facto, a pesquisa revelou que os professores são os mais informados, no que concerne à violência entre os estudantes, pelo que poderão dinamizar ações de formação concretas, sobre o bullying, destinadas a alunos, pais/encarregados de educação e ainda aos funcionários da escola. Neste estudo, o desconhecimento sobre o que é o bullying, como ocorre e como pode ser prevenido, e a evidente falta de diálogo, na Escola, e ainda mais na Família, são impeditivos de uma prevenção, mais eficaz, do bullying escolar.

Apesar de uma **generalização das conclusões** não ser possível, uma vez que se trata de um Estudo de Caso, limitado no espaço e no tempo, e situado num contexto particular, é possível a replicação do estudo e a comparação de resultados, entre contextos semelhantes (Stake, 2009). Além disso, e na continuidade da pesquisa, as conclusões serão, futuramente, divulgadas na Escola onde se efetuou o estudo, através de uma ação de informação, de maneira a intervir formativamente e a incentivar a formação dos elementos dessa comunidade, no que se refere à prevenção do bullying escolar.

A ação referenciada poderá constituir a base de uma das possíveis **investigações futuras**, pois permitiria analisar o antes e o depois da intervenção, verificando se a informação, o diálogo e a reflexão estimulam mais responsabilidade e prevenção.

Outra sugestão poderia ser o alargamento, do presente estudo, às opiniões dos professores e do Diretor, sobre formas eficazes de prevenção. As opiniões dos docentes são importantes, pelo contato e conhecimento diário da realidade, vivida na Escola. Quanto ao Diretor, a liderança poderá ter um papel fulcral, na mudança e prevenção da violência.

Ainda outra sugestão poderia ser um estudo, a realizar no mesmo contexto, que focalizasse a criação e o impacto de um **Gabinete de mediação de conflitos**, na Escola, dinamizado, colaborativamente, por uma equipa de professores e alunos e, se possível, um(a) psicólogo(a), que tivesse horário de atendimento, destinado a alunos e pais/encarregados de educação. O investimento na formação de alunos supervisores, com competências adicionais, poderá ser direcionado para a dinamização de atividades, o reconhecimento de comportamentos de bullying e a gestão de conflitos entre alunos.

Finalmente, no encerramento deste trabalho, é importante esclarecer que, em Angola, apenas recentemente começaram a surgir os primeiros estudos sobre o bullying. É preciso não esquecer que o país viveu longos anos de guerra e que a paz surgiu, apenas, há cerca de 15 anos. Por isso, tem sido prioridade do Governo a recuperação das infraestruturas do país, incluindo a reconstrução e a edificação de novas escolas, pois as que existem são, de longe, insuficientes, para atender o número crescente de estudantes, pelo que muitas crianças encontram-se fora do sistema de ensino. Além disso, faltam professores, pelo que a formação docente é outra prioridade. Em consequência, os assuntos não diretamente enquadráveis na paz social, na reconstrução do país e na formação, tais como o bullying, durante muito tempo não foram entendidos como importantes.

Porém, nos últimos anos, com o crescimento dos sinais de violência escolar, o bullying nas escolas surgiu como uma realidade preocupante e um desafio para o Governo de Angola. Na interligação da Educação, da sociedade e das famílias, a violência escolar expressa a falta de apoio afetivo, a pobreza e negligência familiar, e sobretudo a ausência de valores, na vida das crianças e adolescentes, dos próprios pais e da sociedade em geral. Hoje, o fenómeno do bullying revela-se em todos os ambientes escolares, gerando angústia, autoexclusão, depressão, marginalização e até mesmo o suicídio (Serrate, 2014).

Se o objetivo da Escola é a formação do aluno, em todas as dimensões da pessoa, isto é, uma formação integral (humana, intelectual e afetiva), é, então, fundamental a criação de um bom ambiente na Escola, que promova comportamentos de tolerância, cooperação e respeito, entre alunos, professores e funcionários. Este tipo de aprendizagem, de atitudes interpessoais positivas, poderá reduzir e prevenir as ocorrências do bullying.

Nesta perspetiva, os novos caminhos da Educação, em Angola, passam pelo trabalho dos educadores, em conjunto com os alunos e pais/ encarregados de educação, tendo por finalidade erradicar as situações de violência do ambiente escolar, e proporcionando, a crianças e jovens, a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos e as suas capacidades de diálogo e comunicação, com reforço da empatia e da autoestima. Desta forma, será possível melhorar o desenvolvimento harmonioso da personalidade dos jovens, a qualidade das aprendizagens e alcançar o sucesso escolar.

Assim sendo, esperamos ter contribuído, um pouco, para a reflexão e discussão sobre o problema do bullying escolar, considerando uma perspetiva formativa de prevenção, através do diálogo e da responsabilização, em comunidade educativa.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, K., Silva, A., & Campos, J. (2008). A importância da identificação precoce da ocorrência do Bullying: uma revisão de literatura. *Revista de Pediatria*, 9 (1), 8-16.
- Amado, J. S., & Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na Escola. Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Beane, A. L. (2011). *Proteja o seu Filho de Bullying*. Porto: Porto Editora.
- Besag, V. (2006). *Understanding Girls Friendship: Fights and Fends – A Practical Approach to Girls Bullying*. Open University Press. Acedido em 9 de agosto de 2014, em http://book.google.pt/books?id=qsw_quxy4m0C&1pg=PA38&ots=pcBJawYP-a&dp0besag%202006&pg=PA238#v=onepage&q&f
- Bessa, D. (2005). O uso das estatísticas em Economia. In A. Silva & J. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (13.^a ed., pp. 79-98). Porto: Edições Afrontamento.
- Boulton, M. (1999). Concurrent and Longitudinal Relations between Childrens: Playground behaviour and social preference, Victimizations and Bullying. *Child Development*, 70 (4), 944-954.
- Boulton, M. J., & Smith, P. (1994). *Bully victim problems in middle-school: children, stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance*. Acedido em 1 de maio de 2013, em World Wide Web: ector.colorado.edu.
- Caldeira, S., & Veiga, F. (2011). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito*. Lisboa: Fim de Século.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A Situação do Bullying nas Escolas Portuguesas. *Revista Interações*, 5 (13), 25-146.
- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A Provocação, a Vitima entre Pares no Contexto Escolar Português. *Análise Psicológica*, 4, 523-537. Lisboa.
- Chen, S., & Yve, G. (2002) A Survey of Bully Behaviour in the School Campus. *Psychological Science*, 25(3), 355-356.
- Coie, J. D. (2004). The impact of negative social experiences on the development of antisocial behavior. In J. B. Kupersmidt & K. A. Dodge (Eds.), *Decade of behavior. Children's peer relations: From development to intervention* (pp. 243-267). Washington: American Psychological Association.

- Costa, P., & Pereira, B. (2010). O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar. *Atas do Seminário Internacional Contributos da Psicologia em Contextos Educativos* (pp. 1810-1821). Braga: Universidade do Minho. Acedido em 23 de abril de 2015, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13613/1/Bullying%20na%20escola%20A%20prevalencia%20e%20o%20sucesso%20escolar.pdf>
- Craig, W. (1998). The Relationship among bullying, victimization, depression, anxiety and aggressions in Primary School Children. *Personality and Individual Differences*, 24(1), 123-130.
- Craig, W., & Pepler, D. (1995). Peer Processes in Bullying and Victimization: an observational Study. *Exceptionality Education Canada*, 5, 81-95.
- Cranham, J., & Carroll, A. (2003). Dynamics within the Bully Victim Paradigm: A Qualitative Analysis. *Educational Psychology in Practice*, 19 (2), 113-132
- Cunha, J., & Weber, L. (2010). O Bullying como desafio contemporâneo. Vitimização entre pares nas escolas: uma breve Introdução. In A. Palmeiro, A. de Paula & F. Clara (Orgs.), *Enfrentamento à Violência na escola* (pp. 66- 72). Paraná: Série de Cadernos Temáticos. Secretaria de Estado da Educação. Acedido em 15 de junho de 2015, em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematicopdf
- Diaz-Aguado, M.J. (2005). Por que se produce la violencia escolar y como prevenirla. *Revista Iberoamericana de Educación*, 37 <http://www.rieoei.org/rie37a01.htm>
- Didaskalou, E., Andreou, E., & Vlachou, A. (2009). Bullying and victimization in children with special education needs: Implications for Inclusive Practices. *Revista Interações*, 5 (13), 249-274.
- Engert, P. (2002). Self-Perceptions of Bullies, Victims and other participants in Bullying and Victimizations Interactions of Middle School Students. *Dissertation abstracts International Section B: The Science and Engineering*, 63 (3-B), 1560.
- Fante, C. (2005). *Fenómeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* (2ª ed.). Campinas. S. Paulo: Editora Versus.
- Fernandes, L., & Seixas, S. (2012). *Plano Bullying: Como apagar o Bullying na Escola*. Lisboa: Plátano Editora.
- Ferreira, V., Rowe, J.F., & Oliveira, L. A. (2010). Percepção do Professor sobre o Fenómeno Bullying no Ambiente Escolar. *Unesc & Ciência - ACHS*, 1(1), pp. 57-64.
- Fontaine, R., & Réveillère, C. (2004). Le bullying (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissements vulnérabilisants et psychopathologiques. *Annales Médico*

psychologiques, 162, 588-594.

- Formosinho, M., & Simões, M. (2001). O bullying na escola: Prevalência, contextos e efeitos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35 (2), 65-82.
- Freire, A., & Aires, J.S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16 (1), 55-60. Acedido em 30 de março de 2015, em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/06.pdf>
- Freire, I., & Amado, J. (2008). Gerir e lidar com a(s) indisciplinas(s) na escola. In R. Astor, E. Debaridieux & C. Neto (Eds.), 4th World Conference on Violence in School and Public Policies (pp. 93). Lisboa: Edições FMH.
- Freire, I., Veiga Simão, A. M., & Ferreira, A. (2006). O Estudo da Violência entre Pares no 3º Ciclo do Ensino Básico – um Questionário aferido para a População Escolar Portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), 157-183.
- Gini, G., Albiero, P., Benelli, B., & Altoè, G. (2006). Does empathy predict adolescents' bullying and defending behavior? *Aggressive Behavior*, 33 (5), 467-476. Acedido em 3 www.sciencedirect.com
- Grossi, P. K., & Santos, A. M. (2009), Desvendando o fenómeno Bullying nas Escolas Públicas de Porto Alegre, RS, Brasil. *Revista da Educação*, 22 (2), 249-267.
- Hoffman M. (2000). *Empathy and Moral Development. Implications for caring and justice*. Cambridge: University Press. Acedido em 1 de junho de 2015, em <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam032/99029669.pdf>
- InfoCEDI (2010). Bullying nas escolas. *Boletim do Centro de Estudos, Documentação e Informação sobre a Criança do Instituto de Apoio à Criança*, 24. Acedido em 30 de março de 2014, em <http://www.iacrianca.pt>.
- Jeffrey, L. (2004). Bullying bystanders. *Prevention Researcher*, 11 (3), 7-8.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2011). Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables?. *Journal of Adolescent*, 34 (1), 59-71. www.sciencedirect.com
- Lumsden, L. (2002). *Preventing bullying. ERIC Digest*. Eugene, OR: ERIC Clearinghouse on Educational Management. Acedido em 30 de abril de 2014, em http://www.counseling.org/resources/library/Selected%20Topics/Bullying/Preventing_Bullying.html

- Martins, M. J. D. (2007). Violência Interpessoal e Maus-tratos entre Pares, em contexto escolar. *Revista de Educação, XV* (2), pp. 51-78.
- Martins, M. J. D. (2005). O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação, 18* (1), pp. 93-115.
- Matos, M.G. (2008). A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica, 2* (26), 251-236.
- McGrath, M.J. (2007). *School Bullying: Tools for avoiding harm and liability*. Thousand Oak. Corwin Press.
- McMaster, L., Connolly, J., Pepler, D., & Craig, W. (2002). Peer to peer sexual harassment among early adolescents. *Developmental Psychopathology, 14*, 91-105.
- Nickerson, A. B., Mele, D., & Princiotta, D. (2008). Attachment and empathy as predictors of role as defenders or outsiders in bullying interactions. *Journal of School Psychology, 46*, 687-703.
- O'Connell, P. (2000). Peer Processes and bullying: Naturalistic observation on the Playground. Dissertation Abstracts International Section B: The Sciences and Engineering. *Dissertation abstracts International Section B: The Science and Engineering, 60* (8-B), 4306.
- O'Connell, P., Pepler, D., & Craig W. (1999). Peer Involvement in bullying: insights and challenges for intervention. *Journal of Adolescence, 22*(4), 437-452. Acedido em 12 de março de 2015, em <http://www.bullylab.com/portals/0/peer%20involvement%20in%20bullying-%20insights%20and%20challenges%20for%20intervention.pdf>
- Olweus, D. (2003). A Profile of bullying at school. *Educational Leadership, 60*(6) 12-17. Acedido em 10 de janeiro de 2015, em http://www.lhsenglish.com/uploads/7/9/0/8/7908073/olweus_profile_of_bullying.pdf
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic Facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 35*(7), 1171-1190.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Olweus, D. (1991). Bully/victim problems among school children: Basic facts and effects of a school-based intervention program. In D. Pepler & K. Rubin (Eds.), *The Development and treatment of childhood aggression* (pp. 411-448). Hillsdale: N.J.Erlbaum.
- Orpinas, P., & Horne, A.M. (2006). *Bullying prevention: creating a positive school climate and*

- developing social competence*. Washington DC: American Psychological Association.
- Pavarino, M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância: *Psico*, 36 (2), 127-134.
- Pellegrini, A. (2002). Bullying, victimization and sexual harassment during the transition to middle school. *Educational Psychologist*, 37(3), 151-163.
- Pereira, B.O. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & FCT.
- Pereira, B.O., & Pinto, A. (1999). Dinamizar a escola para prevenir a violência entre Pares. *Sonhar*, VI, 19-33.
- Pereira, B.O., Almeida, A., & Valente, L. (1994). *Projecto "bullying" - análise preliminar das situações de agressão no ensino básico*. Comunicação apresentada no 6º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogos ao Ar Livre, Lisboa, Portugal.
- Picado, L. (2009). Bullying em contexto escolar. *Psicologia.com.pt - O Portal dos Psicólogos*. Acedido em 22 de setembro de 2012, em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0575.pdf>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Raimundo, R., & Pinto, A.M. (2007). Conflito entre pares, estratégias de coping e agressividade nas crianças e adolescentes. *Psychologica*, 44, 135-156.
- Rivers, I., Duncan, N., & Besag, V. (2007). *Bullying. A handbook for Educators and Parents*. London: Praeger Publishers.
- Rivers, I., & Smith, P. (1994). Types of Bullying Behaviour and their Correlates. *Aggressive Behaviour*, 20(5), 355-368.
- Smith, P.K., & Sharp, S. (1998). *School Bullying*. London: Routledge.
- Salmivalli, C. (2010). Bullying and the peer group: A review. *Aggression and Violent Behaviour*, 15, 112-120. Acedido em 10 de abril de 2015, em <http://njbullying.org/documents/bullyingandpeergroup.pdf>
- Salmivalli, C. (2005). Consequences of school bullying and violence. A report from the conference *Taking Fear Out of School* (pp. 29-37), organized by the OECD, in the University of Stavanger, Norway, in September 2004. Acedido em 1 de abril 2015, em <http://laringsmiljosenteret.uis.no/getfile.php/SAF/Til%20nedlast/Taking%20Fear%20out%20of%20Schools.pdf>

- Salmivalli, C., & Voeten, M. (2004). Connections between attitudes, group norms and behaviour in bullying situations. *International Journal of Behavioral*, 28 (3), 246-258. Acedido em 30 de janeiro de 2015, em <http://jbd.sagepub.com/content/28/3/246.full.pdf+html>
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Bjorkqvist, K., Osterman, K., & Kaukianen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the groups. *Aggressive Behavior*, 22 (1)1-15.
- Serrate, R. (2014). *Lidar com o Bullying na Escola. Guia para entender, prevenir e intervir no fenómeno da violência entre pares*. Lisboa: Bookout.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação* (2.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Stake, R. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso* (2.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, M., & Osório, P. (2009). *Bullying – problemática (s) de tradução*. *Revista Interações*, 5 (13), 10-19. Acedido em 1 de março de 2015, em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/394/349>
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veiga Simão, A. M., Freire, I., & Ferreira, A.S. (2004). Maus Tratos entre pares na escola – um estudo contextualizado. *Atas do congresso Ibero-Americano sobre violência nas Escolas, na Universidade Católica de Brasília* (Brasil), em 28 e 29 de abril de 2004, patrocinado pela UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas e pela Universidade Católica de Brasília (publicado em CD-ROM: 18076165 ISSN).
- Veiga, F. H. (2007a). *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais* (3.^a ed.). Coimbra: Almedina.
- Veiga, F. H. (2007b). Adaptação da “Multidimensional Peer Victimization Scale” para Portugal. Apresentação em Poster, na *XIII Conferência Internacional sobre “Avaliação Psicológica: Formas e Contextos.”* Braga: Universidade do Minho, 2 e 4 de Outubro.
- Whitney, I., & Smith, P. (1993). A survey of the nature and ascent of bullying in junior/ middle and secondary schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

APÊNDICES

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO A ESTUDANTES

O presente inquérito tem como objetivo recolher informação acerca das representações de estudantes de 2º Ciclo de uma Escola angolana, sobre PREVENÇÃO DO BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR. É anónimo e confidencial. Os dados recolhidos destinam-se, exclusivamente, a um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Lusófona do Porto.

Obrigado pela colaboração.

1. Dados pessoais:

Sexo _____ Idade _____ Ano que frequentas _____

Assinala ao lado, com um X, as tuas respostas, ou responde ao que é pedido.

1. Foste vítima de bullying na escola, neste ano letivo?

- Não
- Uma ou duas vezes
- Duas ou três vezes por mês
- Todas as semanas
- Todos os dias

2. Ao longo da escolaridade, quando foste vítima de bullying?

- Nunca
- Algumas vezes
- Muitas vezes

3. Qual a tua relação com as pessoas que te incomodaram, insultaram ou agrediram?

- Nunca fui vítima de bullying
- Colegas da turma
- Colegas mais velhos da mesma escola
- Vizinhos
- Estudantes de outra escola
- Desconhecidos

4. Em que local da escola foste vítima de bullying?

- No recreio e/ou pátio
- Na sala quando o professor não estava
- Na sala quando o professor estava
- Nos corredores
- Nas casas de banho
- No refeitório
- No caminho a pé de e para a escola
- Na camioneta de e para a escola
- Outro. Qual? _____

5. A quem contaste que foste vítima de bullying?

- Nunca fui vítima
- Fui vítima mas não contei a ninguém
- Contei ao professor
- Contei à mãe
- Contei ao pai
- Contei a um(a) irmão(ã)
- Contei a um(a) amigo (a)
- Outra pessoa. Quem? _____

6. Os teus pais contactaram a escola, quando foste vítima de bullying?

- Nunca fui vítima, por isso nunca contactaram
- Fui vítima, mas nunca contactaram
- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Nunca

7. Os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

8. Os professores da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

9. Os funcionários da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

10. O que sentes quando vês um colega ser vítima de bullying?

- Não sinto nada
- Sinto um pouco de pena
- Sinto muita pena e afasto-me
- Sinto muita pena e tento ajudar
- Sinto que essa pessoa talvez tenha feito alguma coisa errada
- Sinto que esse colega merece
- Participo e maltrato também

11. Alguma vez incomodaste, insultaste ou agrediste um colega na escola?

- Nunca
- Uma vez ou duas
- Duas ou três vezes por semana
- Todas as semanas
- Todos os dias

12. Na tua escola, foste informado sobre como prevenir o bullying?

- Nunca
 Por vezes
 Frequentemente

13. Se respondeste “Sim”, por quem?

- Professores
 Funcionários
 Outro. Quem? _____

14. Na tua escola, já participaste em ações de prevenção sobre o bullying?

- Nunca
 Por vezes
 Frequentemente

15. Em casa, os teus pais falam contigo sobre como prevenir o bullying?

- Nunca
 Por vezes
 Frequentemente

16. Na tua opinião, o que poderia ser feito para prevenir o bullying na tua escola?

Assinala apenas as 5 medidas mais importantes.

- Mais informação aos estudantes
 Mais informação aos pais
 Mais responsabilização dos estudantes
 Mais responsabilização dos pais
 Mais atenção dos professores a situações de bullying
 Mais apoio às vítimas por parte dos professores
 Mais castigos aos agressores
 Mais diálogo com os estudantes sobre regras de convivência
 Mais diálogo com os estudantes e os pais sobre regras de convivência
 Outro. Qual? _____

17. Qual a tua opinião sobre o bullying e a forma como poderá ser feita a prevenção deste fenómeno, em contexto escolar?

Obrigado pela colaboração

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

O presente inquérito tem como objetivo recolher informação acerca das representações de pais/encarregados de educação de estudantes de uma escola angolana, sobre **PREVENÇÃO DO BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR**. É anónimo e confidencial. Os dados recolhidos destinam-se, exclusivamente, a um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Lusófona do Porto.

Obrigado pela colaboração.

1. Dados pessoais:

Sexo _____ Idade _____ Profissão _____

Habilitações (último ano/nível de escolaridade) _____

Assinale ao lado, com um X, as tuas respostas, ou responda ao que é pedido.

2. O seu filho já foi vítima de bullying na escola, neste ano letivo?

- Não sei
 Uma ou duas vezes
 Duas ou três vezes por mês
 Todas as semanas
 Todos os dias

3. Ao longo da escolaridade, quando é que o seu filho foi vítima de bullying?

- Nunca
 Algumas vezes
 Muitas vezes

4. Como sabe quando o seu filho é vítima de bullying?

- O meu filho nunca foi vítima de bullying
 O meu filho foi vítima mas não me contou
 O meu filho contou-me
 O professor contou-me
 Outra pessoa contou-me. Quem? _____

5. Contactou a escola, quando o seu filho foi vítima de bullying?

- Nunca foi vítima, por isso nunca contactei a escola
 Foi vítima, mas nunca contactei a escola
 Sempre
 Frequentemente
 Por vezes
 Quase nunca
 Nunca

6. Considera que os estudantes ajudam outros estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
 Frequentemente
 Por vezes
 Quase nunca
 Nunca

7. Considera que os professores da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

8. Considera que os funcionários da escola ajudam os estudantes vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

9. O seu filho maltrata outros colegas na escola?

- Nunca maltratou outros colegas
- Maltratou algumas vezes
- Maltratou muitas vezes
- Não sei

10. Na escola, foi informado sobre como prevenir o bullying?

- Nunca
- Por vezes
- Frequentemente

11. Se respondeu “Sim”, por quem?

- Professores
- Diretor
- Funcionários
- Outro. Quem? _____

12. Na escola, participou em ações de prevenção sobre o bullying?

- Nunca
- Por vezes
- Frequentemente

13. Em casa, fala com o seu filho sobre como prevenir o bullying?

- Nunca
- Por vezes
- Frequentemente

14. Na sua opinião, o que poderia ser feito para prevenir o bullying na escola?

Assinale apenas as 5 medidas mais importantes.

- Mais informação aos estudantes
- Mais informação aos pais
- Mais responsabilização dos estudantes
- Mais responsabilização dos pais
- Mais atenção dos professores a situações de bullying
- Mais apoio às vítimas por parte dos professores
- Mais castigos aos agressores
- Mais diálogo com os estudantes sobre regras de convivência
- Mais diálogo com os estudantes e os pais sobre regras de convivência
- Outro. Qual? _____

17. Qual a sua opinião sobre o bullying e a forma como poderá ser feita a prevenção deste fenómeno, em contexto escolar?

Obrigado pela colaboração